



A **PROFISSÃO** DE **ARQUITETO**

COMPETÊNCIAS E APTIDÕES
FORA DA ARQUITETURA

CONEXÕES MORFOLÓGICAS
O MUSEU DE SINES

ISCTE-IUL
Luís Martins
Novembro, 2016

Ana Aragão





**Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Luís Sérgio Gonçalves Santos Martins

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

A profissão de arquiteto: competências e aptidões fora da arquitetura

Orientador:

Doutor, Vasco Nunes da Ponte Moreira Rato, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Acupuntura Urbana

Orientador:

Doutor, Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

*Caminhos longos
Criam vitórias únicas
Sim, acabou*

Novembro, 2016

Parte I

VERTENTE TEÓRICA

*A profissão de arquiteto
Competências e aptidões fora da arquitetura*

Parte II

VERTENTE PRÁTICA

*Acupuntura Urbana
Conexões Morfológicas - Museu de Sines
Centro de Apoio Social*

Parte I

VERTENTE TEÓRICA

*A profissão de arquiteto
competências e aptidões fora da arquitetura*

Acho a arquitetura uma das profissões mais bonitas do mundo.

Ao projetar, eu sentia-me um Deus.'

José António Saraiva, entrevista em anexo (Anexo C.1.)

Resumo

Aos olhos de uma sociedade em constante mutação, a profissão de arquiteto é a chave principal na incessante procura de soluções aos diversos problemas sociais. Define-se, essencialmente, por uma profissão de planeamento capaz de atuar no presente e pensar sobre o futuro, recaindo sobre si a forte responsabilidade de assumir o que a todos nos envolve, hoje e amanhã.

Numa fase amplamente crítica das ações diretas de cada arquiteto, o fraco investimento e consequente diminuição de trabalho faz desesperar inúmeros jovens arquitetos a cada novo ano, na expectativa de seguir o sonho para que tanto lutaram. Numa profissão cada vez mais fustigada pela crise económica que se instalou em Portugal em 2008, torna-se essencial repensar a sua estrutura e ligação direta ao mercado de trabalho, procurando mudar o futuro mais próximo.

Esta realidade vem colocar à prova as competências de um profissional em arquitetura, abrindo novas opções em diferentes eixos da sociedade. Marcadamente jovem e abrangente no seu leque de ações, o arquiteto tem vindo a procurar alternativas práticas na sua profissão de modo a encontrar a sua estabilidade profissional e financeira.

Num longo de trabalho e pesquisa, procura-se definir o que é a profissão de arquiteto atualmente em exercício em Portugal, encontrando caminhos de ação noutras áreas fora da arquitetura. Numa primeira fase, uma breve apresentação da profissão de arquiteto, nomeadamente das suas funções na área profissional e a evolução em Portugal. De salientar a tensão entre vocação e profissão, muito debatida no seio da sociologia das profissões. Numa segunda parte, sublinha-se a diferença entre os cursos de arquitetura do ensino superior em Portugal, destacando os pontos positivos e negativos na formação, comprovados com inquéritos a atuais estudantes e recém-formados em arquitetura, resultando num breve estado da profissão. Por fim, destacam-se as opções fora da arquitetura pelas quais o arquiteto tem optado nos últimos anos, numa coleção de testemunhos reais de recém-diplomados em busca da sua estabilidade noutras áreas.

Não é apenas um trabalho de investigação. É uma conclusão de que o panorama arquitetónico português precisa de ser repensado e estruturado. É um alerta para a situação de milhares de jovens arquitetos em busca de um sonho. É a realidade da profissão de arquiteto em Portugal. Mas acima de tudo, a procura de uma solução, e a abertura de novos caminhos nas funções do arquiteto.

Palavras chave: arquiteto, profissão, arquitetura, sucesso, capacidade, vocação, futuro.

Abstract

In the eyes of a constantly changing society, the architectural profession is the main key in the incessant search for solutions to various social problems. It is defined mainly by a profession of planning capable of acting in the present and thinking about the future, that regards and bears strong responsibility about what surrounds everyone, today and tomorrow.

A broadly critical phase of the direct actions of each architect, weak investment and consequent reduction of work is despairing countless young architects every year, with the expectation of following the dream for which they fought so hard. A profession increasingly buffeted by the economic crisis that has taken place in Portugal in 2008, it is essential to rethink its structure and direct link to the labour market, seeking to change the near future.

This reality has been put to the test the skills of a professional in architecture, opening up new options in different axes of society. Markedly young and comprehensive in its range of actions, the architect has been looking for alternative practices in his/her profession in order to meet professional and financial stability.

In a long research work, this dissertation seeks to define what is currently the architecture profession in Portugal, finding courses of action in other areas outside of architecture. Initially, a brief presentation of the architectural profession is presented, in particular the functions in the professional field and the evolution in Portugal. The tension between vocation and profession, much debated within the sociology of professions. The second part highlights the difference between academic architecture programs in higher education in Portugal, highlighting the strengths and weaknesses in training, proven by surveys of current students and recent graduates in architecture, resulting in a brief state of the profession. Finally, the professional options outside architecture that have been the option for architects in recent years are highlighted, through a collection of real testimonies of recent graduates in search of stability in other areas.

It is not just a research work. It is a conclusion that the actual landscape Portuguese architecture needs to be rethought and restructured. It is an alert to the situation of thousands of young architects in search of a dream. It is the reality of the architectural profession in Portugal. But above all, the search for a solution, and the opening of new paths in the architect functions.

Keywords: architect, profession, architecture, success, ability, vocation, future.

Para a pessoa mais importante.
Para a pessoa que sempre acreditou.
Para a melhor pessoa de todas.

Para a minha mãe.

À *a minha avó Lurdes*, por toda a força que me deu ao longo dos tempos.

Ao meu avô, cujas últimas palavras foram de força e desejo de sucesso.

Aos meus dois 'pais', pelo que me ajudaram a conseguir os meus objetivos de diferentes formas e proximidades.

À *minha madrinha*, pela constante palavra de força e coragem, e à *minha prima*, que aos poucos vai crescendo sem se notar.

Ao António, à Liliana e ao Martim, e a todo o grupo do Aventura Radical por todos os bons momentos (*Inês, Bernardo, Nádia, Ivo, Louro, Filipa*). São família.

À *Caca*, todo o apoio que me deu dia após dia, pela amizade constante e pelo carinho sentido.

Ao Pedro Abalada, à Juliana Mota, à Inês Viegas, ao João Fonseca, ao Samuel Dias, ao Hugo Coelho, ao afilhado Hugo Martins, à Adriana Afonso, ao Chen Tao, e a todos os colegas do curso que me ajudaram a cada dia.

À *Luísa Gouveia, à Ana Carolina, à Joana Dinis, ao Rúben Mendonça, ao João Ribeiro, ao André Pereira, ao João Mineiro, à Catarina Monteiro, à Lia Nóbrega, à Ângela Silva, à Maria Inês*, e a todos os amigos que fiz no ISCTE-IUL.

À *AEISCTE-IUL e a todos os bons amigos que lá fiz*, por tudo o que aprendi e me ajudou a crescer, e pelo espaço marcado para eu trabalhar.

Ao melhor orientador, Vasco Rato, pela confiança e amizade desde o primeiro minuto e por todo o apoio que me deu ao longo destes anos.

Ao melhor tutor, Pedro Pinto, pelo incansável apoio a alguém que tanto precisava, e por nunca ter desistido nem me ter deixado desistir.

Ao professor Paulo Tormenta Pinto, pela força no momento certo que me fez ultrapassar uma fase complicada.

Ao meu grupo de trabalho, *Ana Fragata, Andreia Tavares, Nádia Gomes, Sara Baião e Susana Rego*, pela paciência e esforço que levou à distinção na Trienal de Arquitetura de Lisboa.

À *Adriana Afonso, Alexandra Correia, Ana Aragão, Ana Rita Dias, António Baeta, Cátia Almeida, Cátia Martins, Carolina Medeiros, Clara Pereira, Daniela Simões, Duarte Silva (Feeders), Eduardo Filho, Eugénio Almeida, Fábio Correia, Inês Mendes Trigo, Ismael Prata, Joaquim Silva (Feeders), João Santa Rita, José António Saraiva, José Capela, José Piteira, Juliana Mota, Lara Seixo Rodrigues*,

Leandro Ribeiro, Leonor Cício, Lourenço Thomaz, Mafalda Souto Pinheiro, Manuel Rebello de Andrade, Margarida Marques, Miguel Ângelo, Nuno Potier, Paulo Aguiar, Pedro Abalada, Pedro Pinto, Ricardo Borges Duarte, Rita Cepa, Rúben Viegas, Sara Pinheiro, Tiago Pedro e Tomé Gouveia pela disponibilidade e colaboração nas entrevistas para esta dissertação.

Aos que nunca acreditaram, aqui está a vossa resposta.

Ficaram imensos por citar. Um percurso tão longo e tão rico nunca é feito sozinho, onde as relações que se criam em cada momento o torne tão único e especial. A todos os que citei, e aos que ficaram por citar, um grande MUITO OBRIGADO! Foi uma prova longa demais, mas que será certamente inesquecível em todos os momentos!

Índice de tabelas**Índice de gráficos****10 1. Introdução**

- 10 1.1. Contextualização
- 11 1.2. Objetivos
- 11 1.3. Metodologia
- 12 1.4. Estrutura da tese

14 2. Estado da Arte**18 3. A profissão de arquiteto**

- 18 3.1. Profissão e vocação – A sociologia das profissões
- 19 3.2. Ser arquiteto ao longo dos tempos
- 21 3.3. O arquiteto em Portugal
- 23 3.4. A função do arquiteto atual

28 4. A formação de arquiteto

- 28 4.1. O ensino da arquitetura em Portugal
- 32 4.2. O processo de Bolonha
- 33 4.3. O panorama do ensino da arquitetura visto pelos estudantes
- 39 4.4. Síntese das entrevistas a *Pedro Pinto*, arquiteto e docente do ISCTE-IUL e a *João Santa Rita*, arquiteto e Presidente da Ordem dos Arquitetos.

44 5. Já sou arquiteto/a. E agora?

- 44 5.1. O panorama da profissão visto pelos arquitetos
- 49 5.2. As razões de uma mudança

51	5.3. Síntese das entrevistas a <i>Adriana Afonso, Alexandra Correia, Ana Rita Dias, Cátia Almeida, Carolina Medeiros, Clara Pereira, Daniela Simões, Eduardo Filho, Eugénio Almeida, Fábio Correia, Inês Mendes Trigo, Ismael Prata, José Piteira, Juliana Mota, Leonor Cício, Mafalda Souto Pinheiro, Manuel Rebello de Andrade, Margarida Marques, Nuno Potier, Paulo Aguiar, Pedro Abalada, Ricardo Borges Duarte, Rita Cepa, Rúben Viegas, Sara Pinheiro, Tiago Pedro, Tomé Gouveia</i> , diplomados em arquitetura a trabalhar em diferentes áreas.
54	6. O arquiteto do futuro
54	6.1. As características do arquiteto
56	6.2. A mãe de todas as áreas: a arquitetura
59	6.3. Síntese de entrevistas a casos de sucesso de arquitetos noutras áreas: <i>Ana Aragão, António Baeta, Cátia Martins, Duarte Silva e Joaquim Silva (Feeders), José António Saraiva, José Capela, Lara Seixo Rodrigues, Leandro Ribeiro, Lourenço Thomaz e Miguel Ângelo</i> .
64	7. Conclusões
70	Referências bibliográficas
74	Anexo A
74	A.1. Entrevista a João Santa Rita , arquiteto e Presidente da Ordem dos Arquitetos;
76	A.2. Entrevista a Pedro Pinto , arquiteto e docente no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;
96	Anexo B
	B. Entrevistas a jovens arquitetos a desenvolver atividades fora da área da arquitetura:

- 96 B.1. **Adriana Afonso**, funcionária numa empresa de moldes de carros;
- 97 B.2. **Alexandra Correia**, dentista;
- 98 B.3. **Ana Rita Dias**, supervisora de loja;
- 99 B.4. **Cátia Almeida**, seguradora;
- 99 B.5. **Carolina Medeiros**, joalharia;
- 100 B.6. **Clara Pereira**, investigadora;
- 101 B.7. **Daniela Simões**, guia turística e intérprete do património;
- 102 B.8. **Eduardo Filho**, fundador da empresa INSPIRING FUTURE;
- 103 B.9. **Eugénio Almeida**, business developer;
- 105 B.10. **Fábio Correia**, designer de comunicação no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;
- 105 B.11. **Inês Mendes Trigo**, consultora de gestão na área da banca e seguros;
- 106 B.12. **Ismael Prata**, fotógrafo de moda;
- 109 B.13. **José Piteira**, em formação na área dos videojogos;
- 110 B.14. **Juliana Mota**, agente de turismo;
- 110 B.15. **Leonor Cício**, marketing e comunicação numa empresa de restaurantes;
- 111 B.16. **Mafalda Souto Pinheiro**, subgerente na empresa Continente (SONAE);
- 112 B.17. **Manuel Rebello de Andrade**, gestor de marca na empresa OLÁ (Unilever Jerónimo Martins);
- 113 B.18. **Margarida Marques**, gestora numa clínica veterinária;
- 114 B.19. **Nuno Potier**, analista consultor;
- 115 B.20. **Paulo Aguiar**, contabilista na empresa MAIN;
- 116 B.21. **Pedro Abalada**, funcionário de restauração;
- 116 B.22. **Ricardo Borges Duarte**, Key account numa multinacional de centros comerciais;
- 117 B.23. **Rita Cepa**, mediadora imobiliária e gerente na empresa REMAX;
- 119 B.24. **Rúben Viegas**, freelancer;
- 119 B.25. **Sara Pinheiro**, fotógrafa e produtora de vídeos;

- 120 B.26. **Tiago Pedro**, engenheiro de software e programação como bolsheiro de investigação e cofundador de uma start-up;
- 121 B.27. **Tomé Gouveia**, assistente de cozinha de restaurante, designer gráfico, gestão de redes sociais e travel blogger;

123 Anexo C

- C. Entrevistas a um conjunto de arquitetos com trabalho de sucesso noutras áreas, e a parceiros de arquitetos em diferentes projetos.
- 123 C.1. Entrevista a **José António Saraiva**, arquiteto e jornalista português;
- 125 C.2. Entrevista a **Miguel Ângelo**, arquiteto e músico na banda Delfins;
- 127 C.3. Entrevista a **Lourenço Thomaz**, arquiteto e sócio fundador da empresa PARTNERS;
- 130 C.4. Entrevista a **José Capela**, arquiteto e Codirector artístico e cenógrafo da companhia Mala Voadora;
- 132 C.5. Entrevista a **Duarte Silva** e **Joaquim Silva, Feeders**, empresa de arquitetura, design e eventos;
- 137 C.6. Entrevista a **António Baeta**, professor e diretor de um campo de férias;
- 138 C.7. Entrevista a **Cátia Martins**, ilustradora e fotógrafa;
- 140 C.8. Entrevista a **Ana Aragão**, ilustradora e pintora;
- 143 C.9. Entrevista a **Lara Seixo Rodrigues**, arquiteta e artista;
- 145 C.10. Entrevista a **Leandro Ribeiro**, arquiteto e cenógrafo;

Índice de tabelas

Tabela 1: Comparação dos planos de estudo de 11 cursos de arquitetura em diferentes instituições portuguesas, em julho de 2016.

Tabela 2: Comparação dos resultados do inquérito por curso de arquitetura/instituição, considerando apenas o curso com mais do que 2 respostas; Avaliação de 1 a 5, considerando o 1 'Muito Fraco' e o 5 'Muito Bom'.

Tabela 3: Comparação dos resultados do inquérito por ano escolar;

Tabela 4: Comparação entre os inscritos na Ordem dos Arquitetos e os inquiridos a trabalhar na área de arquitetura.

Tabela 5: Comparação dos resultados do inquérito por curso de arquitetura/instituição, considerando apenas o curso com mais do que 3 respostas; Avaliação de 1 a 5, considerando o 1 'Muito Fraco' e o 5 'Muito Bom'.

Tabela 6: Comparação dos resultados dos dois inquéritos (atuais alunos e ex-alunos).

Índice de gráficos

Gráfico 1: Percentagem de inscritos na Ordem dos Arquitetos entre os 252 inquiridos.

Gráfico 2: Percentagem de inquiridos a trabalhar na área da arquitetura.

INTRODUÇÃO

ESTADO DA ARTE

1. Introdução

'A forma como os arquitectos exploram o mercado de trabalho está a mudar. Se antes, a maioria dos novos profissionais era absorvida pelos gabinetes, hoje em dia o cenário é outro. Há cada vez mais arquitectos que traçam novas linhas e projectam outros caminhos, das artes ao design, passando pela edição ou curadoria. Mas conseguem marcar a diferença por continuarem a ser arquitectos.'

(Barcellos, 2014)

1.1. Contextualização

A realidade com que os arquitetos se têm deparado aquando da conclusão da sua formação é, atualmente, uma das questões mais discutidas entre o mundo da arquitetura em Portugal. A notícia acima referida, datada de 2014, foi apenas uma das provas de que a questão já ultrapassa as fronteiras da arquitetura. Nos mais recentes dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística – edição 2015 do Relatório da Cultura (Instituto Nacional de Estatística, 2015) – existiam, à data, cerca de 9052 alunos inscritos nas áreas de Arquitetura ou Urbanismo (menos 306 do que em 2013 e menos 2266 do que em 2010), resultando em 2028 diplomados nesse mesmo ano. Por outro lado, a Ordem dos Arquitetos apresentou, em janeiro de 2013, a atualização dos dados referentes ao trabalho de Manuel Villaverde Cabral e Vera Borges, intitulado *Relatório Profissão: Arquitecto/a (Cabral & Borges, Relatório Profissão: Arquitecto/a. Estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos, 2006)*, onde retratam a profissão de arquiteto e a sua evolução. Nessa atualização, havia um universo de 15843 arquitetos inscritos na Ordem dos Arquitetos, comparados com os 12632 arquitetos aquando do relatório inicial, o que perfaz uma diferença de 3211 inscritos em 7 anos. Um dado curioso, verificando o número de diplomados entre 2010 e 2014 (11445), o que nos deixa uma questão: **quantos serão (e o que fazem) os arquitetos em Portugal?**

No seio destes números expressivos, ressalva a escassa oferta de emprego que se exponenciou com a crise financeira que assolou Portugal a partir de 2008. O desemprego e respetiva falta de oportunidades numa área congestionada de profissionais colocou um sério desafio aos novos diplomados: o que fazer a partir de agora? Em mercados cada vez mais competitivos e em adaptação às novas tecnologias, este aumento do número de diplomados revela um “desajuste entre a oferta e a procura, o que teve um impacto

negativo sobre o volume de trabalho, os salários e os rendimentos da profissão.” (Ordem dos Arquitectos, 2013, p. 10)

1.2. Objetivos

O trabalho aqui iniciado coloca uma questão pertinente: **o que será o futuro da profissão de arquiteto?**

Com esta base problemática define-se como objetivo perceber as reais capacidades do arquiteto, de modo a que este possa expandir as suas opções de empregabilidade. Pretende-se igualmente explorar a profissão de arquiteto no seio da arquitetura, de modo a clarificar os limites da profissão e, porventura, ajudar na definição das funções de um arquiteto. Por outro lado, pretende-se estudar o concorrido curso de arquitetura no ensino superior, procurando novos caminhos e opções de forma a que a formação seja cada vez mais completa e direcionada a um futuro.

1.3. Metodologia

A elaboração desta dissertação envolveu a necessidade de alargar as fontes de informação, visto ser um tema em constante mutação e bastante recente, até pelo elevado número de diplomados que não parou de aumentar nos últimos anos. Além das publicações referidas nas referências bibliográficas, com destaque para o ponto de situação efetuado em 2006 através do *Relatório Profissão: Arquiteto/a*, a novidade do tema leva a uma pesquisa mais alargada. Na procura de uma amostra sobre a profissão, pretende-se recorrer a dois inquéritos on-line, através de grupos de alunos de diferentes universidades. Um, mais focado nos atuais alunos de arquitetura, onde se pretende avaliar as considerações sobre o ensino e o futuro em cada ano letivo; e um segundo a jovens arquitetos, na expectativa de avaliar os caminhos optados e os planos de futuro, percebendo as dificuldades sentidas no início de cada percurso.

Por outro lado, é necessário compilar diversas opiniões que este tema suscita: a membros de relativa importância na arquitetura, que se tenham debruçado sobre o tema em diversos casos; e o ponto de vista de alguns exemplos de antigos alunos que seguiram caminhos fora da arquitetura, explicando as suas dificuldades e as opções tomadas.

1.4. Estrutura da tese

A exploração do tema está dividida em quatro capítulos, na tentativa de reforçar a base teórica e, conseqüentemente, construir uma ideia conclusiva.

1. A definição da profissão de arquiteto, tanto a nível sociológico como a nível profissional, reforçando o confronto entre vocação e profissão, e o crescimento da profissão em Portugal. Para as conclusões deste capítulo, é importante sublinhar o trabalho da investigadora Vera Borges, com várias publicações sobre a sociologia das profissões, e o trabalho do arquiteto Pedro Brandão na análise à evolução do arquiteto em Portugal.

2. A formação do arquiteto, numa análise aos planos de estudo de diversos cursos do ensino superior de arquitetura, sublinhando a importância do Processo de Bolonha na transformação do ensino e procurando uma noção geral do estado do ensino em Portugal. Neste capítulo é elaborado um inquérito a atuais alunos do curso de arquitetura, na tentativa de perceber as expectativas quanto ao futuro e as avaliações de diversos tópicos à própria formação. Sublinha-se, igualmente, o contributo do Presidente da Ordem dos Arquitetos, o arquiteto João Santa Rita, e do docente Pedro Pinto, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com uma tese de doutoramento sobre o ensino da arquitetura.

3. A situação dos jovens arquitetos após a formação, relatando alguns exemplos que seguiram um novo rumo através de uma nova profissão. Torna-se fulcral, neste capítulo, a percepção de um setor cada vez mais jovem e acompanhado por uma taxa de desemprego cada vez mais elevada. Para isso contribui um inquérito realizado a jovens arquitetos, analisando a formação e os primeiros anos de profissão, e diversas entrevistas que complementam a informação de uma forma direta e eficaz.

4. A procura de um novo caminho como solução para alguns jovens arquitetos, culminando com exemplos práticos de sucesso noutras áreas.

2. Estado da Arte

O tema em desenvolvimento ao longo desta dissertação debate-se na realidade dos jovens arquitetos, numa procura incessante de procurar um lugar na área da arquitetura. Ao longo dos últimos anos, tem havido a necessidade de regular a profissão devido ao excessivo número de arquitetos diplomados em cada ano, atingindo os 2028 profissionais em 2014 (Instituto Nacional de Estatística, 2015). Depois da criação dos cursos de arquitetura no ensino superior público nos anos 50 e o privado nos anos 80, a Ordem dos Arquitetos tem procurado avaliar a situação profissional dos arquitetos desde a sua formação, que coincidiu num relatório encomendado aos sociólogos Manuel Villaverde Cabral e Vera Borges denominado *Relatório Profissão: Arquitecto/a*. Publicado em 2006, em véspera de entrada do Processo de Bolonha no ensino superior português, o relatório desenvolve uma visão sociológica sobre a profissão de arquiteto através do confronto *Vocação vs Profissão*, confrontando os arquitetos com os advogados, economistas e engenheiros na génese da sua profissão. Por outro lado, o relatório apresenta um inquérito realizado a 3198 arquitetos inscritos na Ordem (num total de 12632 inscritos nesse ano), com um olhar sobre o estado da profissão em Portugal. Em 2006 era possível perceber a extrema juventude na profissão, com *'a maioria absoluta dos arquitectos inscritos actualmente na Ordem não completou ainda 35 anos e chegou, portanto, à profissão há dez anos ou menos.'* (Cabral & Borges, *Relatório Profissão: Arquitecto/a. Estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos, 2006, p. 26*), e na diferença ainda acentuada entre géneros, com as arquitetas a serem mais críticas com a profissão, mas a serem menos participativas e empreendedoras na organização da profissão e, conseqüentemente, na estrutura da Ordem dos Arquitetos. Lisboa e Porto constituem-se como os centros dos formados, reforçados pela presença das instituições de ensino superior e pelas oportunidades de emprego. Através dos inquéritos é também possível perceber que a maioria dos arquitetos exerce mais do que uma atividade (compatível ou não com a arquitetura), muitas vezes ainda durante a formação. Este fator está em decréscimo, acentuando a dificuldade em entrar no mercado de trabalho, levando muitas vezes a uma continuação dos estudos para pós-graduações ou doutoramentos, principalmente no caso das arquitetas. Apesar da maioria exercer mais do que uma atividade, os rendimentos tendem a ser baixos, um dado que se acentua nas arquitetas por trabalharem como assalariadas ao invés dos arquitetos que trabalham preferencialmente por conta própria. Para finalizar, o relatório destaca a concorrência, o excesso de profissionais e os problemas legais como os principais problemas que a profissão sente no seu desenvolvimento. Na continuação deste

relatório, a socióloga e investigadora Vera Borges desenvolve dois artigos sobre a profissão de arquiteto: um onde explora o tema vocação vs profissão através do capítulo *'Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquiteto'* no livro *Profissão e Vocação* da autora Ana Delicado; e outro na revista científica 'Sociologia: Problemas e Práticas', onde explora os conceitos de *renome e reputação* na arquitetura no artigo *'Reputação, mercado e território: o caso dos arquitetos'*.

Porém, no mesmo ano, o arquiteto Pedro Brandão publica o livro *'O arquitecto e outras imperfeições'*, onde vai mais longe na análise da profissão e desenvolve um historial da mesma ao longo de séculos passados, incidindo depois no desenvolvimento da profissão de arquiteto em Portugal tanto a nível organizacional como a nível legal.

Num caminho paralelo a estas visões da profissão, muitas vezes sociológicas, a Ordem dos Arquitectos tem vindo a desenvolver diversos temas através do *'Boletim Architectos'*, com foco nas edições 230 de março de 2013 (com o tema *'Emprego'*), 232 de outubro de 2013 (com o tema *'Ensino/Formação'*), e 235 de julho de 2015 (com o tema *'Estatuto'*). Entre estas, é importante destacar a atualização do *Relatório Profissão: Arquitecto/a* de 2006 mencionado acima, encomendado pela Ordem dos Arquitectos e apresentado em janeiro de 2013 denominado *"Estudo de caracterização dos Arquitectos portugueses e da sua atividade profissional"*, com 2633 respostas em 15843 inscritos na Ordem nessa altura, reforçando as ideias do original, principalmente a juventude da profissão, ultrapassando já os 55% de arquitetos formados entre 2000 e 2012, e o aumento exponencial do desemprego, atingindo os 26,5% dos inquiridos nesta atualização. Fica por saber nos dois inquéritos (e até aos dias de hoje) o número de arquitetos que não estão inscritos na Ordem dos Arquitectos.

A PROFISSÃO DE ARQUITETO

3. A rofissão de arquiteto

3.1. Profissão e vocação – A sociologia das profissões

'Tal como se apresenta hoje, a arquitectura continua dividida entre um ethos estético-social, que a coloca entre as profissões de índole artística, caracterizadas por um crescimento exponencial da oferta profissional, e um ethos tecnocientífico que, por seu turno, a coloca no caminho do profissionalismo da base académica. Em suma, um conjunto de profissionais partilhado (...) entre vocação e profissão.'

(Cabral & Borges, Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquitecto. , 2010, p. 159)

A tensão entre vocação e profissão no seio da arquitetura é uma das questões mais discutidas na sociologia das profissões, que destaca duas teorias na tentativa de definir 'o que é uma profissão':

- *Teoria funcionalista*, que tem como base a comparação entre as 'profissões tradicionais' (Medicina ou Advocacia), em que uma profissão é controlada por uma formação normativa, um conjunto de regras e um código de conduta, que tem como base a ética da profissão. Nesta teoria torna-se essencial o papel das universidades na definição da prática da profissão, e a criação de entidades que regulem a profissão.

- *Teoria interaccionista*, que define *'a profissão como um produto da vida social, dedicando especialmente atenção ao conflito social. É pertinente considerar esta abordagem nas profissões com cunho artístico (...) em que o resultado é medível pelo reconhecimento social (pela crítica, pelo público, pelas instituições, etc).'* (Brandão, 2006, p. 36).

Descreve-se, portanto, uma profissão que não só depende dos conhecimentos técnicos conjugados à sua função prática, mas também das relações que desenvolve no seu exercício, levando cada vez mais jovens profissionais à busca de uma recompensa simbólica (ao invés da recompensa monetária). Define-se, por isso, numa profissão artística, sendo que *'a arte não é um ofício, nem uma actividade de lazer. É um híbrido anormal entre os dois'* (Freidson, 1994, p. 134). É nestas questões simbólicas que a 'vocação' em arquitetura se manifesta, sendo *'associadas a tarefas não rotineiras, com gratificações psicológicas e sociais elevadas em caso de sucesso'* (Cabral & Borges, Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquitecto. , 2010, p. 152), destacando o *'dom'* e o *'reconhecimento'* como principais eixos. É, por isso, uma forte tensão entre a criatividade, inspiração, experiência e intuição em

busca de um reconhecimento social (vocação) e todas as questões técnicas desenvolvidas na profissão de arquiteto, muitas vezes discutidas até com a profissão de engenheiro. Por ser a profissão mais abrangente entre as de índole artística, é que a tensão apresentada se destaca em prol de outras profissões, reunindo um maior número de jovens e cursos de ensino superior e, conseqüentemente, jovens profissionais.

3.2. Ser arquiteto ao longo dos tempos

A profissão de arquiteto na história nem sempre teve a posição demarcada que tem hoje, sendo muitas vezes aclamada apenas pelo seu contributo teórico ou participação em edifícios com características próprias e que requeria um profissional com conhecimentos manuais ou práticos. Apesar de ter relações com os ricos e poderosos da sociedade, nem sempre o arquiteto foi uma figura de destaque, quer económica ou socialmente, sendo muitas vezes o artista e, ao mesmo tempo, o trabalhador intelectual.

Desde cedo na história que a função do arquiteto se destaca na resposta às questões levantadas pela sociedade, surgindo muitas vezes em casos de necessidade ou, num caminho oposto, de prova de luxo e poder. Assim foi no Antigo Egipto, associados à classe sacerdotal na elaboração de obras divinas, garantindo o acesso ao conhecimento científico e artístico, passado no seio das famílias. Mais tarde, no esplendor da arquitetura grega, o arquiteto ganha destaque pelos seus conhecimentos técnicos (numa aproximação à engenharia, física, geometria e mecânica), passando além dos templos e palácios dos impérios agrários, surgindo agora na fundação da cidade e a todos os programas agregados: praças, avenidas, aquedutos e estruturas urbanas, aumentando assim a sua importância e respetiva procura. Após a dicotomia sentida entre autor e construtor até então, o arquiteto passa a ter relevo na sociedade, passando a ser reconhecido pela sua intelectualidade e autoridade no domínio do conhecimento da obra. No entanto, é no Império Romano que a profissão de arquiteto se destaca socialmente, chegando a libertar-se das obrigações militares e aproximando-se da Corte, ou até do Imperador. Era uma profissão caracterizada pelos seus conhecimentos em diversas áreas, principalmente no desenho e construção, e recompensadas através de um salário e a respetiva responsabilização presente na lei.

Porém, na época medieval a profissão ganha destaque na articulação com o seu principal cliente – a Igreja, assumindo uma *autoridade estilística* (Brandão, 2006, p. 54), tornando-se no principal responsável pela construção e, ao mesmo tempo, o principal transmissor de conhecimento (numa forma fechada e muitas vezes familiar) a grupos de artesãos.

O Renascimento é, porventura, a base da profissão do arquiteto moderno. Este define-se como culto, transmitindo o seu conhecimento à sociedade e tornando a profissão *um estudo para letrados* (Brandão, 2006, p.58). É nesta época que a profissão se torna liberal, tanto nos processos de trabalho como na escolha dos métodos, enfatizando o desenho como principal ferramenta de trabalho, e a separação das responsabilidades entre o projeto e a obra. Mais tarde, ainda em período Barroco, surgem as grandes oficinas de trabalho e o nascimento de uma nova disciplina: a engenharia.

É a partir do século XIX que o arquiteto se aproxima da profissão que é hoje, como descreve o Presidente do RIBA (Royal Institute of British Architects) em 1878 (Sir John Soan): '*O dever do arquitecto é fazer os desenhos e cálculos, dirigir as obras e medir e avaliar as distintas partes; é o agente intermediário entre o patrão, cuja honra e interesse deve ter em conta, e o mecânico, cujos direitos deve defender. A sua situação implica grande confiança; é responsável pelos erros, negligências e ignorância daqueles a quem dirige; e sobre tudo deve ter cuidado com que as facturas dos trabalhadores não excedam os seus próprios cálculos.*'

Não se identifica, por isso, uma profissão demarcada ao longo dos tempos, numa dicotomia entre o artista e o artesão, o mestre e o detentor do conhecimento, numa estreita proximidade e respetiva passagem de conhecimento direta. Por outro lado, Pedro Brandão levanta uma série de características e aptidões técnicas que define o arquiteto de hoje, no longo percurso histórico da profissão, com destaque para os 'Processos e métodos de trabalho, posição na estrutura social e económica, valores éticos da profissão, organização coletiva e relações com o poder político', entre outros (Pedro Brandão, 2006, 65). Concluiu-se, portanto, haver uma evolução da profissão ao nível do seu estatuto e passagem de testemunho, destacando-se pelo seu conhecimento técnico e convicções na relação com a sociedade.

3.3. O arquiteto em Portugal

'(...) de (19)85 para a frente Portugal entrou na Europa, começaram a entrar aos milhões e eram só universidades, quartéis de bombeiros, hospitais, equipamentos, e havia trabalho para toda a gente. Depois quando a coisa esmoreceu, venha de lá o CCB (centro Cultural de Belém), depois venha de lá os museus todos, depois venha os museus mais os teatros, mais os anfiteatros, mais os auditórios, mais os não sei quê municipais, mais tudo. Depois quando tudo ai ai, venha de lá a Expo 98, depois venha de lá o Europeu de 2004 e, como não foi suficiente, tomem lá 25 pólis, 25 cidades todas para revolucionar.

O que acontece é que depois vem uma crise e tudo acabou...'

João Santa Rita, entrevista em anexo (Anexo A.1.)

A história da profissionalização do arquiteto em Portugal é relativamente escassa, sobressaindo mais a arquitetura portuguesa ao invés do seu autor. Importa destacar, no entanto, a reconstrução pombalina, em que o prestígio e poder social da profissão teve uma maior dimensão. Até aqui, o arquiteto era detentor do conhecimento, normalmente importado, passado em torno de mestres em estaleiros de grandes obras. A família continuava a ser a principal passagem de conhecimento, em que os maiores clientes eram a Igreja ou a Corte, numa arquitetura erudita. (Brandão, 2006)

O início do associativismo dos arquitetos em Portugal remonta a 1602, com a *Irmandade de São Lucas*, uma associação religiosa que agregava arquitetos e outras profissões artísticas. Mais tarde, e após uma longa procura de proteção do património arquitetónico existente, nasce a *Associação dos Arquitetos Civis Portugueses*, a cargo do arquiteto da casa real Joaquim Possidónio da Silva, que viria mais tarde a tornar-se a *Real Associação dos Arquitetos Civis e Arqueólogos Portugueses*. É entre 1902 e 1948 que acontece o primeiro grande período de importância da profissão de arquiteto em Portugal, coincidindo com a criação da *Sociedade dos Architectos Portugueses* (1902) e o 1º Congresso de Arquitetura (1948). A *Sociedade dos Architectos Portugueses* foi a primeira Organização Profissional dos arquitetos em Portugal, atuando maioritariamente em Lisboa e com a filiação de um número reduzido de arquitetos. Reúne todas as questões relacionadas com a profissão, desde o ensino, as competências profissionais, as carreiras, os honorários, entre outros. Aquando da instauração do Estado Novo, em 1930, despoleta uma crise no trabalho, levando os arquitetos a procurarem soluções económicas e simplificadas. É esta geração de arquitetos que passa a controlar a Organização Profissional, passando a denominar-se *Sindicato Nacional*

dos Architectos, mantendo-se até ao Congresso de 1948. Destaca-se neste período o arquiteto Raúl Lino pela sua busca de uma *Identidade Arquitectónica Nacional*, ou o aclamado '*portuguesismo*' na arquitetura, e Pardal Monteiro na liderança do *Sindicato Nacional dos Architectos*. Foi uma fase relativamente estável, apesar do diminuto número de arquitetos associados à Organização Profissional (30 em 1902, 49 em 1933 e 124 em 1948 – (Brandão, 2006, p. 74), onde se procurou defender os interesses profissionais dos arquitetos.

É com o 1º Congresso, em 1948, que se promove a reinserção da profissão de arquiteto na sociedade, após o período de pós-guerra, revelando uma crise de identidade na profissão. É nesse intuito que um ano antes, em 1947, é lançada a ideia de um *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa*, através de Keil do Amaral e Fernando Távora. Concretizado nos anos 50, viria a tornar-se importante no desempenho da profissão de arquiteto, desvinculando a ideia de uma '*arquitetura nacionalista*' (Brandão, 2006, p. 79), libertando os arquitetos para as suas convicções arquitetónicas. É precisamente nesta década que se implementa a integração dos cursos de arquitetura de Lisboa e Porto no sistema de ensino superior português, levando à liberalização do ensino e a um conseqüente aumento de formados.

A década de 50 expõe-se como um período recetível a novos movimentos, como acontece em 1953 com o MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa) e a 'Arquitetura do Porto' com uma nova geração de profissionais no Porto, como consequência do sucesso obtido pela 'plataforma social' do Congresso de 1948. O expoente máximo desta resposta às necessidades sociais acontece com o programa 'Casas Económicas', em que trabalharam inúmeros arquitetos da nova geração. Porém, os anos seguintes mostraram uma relação algo tensa entre os arquitetos e o Estado Novo, principalmente pelos ideais defendidos em cada uma das partes.

O final dos anos 60 distingue-se pela importância da construção na economia, levando inclusive a um aumento dos honorários das Obras Públicas. Porém, o esgotamento da 'plataforma social' desenvolvida nos anos 50 leva à realização do Encontro Nacional sobre a Habitação, em 1969, promovido pelo Governo, que culmina com a criação do SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) em 1974/76. É nesta onda de crescimento que surge uma crise de identidade, com destaque para a discussão entre os 'patrões' e os 'assalariados', nomeadamente nos ateliers de pequena dimensão, num conflito entre gerações.

Esta 'crise de identidade' ocorre num período em que se dá um crescimento exponencial do número de profissionais (650 em 1969 a 1500 em 1979) e uma diminuição drástica da encomenda. Com a extinção

do *Sindicato Nacional dos Arquitectos* surge a *Associação dos Arquitectos Portugueses* em 1979, que culmina com a procura de uma 'nova identidade' no 2º Congresso em 1981 lançando as bases de uma nova regulamentação. O 3º Congresso, datado de 1984, é o culminar de uma profissão rejuvenescida, não só com o aparecimento de novos profissionais, mas também o desenvolvimento da profissão, com a criação de um Código Deontológico mas, acima de tudo, com uma série de normas que visam a organização profissional e, por isso, uma '*mensagem simples e irrecusável pela opinião pública: os cidadãos têm direito à Arquitetura*' (Brandão, 2006, p. 89). Surgia, assim, uma nova 'plataforma social'. É em 1986, no 4º Congresso no Porto, que surgem os Estatutos da *Associação dos Arquitectos Portugueses*, publicados em 1988, podendo assim fazer registo dos arquitetos.

Em 1998, dez anos depois, é criada a *Ordem dos Arquitectos*, num período de grandes projetos (Expo 98 como principal marco social e urbano), marcado pelo contínuo crescimento do número de profissionais em consequência da abertura dos cursos de arquitetura no ensino superior privado (havendo nesse ano cerca de 20 escolas de arquitetura com um número próximo aos 5000 estudantes). Antevia-se, portanto, um início de século de crescimento contínuo do número de profissionais, que se agonizou logo após o Euro 2004 e consequente diminuição de trabalho e investimento, culminado com a crise financeira de 2008 de que, ainda hoje, se sofrem as consequências no setor da construção.

3.4. A função do arquiteto atual

A profissão de arquiteto é aclamada, na generalidade da sociedade, por uma profissão importante na conceção de todo o espaço envolvente, destacando-se normalmente os arquitetos autores de projetos de maior dimensão ou importância na arquitetura, muitas vezes na procura de uma resposta às necessidades dessa sociedade. A expressão popular '*o arquiteto desenha casas*' vai perdendo o fulgor de outros tempos numa sociedade pouco familiarizada com a profissão, cabendo ao arquiteto uma panóplia grande de ações no exercício da sua função.

Já em 2006, Manuel Villaverde Cabral e Vera Borges relatavam a diversidade de funções do arquiteto em *Relatório Profissão: Arquitecto/a*, destacando:

- Estudo prévio;
- Esboços de desenhos/maquetas;
- Projetos de execução;

- Licenciamento de obras;
- Acompanhamento de obras;
- Planos pormenor;
- Memórias descritivas;
- Desenho em DWG;
- Gestão de atelier;

Numa análise profunda executada à profissão, o relatório começa por destacar as ações diretas de execução, funções essas realizadas, normalmente, em atelier. Apesar da diferença de dez anos para a atualidade, importa destacar outras funções de que o arquiteto esteja responsável na ação da sua profissão:

- Gestão e direção de obras;
- Avaliação, coordenação e planificação de projetos de arquitetura;
- Arquitetura de interiores;
- Design de equipamento;
- Desenho urbano;
- Gestão e administração do território;
- Reabilitação e manutenção de edifícios;
- Estudos, consultoria e peritagem;
- Modelação 3D;
- Renderização;
- Investigação;
- Ensino.

Conclui-se, portanto, que no desenvolvimento da sua profissão o arquiteto apresenta um abrangente leque de ações que lhe permite, cada vez mais, ser multidisciplinar e qualificado no exercício da sua profissão. Está habilitado a trabalhar em ateliers de arquitetura (desempenhando, no seio do atelier, diversas funções), autarquias locais, câmaras municipais, empresas de construção, empresas de conservação do património arquitetónico e centros de ensino e investigação, como as escolas e universidades. É, por isso, uma profissão abrangente e multidisciplinar, conferindo ao arquiteto uma diversificada panóplia de funções.

A FORMAÇÃO DE ARQUITETO

4. A formação de arquiteto

'Paixão, convicção, disponibilidade, disposição, vontade e muita coragem. Porque eu acho que é preciso muita coragem para ser arquiteto e muita coragem para tirar o curso de arquitetura, porque é um esforço grande.'

João Santa Rita, entrevista em anexo, (Anexo A.1.)

4.1. O ensino da arquitetura em Portugal

A formação do curso de arquitetura em Portugal divide-se entre dezassete instituições de ensino superior, nomeadamente:

Ensino Público:

- ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;
- Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;
- Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa;
- Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;
- Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
- Universidade do Minho;
- Universidade da Beira Interior;
- Universidade de Évora;
- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores (Preparatórios – 1º e 2º anos).

Ensino Privado:

- Universidade Lusíada do Porto;
- Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão;
- Universidade Lusíada de Lisboa;
- Universidade Autónoma de Lisboa;
- Escola Superior Artística do Porto;
- Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes;
- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa;
- Universidade Lusófona do Porto.

Observação: Todos os cursos listados estão acreditados pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), excetuando o curso preparatório dos Açores, cujo âmbito de atuação não está incluído no procedimento de acreditação.

Tabela 1: Comparação dos planos de estudo de onze cursos de arquitetura em diferentes instituições portuguesas, em julho de 2016.

NOTA 1: As horas de contato apresentadas são semanais, juntando todas as unidades curriculares avaliadas nessa área científica.

NOTA 2: Dados retirados dos sites de cada instituição de ensino, não havendo, no entanto, todos os tópicos disponíveis.

* Na Universidade do Minho, o 2º ciclo do curso de arquitetura dá a possibilidade ao estudante de escolher as suas UC, podendo seguir vários caminhos entre as três áreas científicas analisadas: Tecnologias da Construção, História/Teoria e Desenho.

		ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa	Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto	Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra	Universidade da Beira Interior	Universidade Lusitã de Lisboa	Universidade de Évora	Universidade do Minho	Universidade Autónoma de Lisboa	Universidade Lusófona de Lisboa
	Nº vagas	50	192	50	125	61	55	50	50	56	55	50
Média último colocado	2013	15,9	*	*	17,9	14,55	11,71	*	10,4	15,05	*	*
	2014	16,5	14,23	15,85	17,95	14,25	10,8	*	10,8	15,23	*	*
	2015	14,35	12,83	15,35	17,3	12,88	10,45	*	10,4	11,78	*	*
Arquitetura	ECTS's obrigatórios	141	143,5	141	135	162	146	176	136	140	134	123
	Horas de contato	90	93	125	-	114	-	160	146	148	-	-
Desenho	ECTS's obrigatórios	36	31,5	33	63	40	28	29	33	26*	24	28
	Horas de contato	21	27	34	-	42	-	40	72	38*	-	-
História/Teoria	ECTS's obrigatórios	27	28	33	27	57	45	20	27	47,5*	34	40
	Horas de contato	21	24	30	-	35	-	25	59	48*	-	-
Tecnologias da Construção	ECTS's obrigatórios	33	45,5	54	33	30	35	35	48	38*	49	31
	Horas de contato	30	39	60	-	22	-	50	50	45*	-	-
Outros	ECTS's obrigatórios	33	45,5	25,5	6	17	45	40	36	23,5	53	69
	Horas de contato	24	42	37	-	11	-	50	39	32	-	-
Oportivas	ECTS's	30	6	13,5	36	24	10	-	20	25	6	9
	Horas de contato	-	6	-	-	15,2 a 25	-	-	44	3 a 4	-	-
	Quantidade	11 + 56 CT	51	8	24	21	18	-	6	24	4	-

Com a passagem para o novo modelo através do Processo de Bolonha (capítulo seguinte), os cursos de arquitetura em Portugal organizam-se em dois ciclos, com frequência obrigatória em ambos no acesso à profissão de arquiteto. Após a conclusão dos cinco anos, o recém-diplomado tem ainda que frequentar um estágio de nove a doze meses de acesso à Ordem dos Arquitetos, na qual só ficará formalmente inscrito após a realização de um exame. Concluindo este processo, o arquiteto poderá desenvolver a sua atividade livremente.

Na **tabela 1** são comparados onze cursos de arquitetura, entre oito institutos públicos e três institutos privados. Porém, as Faculdades de Lisboa e Porto assumem o maior número de vagas em instituições exclusivas no ensino de arquitetura e urbanismo. A Universidade do Porto é, igualmente, a que detém a maior média de entrada do último colocado nos últimos três anos, com o maior índice de força entre as universidades portuguesas (188% em 2015, numa relação entre os candidatos em 1ª opção e o número de vagas). De ressaltar igualmente a contínua diminuição das médias de entrada em todas as universidades, dependentes das provas de ingresso correspondentes a cada universidade e a respetiva procura, numa altura em que a área de arquitetura atravessa uma crise no mercado de trabalho. É, por esta altura, o grande desafio das universidades, elaborando alternativas de inovação aos seus estudantes, e procurando prepará-los para diversos caminhos.

Analisando os dados, é possível verificar a importância do projeto no desenvolvimento do estudante (um a dois por ano, com programas e locais diferentes em diversas escalas), e a estruturação do ensino em três diferentes eixos principais: o desenho, a história/teoria e as tecnologias de construção, variando depois o número de créditos dedicados a cada um. Apesar da relativa variação entre estes eixos, é de salientar os conteúdos semelhantes entre cada um, sendo que cada universidade desenvolve mais alguns conteúdos. Numa análise direta aos números, sublinha-se uma forte conexão da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto ao desenho e às optativas que apresenta, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra à história/teoria, do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa às tecnologias de construção e o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa às optativas que apresenta. Um resultado facilmente interpretado pelas ligações às raízes das universidades (Instituto Superior Técnico é aclamado pelos cursos de engenharia e o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa reconhecido nas áreas das ciências sociais e de gestão e economia), o que as faz apresentar aos seus estudantes ligeiras

diferenças na formação. Cada universidade apresenta, para além das áreas científicas citadas, ligações às áreas da Matemática, Física, Antropologia, Sociologia, Economia, Geografia, Artes Visuais, Engenharia Civil, Filosofia, Sustentabilidade, Geometria, Computação, Urbanismo e Legislação, entre outras. Define-se, assim, com uma formação multidisciplinar e completa no exercício da profissão.

Porém, o mais importante de salientar na formação de arquiteto é a ausência de um estágio curricular e da proximidade ao mercado de trabalho, um tópico analisado no inquérito realizado nesta dissertação. As instituições de ensino superior detêm, hoje em dia, um papel fundamental na passagem entre a formação e o exercício da profissão, algo que parece não acontecer em relação aos cursos de arquitetura. Uma das soluções encontradas tem sido a exploração de novas áreas através da criação de unidades curriculares optativas, de destacar:

- *Acompanhamento de Obra e Fotogrametria e diversas Competências Transversais de desenvolvimento pessoal (Línguas, Técnicas de Comunicação, Trabalho em Equipa e Competências para o Mercado de Trabalho* no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;
- *Gestão e Avaliação Ambiental do Edifício da Cidade e do Território; Sistemas Integrados de Modelação (BIM), Projeto e Fabricação Digital e Requalificação de Áreas Costeiras* na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;
- *Gestão de Energia em Edifícios, Intervenção no Património Cultural Edificado, Instalações Técnicas em Edifícios e Construção e Materiais Sustentáveis* na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;
- *Espaços Construídos e Impactes Ambientais* no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa;
- *Instalações Urbanas e Reabilitação de Edifícios* na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
- *Construção Sustentável e Domótica* na Universidade da Beira Interior;
- *Representação e Processos de Fabrico Assistidos por Computador* na Universidade de Évora;
- *Sustentabilidade e Durabilidade das Construções, Conservação e Restauro do Património Construído e Formas e Técnicas do Digital* na Universidade do Minho.

São, assim, disponibilizadas possibilidades de o estudante desenvolver novas ferramentas, com um olhar inovador no futuro da arquitetura. As áreas da reabilitação, ferramentas digitais e proximidade ao mercado de trabalho tornam-se importantes num currículo de um recém-diplomado em arquitetura. De destacar a criação de laboratórios de fabricação digital, nomeadamente o VFABLAB no ISCTE-IUL com ferramentas disponibilizadas aos estudantes para a criação de modelos 3D a diversas escalas.

De concluir, por outro lado, a diminuição das horas de contato entre docente e estudante, libertando-o para um trabalho autónomo, resultando muitas vezes em trabalhos de grupo facilitando o trabalho de equipa e cooperação entre colegas.

4.2. O Processo de Bolonha

O Processo de Bolonha teve início na Declaração de Bolonha, assinada em junho de 1999 em Bolonha pelos Ministros da Educação de vinte e nove países da Europa, num compromisso de reforma no sistema de ensino superior europeu. Este processo desenvolveu como eixos principais da mudança:

- Promover a competitividade entre o ensino superior europeu e os respetivos estudantes, possibilitando a mobilidade entre países aderentes através de programas, numa oferta mais alargada e na criação de experiências diferenciadoras no mercado de trabalho;

- Divisão em três ciclos diferentes, num sistema de créditos (European Credit Transfer System, ECTS) acumuláveis ao longo da formação: 1º ciclo (bacharelado ou licenciatura) de 3 a 4 anos, com 6 a 8 semestres de 180 a 240 créditos (30 por semestre), 2º ciclo (mestrado ou pós-graduação) de 1 a 2 anos de duração, com 2 a 4 semestres de 60 a 120 créditos; e o 3º ciclo (doutoramento) de 3 anos;

- Permitir a interação entre universidades europeias, numa mobilidade de conhecimento e práticas de ensino, atingindo inclusive o corpo docente e investigadores;

- Permitir a aproximação do ensino superior público, politécnico e privado, tendo como principais diferenças a qualidade de ensino e a percentagem de entrada no mercado de trabalho;

- Reconhecer a formação de arquiteto entre os países europeus, permitindo assim o exercício da profissão na Europa;

- Diminuição das horas de contato com os docentes e o respetivo aumento do trabalho autónomo do estudante.

Os cursos de arquitetura do ensino superior português necessitaram de alterações para se adequarem ao modelo de Bolonha. A principal mudança cinge-se na passagem de uma licenciatura de 5 anos para um modelo de 3+2 anos, adotando a continuidade através do Mestrado Integrado obrigatório para o exercício à profissão, segundo a Diretiva 2005/36/CE do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, datada de setembro de 2005, de reconhecimento das qualificações profissionais. Porém, ao terminar o 1º ciclo o estudante passa a ter liberdade de prosseguir um mestrado numa área diferente, havendo assim máxima mobilidade entre áreas. Para ser arquiteto, o estudante tem, obrigatoriamente, que realizar os 5 anos de formação (3+2), acabando com o grau de Mestre. No entanto, a área da arquitetura obriga a uma inscrição na Ordem dos Arquitetos, passando por um estágio obrigatório de 9 a 12 meses e a um exame de admissão para que, findo este processo, o recém-diplomado possa exercer livremente a profissão de arquiteto.

4.3. O panorama do ensino da arquitetura visto pelos estudantes (Inquéritos)

'Podemos argumentar que as universidades educam, não formam profissionalmente. E que essa formação profissionalizante será realizada da melhor forma na própria profissão.'

Pedro Pinto, entrevista em anexo, (Anexo A.2.)

A ausência de dados relativos aos últimos anos sobre a profissão de arquiteto levou à necessidade de elaborar dois inquéritos, na tentativa de se perceber o percurso dos arquitetos em Portugal. Neste primeiro inquérito, abrangendo apenas atuais estudantes do curso de arquitetura do ensino superior, verificou-se uma amostra de 236 respostas de diversas instituições de ensino superior, com o objetivo de recolher as opiniões sobre o ensino da arquitetura e as expectativas para o futuro. A estrutura do inquérito, realizado on-line, pressupõe uma análise aos inquiridos através de dados base anónimos (idade, sexo, localidade de residência atual e naturalidade), assim como dados do acesso ao ensino superior (ano de entrada, opção de escolha do curso que frequenta, a justificação da escolha de um curso de arquitetura, a instituição que frequenta, o ano e a média), rematando o inquérito com a opinião do inquirido a diversos tópicos sobre a sua formação (numa avaliação de 1 a 5), com a indicação da frequência em estágios de a arquitetura e as expectativas para o futuro, seja em Portugal ou no estrangeiro.

Nas 236 respostas podemos verificar uma esmagadora maioria das futuras arquitetas, com uma percentagem de 63.9%, o que parece contradizer os dois inquéritos realizados em 2006 (*Relatório Profissão: Arquitecto/a*) e 2012 (*Estudo de caracterização dos Arquitectos portugueses e da sua atividade profissional*), apesar da evolução em prol das arquitetas no relatório mais recente. Porém, esta maioria vem justificar o lado mais crítico das arquitetas já verificado no relatório de 2006, muito devido ao trabalho assalariado e à insatisfação com as condições de execução da profissão, o que leva as mulheres na procura de uma evolução e, consequentemente, à participação neste tipo de avaliações. As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto continuam a ser os centros de residência dos estudantes de arquitetura, comprovado pelos fortes polos universitários em ambas as cidades, chegando a 75.0% dos inquiridos. É importante salientar os 36.4% de mudanças de residência, muito devido aos polos universitários referidos acima. Para completar a caracterização do universo dos inqueridos, as idades variam entre os 18 e os 54 anos, com uma média de idades de 22,7 anos, facilmente explicável com a maioria de alunos a frequentar o 5º ano. De sublinhar a presença de alguns arquitetos mais experientes a frequentar o 2º ciclo, no desejo de aumentar o seu conhecimento.

No contexto de vocação vs profissão desenvolvido no capítulo anterior, é de referir a ligação dos futuros arquitetos à área, tendo 79.2% dos inquiridos optado pelo curso de arquitetura na 1ª opção, enquanto que 11.4% entrou na segunda opção.

Tabela 2: Comparação dos resultados do inquérito por curso de arquitetura/instituição, considerando apenas o curso com mais do que 2 respostas; Avaliação de 1 a 5, considerando o 1 'Muito Fraco' e o 5 'Muito Bom'.

	ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa	Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto	Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra	Universidade da Beira Interior	Universidade Lusitana de Lisboa	Universidade de Évora
Número de inquiridos	100 42,37%	63 26,69%	39 16,53%	7 2,97%	7 2,97%	4 1,69%	4 1,69%	3 1,27
Género (F: Feminino; M: Masculino)	F: 61 M: 39	F: 41 M: 22	F: 25 M: 14	F: 7	F: 6 M: 1	F: 2 M: 2	F: 1 M: 3	F: 3
Média atual	14,29	14,17	14,22	13,9	14	14,33	13,62	13
O curso corresponde às suas expetativas iniciais?	3,46	3,27	3,54	3,29	3,43	3,25	3,25	4
Como avalia o seu curso até agora? (de 1 a 5)	3,82	3,68	4	3,86	4	3,25	3,75	4
Corpo Docente (de 1 a 5)	3,55	3,43	3,75	3,43	3,29	3	4	3,33
Disponibilidade do Corpo Docente (de 1 a 5)	3,79	3,25	3,9	3,43	3,57	3,5	4,5	3,66
Horas de Contato com o Docente (de 1 a 5)	3,77	3,3	3,77	3	3,14	3,5	3,5	3,66
Unidades Curriculares (de 1 a 5)	3,48	3,35	3,49	3,29	3,43	3,25	3,25	4
Possibilidade de frequentar o programa Erasmus (de 1 a 5)	3,83	3,98	4,38	4,29	4,43	3,75	3,25	4
Quantidade de trabalho pedido (de 1 a 5)	3,56	3,54	3,9	4	3,71	3,5	3,5	4,33
Condições das instalações da faculdade (de 1 a 5)	3,18	2,63	2,51	4	1,86	3	2,75	4,66
Prestígio da faculdade onde se insere o curso (de 1 a 5)	3,63	3,68	4,15	4,86	3,57	2,5	4	3,33
Nível de aprendizagem (de 1 a 5)	3,66	3,59	4,13	4,14	3,86	3,75	3,5	4,33
Possibilidade de interagir com outras áreas (de 1 a 5)	3,4	3,13	3,61	2,14	3,57	3,25	4,25	3,66
Ligação ao mercado de trabalho (de 1 a 5)	2,92	2,4	3,03	2,14	2,29	2,5	3	3
Oferta extra-curricular (de 1 a 5)	3,09	2,83	3,33	2	2,43	2,25	2	2,33
Ambiente académico e entre-ajuda (de 1 a 5)	3,68	3,46	3,87	2,86	3,86	3,75	3,75	4,33

Considerando as principais instituições de ensino superior do curso de arquitetura em Portugal, não existe grande diferença nos resultados obtidos, havendo consenso nas opiniões gerais dos estudantes de arquitetura. Enquanto que os valores de nota média não variam muito entre si, a maioria dos tópicos avaliados são considerados positivos no inquérito realizado (superiores ao valor mediano de 2.5 valores). Não havendo diferenças entre o ensino público e o privado (avaliação de 6 universidades públicas portuguesas e uma universidade privada), os estudantes identificam como lacunas a frágil 'Ligação ao mercado de trabalho', com uma média de 2.66 pontos, a pouca 'Oferta extra-curricular', com uma média de 2.53 pontos e, com largas variações, as 'Condições das instalações da faculdade', com uma média de 3.07 pontos.

Por outro lado, os itens avaliados que recebem melhor avaliação são: a 'Possibilidade de frequentar o programa Erasmus', com uma média de 4 pontos, o 'Nível de aprendizagem' ao longo do curso, com uma média 3.87 pontos e, por fim, a avaliação do curso no geral, com uma média de 3.76 pontos, que vem comprovar a ligação emocional à formação de arquiteto que a investigadora Vera Borges fala como *vocação*, explorado no capítulo anterior.

Verifica-se, assim, uma preocupação elevada com o futuro da profissão, vindo nos programas de Erasmus uma possibilidade de ligações profissionais no estrangeiro.

Tabela 3: Comparação dos resultados do inquérito por ano escolar;

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Número de inquiridos	26	24	52	39	95
Género (F: Feminino; M: Masculino)	Feminino: 16; Masculino: 10	Feminino: 12; Masculino: 12	Feminino: 37; Masculino: 15	Feminino: 22; Masculino: 17	Feminino: 64; Masculino: 31
Número de opção de entrada no ensino superior	1ª opção: 23; 2ª opção: 2; 4ª opção: 1	1ª opção: 19; 2ª opção: 4; 3ª opção: 1	1ª opção: 41; 2ª opção: 7; 3ª opção: 3; 4ª opção: 1	1ª opção: 30; 2ª opção: 3; 3ª opção: 1; 4ª opção: 3; 5ª opção: 2	1ª opção: 75; 2ª opção: 10; 3ª opção: 5; 4ª opção: 2; 6ª opção: 3
Média atual	13,85	13,54	13,8	14,23	14,63
O curso corresponde às suas expectativas iniciais?	3,23	3,83	3,48	3,23	3,41
Como avalia o seu curso até agora? (de 1 a 5)	3,77	4,16	3,75	3,77	3,8
Corpo Docente (de 1 a 5)	3,61	3,79	3,44	3,54	3,54
Disponibilidade do Corpo Docente (de 1 a 5)	3,84	3,71	3,42	3,67	3,68
Horas de Contato com o Docente (de 1 a 5)	3,73	3,54	3,58	3,49	3,6
Unidades Curriculares (de 1 a 5)	3,69	3,67	3,33	3,28	3,43
Possibilidade de frequentar o programa Erasmus (de 1 a 5)	4,07	4	3,94	3,82	4
Quantidade de trabalho pedido (de 1 a 5)	4	3,63	3,4	3,56	3,72
Condições das instalações da faculdade (de 1 a 5)	3,23	3,04	2,77	2,85	2,96
Prestígio da faculdade onde se insere o curso (de 1 a 5)	3,92	3,92	3,42	3,85	3,81
Nível de aprendizagem (de 1 a 5)	3,92	3,83	3,63	3,62	3,79
Possibilidade de interagir com outras áreas (de 1 a 5)	3,92	3,33	3,25	3,1	3,33
Ligação ao mercado de trabalho (de 1 a 5)	3,19	3,25	2,65	2,67	2,55
Oferta extra-curricular (de 1 a 5)	3,73	3,29	2,87	2,62	2,84
Ambiente académico e entre-ajuda (de 1 a 5)	3,92	4	3,63	3,46	3,56
Que expectativas tem para o futuro? Pretende manter-se nesta área ou explorar outra?	Manter: 14; Explorar outra: 2; Ambos: 7; Não sabe: 3	Manter: 14; Explorar outra: 3; Ambos: 3; Não sabe: 4	Manter: 35; Explorar outra: 7; Ambos: 7; Não sabe: 3	Manter: 22; Explorar outra: 7; Ambos: 7; Não sabe: 3	Manter: 53; Explorar outra: 17; Ambos: 22; Não sabe: 3
Já frequentou algum estágio ligado à área da Arquitetura?	Não: 26	Sim: 1; Não: 23	Sim: 10; Não: 42	Sim: 12; Não: 25	Sim: 44; Não: 51
Pretende ficar a trabalhar em Portugal ou experimentar trabalhar no estrangeiro?	Portugal: 5; Estrangeiro: 9; Ambos: 12	Portugal: 4; Estrangeiro: 11; Ambos: 9	Portugal: 7; Estrangeiro: 19; Ambos: 26	Portugal: 11; Estrangeiro: 10; Ambos: 18	Portugal: 22; Estrangeiro: 38; Ambos: 35

Após a verificação dos resultados através da divisão por curso/instituição, torna-se necessário avaliar os resultados por cada ano letivo, na tentativa de se perceber a importância de cada ano, assim como o ano de entrada, o ano como finalista do 1º ciclo e o último ano, no qual se finaliza o curso. Neste contexto, é possível verificar a ligeira diferença na média entre os dois ciclos, numa altura em que os estudantes já estão totalmente adaptados ao curso e a preparar-se para o exercício da profissão. Por outro lado, é curioso verificar que na maioria dos itens avaliados os estudantes do 1º ano avaliam com melhor média, o que pode ser explicado com o entusiasmo da entrada no ensino superior e respetivo começo de um futuro enquanto arquitetos. Essas expectativas altas acabam por esmorecer logo no segundo ano, só voltando a subir no último ano, o ano de conclusão do Mestrado Integrado. De ressaltar que os aspetos negativos verificados na tabela 1 verificam-se na tabela 2 com mais destaque nos estudantes do 2º ciclo, numa altura em que se aproxima a entrada no mercado de trabalho.

Nesta tabela são ainda apresentados dados novos relativos aos inquéritos realizados:

- Como era de esperar, o 1º ciclo apresenta poucos estudantes que tenham frequentado um estágio de arquitetura, com os estudantes do 5º ano a terem uma percentagem próxima dos 87.0% na resposta afirmativa a uma presença num estágio. Um dado que vem reforçar a aposta na formação fora da universidade, na busca de garantir um emprego no futuro próximo.

- A grande maioria dos inquiridos pretende-se manter na área, havendo, porém cerca de 35.0% dos inquiridos que planeia aventurar-se noutra área se o futuro em arquitetura for difícil (com 15.0% a garantirem deixar a área da arquitetura mesmo antes de terminarem a formação).

- Conhecedores do estado profissional da área em Portugal, a maioria dos inquiridos preveem já uma procura de emprego no estrangeiro (36.9%), com apenas 20.8% a garantirem o desejo de permanecer em Portugal e cerca de 42.4% a ponderarem ambos os cenários.

Na escolha do curso do ensino superior, os inquiridos escolheram o curso de arquitetura pelo 'Gosto e interesse pela área', atingindo 71.2% de consenso, com 10.6% a identificarem a versatilidade e multidisciplinariedade da área como razão principal; 'Sempre quis esta área' reúne 7.6% dos inquiridos e, por fim, o 'Legado familiar', muito falado no *Relatório Profissão: Arquitecto/a* de 2006 é uma das razões para apenas quase 3.0%, o que vem provando que a profissão de arquiteto é cada vez menos uma passagem familiar.

Para finalizar a análise ao inquérito, importa salientar o que acham os inquiridos do que é necessário para ter sucesso como Arquiteto: 48.3% definem o empenho, dedicação e perseverança como a principal característica a ter; 17.4% a originalidade e criatividade do futuro arquiteto e 13.9% o gosto pela profissão e respetiva função; 13.6% os seus conhecimentos e portfólio e a curiosidade é definida por 9.8% dos inquiridos. Com valores mais pequenos, mas importantes a salientar, ficam os contatos (8.0%), a sorte (3.8%), a motivação, a experiência, a oportunidade e, por fim, o talento, todos com percentagens residuais para o estudo em causa.

4.4. Entrevistas a *Pedro Pinto*, arquiteto e docente do ISCTE-IUL e a *João Santa Rita*, arquiteto e Presidente da Ordem dos Arquitetos.

'O que falta à formação? Podemos argumentar que as universidades educam, não formam profissionalmente. E que essa formação profissionalizante será realizada da melhor forma na própria profissão.'

Pedro Pinto, Entrevista em Anexo, (Anexo A.2.)

Pedro Pinto, arquiteto e docente da Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura no ISCTE-IUL, apresenta um importante contributo para esta dissertação pela sua experiência no atelier RISCO (e participação em grandes projetos como o Plano do Estádio do Dragão e a Expo '98, entre outros), e pela sua Tese de Doutoramento sobre o ensino da arquitetura, em que muito contribuiu a sua experiência como docente.

Numa curta entrevista o docente destaca as diversas funções de um arquiteto em atelier, através de um trabalho multidisciplinar com outros profissionais, e *'dadas as múltiplas possibilidades, paralelas à própria fragmentação do mercado de trabalho e do entendimento do que é a arquitetura, talvez faltem, em Portugal, modelos alternativos de educação, seja na universidade, seja fora dela'* (Pedro Pinto, Entrevista em Anexo - Anexo A.2.). Conclui o pensamento destacando a necessidade de *'formar de uma forma abrangente'*, sublinhando a importância do Processo de Bolonha no ensino da arquitetura.

'Como viu quando foi o Euro 2004 só não se entregou os estádios todos aos mesmos arquitetos porque não calhou, porque a vontade era essa. É mais fácil, é mais barato, dá menos trabalho, sai sempre bem, dá-se ao mesmo gajo! Isto assim dificilmente o país encontra futuro para uma profissão. Pode encontrar futuro para 10 ou 20 arquitetos, mas não encontra futuro para uma profissão.'

João Santa Rita, Entrevista em Anexo, Anexo A.1.

João Santa Rita é arquiteto no atelier Santa Rita Arquitetos e ocupa, atualmente, o cargo de Presidente da Ordem dos Arquitetos, sendo por isso um importante contributo para esta dissertação. Numa longa entrevista realizada presencialmente, o arquiteto desenvolve um ponto de vista sobre a profissão em Portugal, como destaque para a falta de planeamento a longo prazo e a respetiva falta de investimento no setor. Mostra-se preocupado com a profissão, *'que está com um conjunto de sintomas complicados aos quais se juntam uma sociedade que dificilmente está a provocar respostas e a favorecer oportunidades que ajudassem também a alavancar uma revolução nisto'* (João Santa Rita, Entrevista em Anexo - Anexo A.1.). Conclui a entrevista afirmando que o arquiteto *'não tem que ler uma história e saber interpretá-la, tem que pegar num papel em branco e saber criar uma história'*, sublinhando as variadas qualificações que um arquiteto possui.

**JÁ SOU ARQUITETO/A.
E AGORA?**

5. Já sou arquiteto/a. E agora?

Numa tentativa de se conhecer a fundo a profissão de arquiteto, foi necessário conhecer em que moldes se define como profissão e a formação do curso de arquitetura no ensino superior. Porém, a abrangência da formação enquanto arquiteto e as múltiplas possibilidades que a profissão oferece levam a uma necessidade de perceber a opinião dos arquitetos em exercício da profissão, de modo a entender que alterações podem ser feitas num futuro próximo.

5.1. O panorama da profissão visto pelos arquitetos (Inquéritos)

Neste segundo inquérito, realizado a diplomados em arquitetura, foram obtidas 252 respostas de diplomados por diversas instituições de ensino superior portuguesas, com uma pequena abrangência de instituições estrangeiras. O inquérito, realizado on-line, continha uma definição do universo inquirido (idade, sexo, localidade de residência atual e naturalidade), assim como dados relativos à sua formação (instituição de ensino, ano de conclusão do curso, tempo de frequência do curso – 5 a 9 ou mais, média final e se está inscrito na Ordem dos Arquitetos ou a trabalhar na área). Numa segunda parte do inquérito, pretendia-se que os inquiridos avaliassem a sua formação para diversos tópicos (de 1 a 5), destacando depois o que tinha faltado à formação e uma breve opinião sobre o estado do mercado de trabalho na área da arquitetura em Portugal.

Na classificação do universo inquirido, existe um maior equilíbrio entre arquitetas (52.0%) e arquitetos (48.0%) em comparação com o inquérito anterior, o que se justifica pelo maior número de arquitetos no mercado de trabalho. Tal como aconteceu no primeiro inquérito, os centros metropolitanos de Lisboa e Porto continuam a ser os locais de residência da maioria dos inquiridos, enquanto que as idades variam entre os 22 e os 66 anos, atingindo uma média de 31.3 anos, o que vem comprovar a extrema juventude na profissão. Quanto aos anos de conclusão de curso, 55.6% terminou em 6 ou mais anos, o que vem demonstrar a longevidade na execução do curso como Mestrado Integrado.

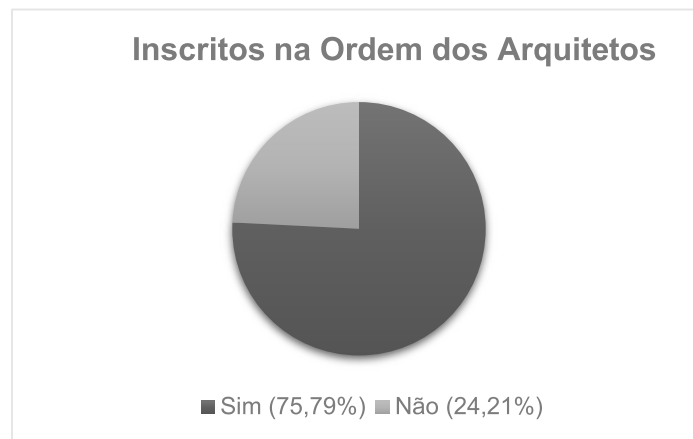


Gráfico 1: Percentagem de inscritos na Ordem dos Arquitetos entre os 252 inquiridos.

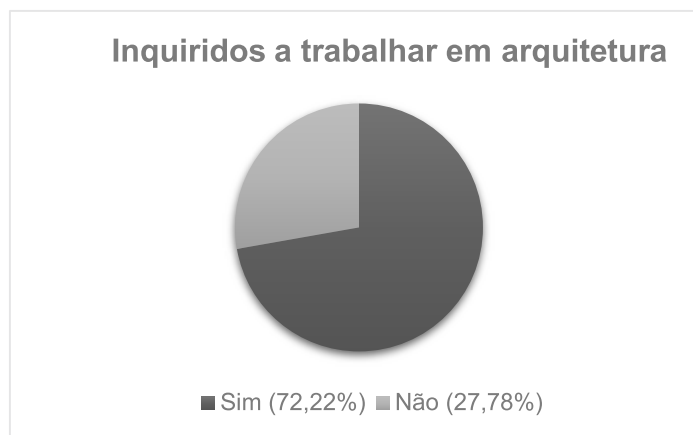


Gráfico 2: Percentagem de inquiridos a trabalhar na área da arquitetura.

Nos gráficos 1 e 2 é possível verificar que cerca de um quarto dos inquiridos não está inscrito na Ordem dos Arquitetos, e um pouco mais não está a trabalhar na área. Torna-se, portanto, necessário cruzar estas duas informações para se perceber se as duas premissas se conjugam numa ação comum.

Tabela 4: Comparação entre os inscritos na Ordem dos Arquitetos e os inquiridos a trabalhar na área de arquitetura.

		Inscrito na Ordem dos Arquitetos	
		Sim	Não
Trabalhar na área de arquitetura	Sim	159	23
	Não	32	38
Total		191	61

O crescente desemprego entre os recém-diplomados em arquitetura e a falta de oportunidades tem levado a um aumento residual de arquitetos noutras áreas, na procura de um rendimento. Questionados sobre o estado atual do mercado de trabalho em arquitetura, a maioria define-o como 'complicado' e 'saturado', destacando o excesso de profissionais jovens (e a deficitária formação nalguns casos, chegando a ser excessivo o número de diplomados), a conjuntura económica com o fraco investimento, a precaridade do trabalho desenvolvido com baixos rendimentos aliados a excesso de trabalho a um só profissional, num mercado muito competitivo e sem valorização do papel de arquiteto pela sociedade. Por outro lado, os inquiridos sublinham a necessidade da procura de novos caminhos, abandonando a ideia de 'arquiteto-atelier', e a busca de um emprego estável no estrangeiro, defendendo que em Portugal existe um excesso de estagiários, a maioria sem rendimentos ou fidelizados a um estágio do IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional). Existe ainda uma minoria que defende a evolução nas ofertas, ressaltando a reabilitação e restauro como áreas em expansão.

Na recolha de opiniões sobre a formação dos inquiridos, a maioria destaca a falta de uma componente prática e proximidade à realidade e profissão de um arquiteto, defendendo uma maior aproximação ao mercado de trabalho com estágios incorporados ao logo do curso de arquitetura e visitas a obras, numa tentativa de se perceber durante a formação questões mais técnicas da profissão. Por outro lado, os inquiridos sublinham a necessidade de uma experiência em atelier (conhecendo assim a forma de criar um caderno de encargos e um projeto de execução) e um conhecimento breve sobre burocracias e fiscalização, numa tentativa de diminuir o choque entre a universidade e a realidade. Apesar de acharem que a formação é, na sua generalidade, completa e universal, os inquiridos defendem a criação de diversas opções ao longo do ensino através de unidades curriculares optativas, definindo a reabilitação/restauro e

as novas tecnologias (BIM, fabricação digital, modelação 3D) como as necessidades mais urgentes do mercado de trabalho.

Tabela 5: Comparação dos resultados do inquérito por curso de arquitetura/instituição, considerando apenas o curso com mais do que 3 respostas; Avaliação de 1 a 5, considerando o 1 'Muito Fraco' e o 5 'Muito Bom'.

	ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa	Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto	Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra	Universidade da Beira Interior	Universidade Lusitana de Lisboa	Universidade Lusitana do Porto	Universidade Lusitana de Villa Nova de Famalicão	Universidade do Minho	Escola Superior Artística do Porto
Número de inquiridos	77	22	11	15	12	5	56	12	9	7	4
Género (F: Feminino; M: Masculino)	F: 32 M: 45	F: 12 M: 10	F: 7 M: 4	F: 8 M: 7	F: 7 M: 5	F: 4 M: 1	F: 30 M: 26	F: 5 M: 7	F: 2 M: 7	F: 6 M: 1	F: 1 M: 3
Média atual	14,4	14,4	15,18	14,53	14,91	15,6	14,17	13,33	13	13,69	13,75
Média de anos de conclusão do curso	5,55	6	5,54	6,53	6,67	5,2	6,04	5,92	5,33	6,71	6,75
Inscritos na Ordem dos Arquitetos	Sim: 62 Não: 15	Sim: 13 Não: 9	Sim: 11	Sim: 9 Não: 6	Sim: 8 Não: 4	Sim: 4 Não: 1	Sim: 45 Não: 11	Sim: 8 Não: 4	Sim: 8 Não: 1	Sim: 3 Não: 4	Sim: 3 Não: 1
Em atividade na área da arquitetura	Sim: 57 Não: 20	Sim: 17 Não: 5	Sim: 10 Não: 1	Sim: 9 Não: 6	Sim: 7 Não: 5	Sim: 4 Não: 1	Sim: 43 Não: 13	Sim: 7 Não: 5	Sim: 6 Não: 3	Sim: 5 Não: 2	Sim: 4
Como avalia o seu curso? (de 1 a 5)	3,69	3,73	4	4	4	3,4	3,59	3,58	3,33	4,14	4,25
Corpo Docente (de 1 a 5)	3,52	3,73	4	3,86	4,08	3,4	3,68	3,5	3,33	3,86	3,5
Disponibilidade do Corpo Docente (de 1 a 5)	3,56	3,23	3,81	3,53	4,25	3,6	3,46	3,58	3,56	3,86	4
Horas de Contato com o Docente (de 1 a 5)	3,55	3,09	4	3,8	4	3,6	3,34	3,42	3,22	3,86	4,25
Unidades Curriculares (de 1 a 5)	3,26	3,5	3,64	3,53	3,75	3,2	3,2	3,58	3,33	3,71	3,25
Possibilidade de frequentar o programa Erasmus (de 1 a 5)	3,69	3,45	4,27	4,13	4,16	4,4	3,21	2,66	3,33	4,43	3,25
Quantidade de trabalho pedido (de 1 a 5)	3,51	3,64	4	3,86	3,83	3,4	3,77	3,75	3,78	3,71	4
Condições das instalações da faculdade (de 1 a 5)	3,81	3,36	3,36	4,06	2,42	3,8	2,91	2,66	3	4,71	2,75
Prestígio da faculdade onde se insere o curso (de 1 a 5)	3,9	3,77	4,27	4,4	3,58	3,6	3,3	3	3,44	4,43	3,75
Nível de aprendizagem (de 1 a 5)	3,73	3,86	4,18	4,13	4,33	3,8	3,79	3,58	3,44	4	4,25
Possibilidade de interagir com outras áreas (de 1 a 5)	3,19	3,27	3,64	2,46	2,83	3,2	2,68	2,58	2,89	2,86	3
Ligação ao mercado de trabalho (de 1 a 5)	2,21	2,73	3	2,13	2,25	1,8	1,98	2	1,88	2	2

Apesar da elevada variação no número de inquiridos, é possível ressaltar alguns pontos importantes:

- Pouca variação entre o valor das médias, com ligeiro ascendente das universidades públicas (14,6) em comparação com as universidades privadas (13,5);
- A ligação ao mercado de trabalho (2,2 valores), a possibilidade de interagir com outras áreas (2,9 valores) e as condições das instalações das universidades (3,4 valores) são, respetivamente, os três tópicos com a votação mais fraca, algo semelhante aos valores apresentados no inquérito anterior;
- Por outro lado, o prestígio da universidade (3,8 valores), a avaliação do curso (3,8 valores) e o nível de aprendizagem (3,9 valores) são os três tópicos com avaliações mais positivas, o que se assemelha igualmente ao inquérito anterior.

Tabela 6: Comparação dos resultados dos dois inquéritos (atuais alunos e ex-alunos).

	Inquérito 1 Atuais alunos	Inquérito 2 Ex-alunos	Total
Número de inquiridos	236	252	488
Gênero	Feminino: 151 Masculino: 85	Feminino: 131 Masculino: 121	Feminino: 282 Masculino: 206
Média do curso	14,2	14,27	14,24
Como avalia o seu curso? (de 1 a 5)	3,82	3,69	3,76
Corpo Docente (de 1 a 5)	3,55	3,62	3,59
Disponibilidade do Corpo Docente (de 1 a 5)	3,64	3,51	2,58
Horas de Contato com o Docente (de 1 a 5)	3,58	3,46	3,52
Unidades Curriculares (de 1 a 5)	3,44	3,34	3,39
Possibilidade de frequentar o programa Erasmus (de 1 a 5)	3,97	3,51	3,74
Quantidade de trabalho pedido (de 1 a 5)	3,65	3,71	3,68
Condições das instalações da faculdade (de 1 a 5)	2,94	3,36	3,15
Prestígio da faculdade onde se insere o curso (de 1 a 5)	3,75	3,67	3,71
Nível de aprendizagem (de 1 a 5)	3,75	3,81	3,78
Possibilidade de interagir com outras áreas (de 1 a 5)	3,3	2,98	3,14
Ligação ao mercado de trabalho (de 1 a 5)	2,73	2,21	2,47

Na comparação entre os dois inquéritos realizados para esta dissertação, é possível verificar a proximidade nos resultados, com destaque para a maioria dos inquiridos ser do sexo feminino (comprovando a teoria crítica envolvendo as arquitetas exposto no *Relatório Profissão: Arquitecto/a*) e o tópico mais negativo coincidente nos dois inquéritos, definindo a 'Ligação ao mercado de trabalho' como o maior problema entre os inquiridos. De ressaltar como pontos positivos a 'Possibilidade de frequentar o programa Erasmus', numa altura de consolidação do Processo de Bolonha, e a avaliação geral do curso de arquitetura, dando grande destaque ao 'Nível de aprendizagem' numa prova da abrangência do curso.

5.2. As razões de uma mudança

Como verificado ao longo desta dissertação, o número de diplomados em arquitetura e urbanismo atingiu em 2014 os 2028, num ano em que 9052 estudantes frequentavam os cursos de ensino superior dessas áreas. Numa área em que as oportunidades são cada vez menos, tornou-se fundamental perceber as razões pelas quais muitos diplomados acabam por seguir outras áreas além da arquitetura. Através de entrevistas a recém-formados e a trabalhar atualmente noutras áreas (em anexo), foi possível verificar a dicotomia entre a razão opcional e a razão forçada tomadas após a formação.

Razão Opcional: Após a conclusão do curso de arquitetura, a opção de seguir uma área diferente é uma das mais tomadas entre os recém-diplomados, levando-os a seguir variados caminhos.

- *Exercício de outra atividade durante a formação*, o que os leva à procura de financiar as elevadas despesas do curso de arquitetura (propinas da universidade, materiais para maquetas, impressões de grandes dimensões, entre outros). No entanto, muitos prosseguem estas atividades após a conclusão do curso de arquitetura, o que lhes permite ter estabilidade financeira numa altura de adaptação a uma nova realidade. Esta atividade pode levar a uma especialização na área, reforçando muitas vezes a posição laboral e o crescimento na carreira através do tempo já alcançado. (Entrevista a Mafalda Souto Pinheiro e Tomé Gouveia, em anexo, são exemplos desta situação).

- *A inserção numa empresa de família*, na maioria dos casos fora da área da arquitetura. A continuação de um negócio de família é tido em conta, pela experiência familiar e planeamento do futuro inseridos numa estabilidade financeira e numa base de confiança. (Entrevistas a Rita Cepa e Daniela Simões, em anexo, são dois exemplos de continuação de negócios familiares).

- *Saturação da área*, muitas vezes devido à pressão existente durante o curso de arquitetura. Nestes casos, os recém-diplomados nem procuram uma opção de futuro enquanto arquitetos, derivando para áreas muito distintas e na continuação dos estudos através de pós-graduações, ou até de um segundo mestrado (entrevista a Cátia Almeida e Eduardo Filho, em anexo).

- *Vontade de seguir outra área*, justificado pelo interesse e oportunidade de experimentar outros caminhos, não fechando a porta à profissão integral de arquiteto. Esta opção reúne diplomados que tenham tido dúvidas em seguir a formação de arquiteto e, verificando um mercado estagnado em arquitetura, optam por seguir um caminho diferente logo após a conclusão da formação. Porém, e após a renovação do ensino superior com o Processo de Bolonha e a respetiva circulação entre licenciaturas e mestrados, existem já casos de mudanças de área durante a formação, acabando os 3 primeiros anos em arquitetura (licenciatura) e prosseguindo os estudos num mestrado diferente (entrevistas a Manuel Rebello de Andrade e Tiago Pedro, em anexo).

- *A oportunidade*, que pode surgir através de contatos e para diferentes áreas, o que muitas vezes leva a um abandono da área da arquitetura. (Entrevista a Fábio Correia, em anexo).

Razão Forçada: A mudança de área nem sempre resulta de uma opção livre. O compromisso estabelecido através dos longos e duros anos de formação levam os recém-diplomados a procurar uma opção na área da arquitetura, só mudando quando são forçados a procurar uma estabilidade financeira e profissional.

- *O desemprego ou a falta de oportunidade*, que assola a profissão neste início de século. A falta de investimento resultante da crise financeira iniciada em 2008 levou a uma quebra elevada na construção, levando a muitos recém-diplomados a procurar outras opções. A situação chega a ser muito difícil quando se verifica poucas oportunidades na procura do estágio de acesso à Ordem dos Arquitetos, algo que se tem aliviado com o apoio aos estágios do IEFP. No Boletim dos Arquitetos de Março de 2013, intitulado *Emprego*, é apresentado a atualização do estudo realizado em 2006 no *Relatório Profissão: Arquitecto/a*, com 2633 respostas válidas. Dos inquiridos, 26,6% não trabalhava na área de arquitetura, sendo apresentadas diversas opções: 62.0% está desempregado, 29.0% a trabalhar noutra área, e 9.0% com outros motivos não especificados (reforma, etc). De referir que o número elevado de desempregados se situa, na sua maioria, na geração de 2000-2009 (73.4%), o que reflete o desemprego jovem da profissão. Ou seja, o

desemprego é a grande razão para uma mudança forçada de atividade. (Entrevistas a Adriana Afonso e Margarida Marques em anexo).

5.3. Entrevistas

O objetivo destas vinte e sete entrevistas define-se com a necessidade de perceber que atividades os arquitetos têm desenvolvido fora da arquitetura, e de que forma se deu a mudança. Cerca de metade dos entrevistados (catorze) definem a mudança de área como forçada, destacando a falta de oportunidades e a sobrecarga de trabalho com poucos rendimentos como a principal razão para procurarem outras áreas; enquanto que os restantes escolhem uma nova área por opção própria, seguindo caminhos que já desenvolviam durante a formação ou, simplesmente, por preferência de uma outra área. Existem, no entanto, alguns casos de saturação da arquitetura ao longo da formação, o que facilita em muito a procura de uma nova área.

Porém, após a adequação do ensino superior ao Processo de Bolonha e a respetiva divisão por ciclos, são de ressaltar alguns casos de estudantes que após o término do 1º ciclo, procuram uma outra formação no 2º ciclo, tentando muitas vezes interligar essas duas áreas (como exemplo a entrevista ao Tiago Pedro, Anexo B.26.). São, por isso, importantes testemunhos que demonstram a dura realidade que os jovens arquitetos vivem na procura de uma estabilidade financeira e sucesso profissional, mesmo que isso os leve a arriscar noutra área.

O ARQUITETO DO FUTURO

6. O arquiteto do futuro

6.1. As características do arquiteto

'Acho a arquitetura uma das profissões mais bonitas do mundo. Ao projetar, eu sentia-me um Deus.'

José António Saraiva, entrevista em anexo, (Anexo C.5.)

José António Saraiva, jornalista e uma figura de elevada dimensão no jornalismo português, define assim a sua profissão de formação: arquiteto. Apesar de ter um caminho marcante enquanto jornalista, José António Saraiva reconhece a sua veia de arquiteto, sublinhando a liberdade que sentiu enquanto ainda vagueava pela arquitetura.

É apenas um exemplo da vasta beleza da arquitetura. Um simples traço transformado numa realidade concentra desejos e enfatiza o brilho no olhar de cada estudante de arquitetura, tornando-se num sonho cada vez mais desejado nas longas horas de trabalho a que cada um de vós, arquitetos ou estudantes, vos sujeitais. De desenho a maquetas, de rascunhos a complexos pormenores construtivos, de um modelo surreal à assustadora realidade, criam-se simbioses entre o projetado em papel e o que transforma o espaço, concretizando vontades expressas de quem sabe manipular a realidade.

Ser arquiteto é tudo isto e muito mais. Ser arquiteto é, sobretudo, não ter limites. É estar em constante desafio, em constante sobressalto com o mais ínfimo pormenor que vai do tamanho do mundo ao simples parafuso metálico. É ter a coragem necessária para mudar o que nos rodeia, de definir o problema com o pensamento focado nas múltiplas soluções possíveis colocadas à prova. É saber ser um técnico perspicaz nas ações que desenvolve, nos traços criativos que procura dar vida ao mais aborrecido dos materiais. É ser líder enquanto membro de uma equipa multidisciplinar, e ser o elo mais forte numa luta desigual com as restantes profissões. Apenas o arquiteto consegue controlar o espaço, a escala, o material mais resistente e a praça cheia de ligações humanas e complexas, tudo a partir de um papel. É dele o sinónimo de perfeccionista e de sacrifício. Porque no seio de todas as áreas, a arquitetura é a arte de unir os seres vivos à imaterialidade, criando elos de conexões intemporais até na simples contagem do tempo.

Mas como se pode definir alguém com um trabalho de extrema responsabilidade? No resumo de um longo trabalho, no resultado de inquéritos, entrevistas, conversas informais e troca de opiniões, é possível recriar um perfil profissional: o de um arquiteto. Numa formação multidisciplinar e complexa, o arquiteto

destaca-se pela sua versatilidade, reconhecimento do problema e capacidade de reunir soluções plausíveis, todas elas diferentes. É mestre a pensar fora da caixa, numa 'disciplina mental' incomparável, colocando a sua criatividade ao serviço do projeto. É capaz de definir uma metodologia de trabalho forte, dividindo o seu trabalho em fases e de o unir numa só solução. Destaca-se pela sua organização, responsabilidade e autonomia na execução de um leque alargado de tarefas, reforçando a sua postura crítica contínua não só no que o envolve, mas também no seu próprio 'eu'. Tem a capacidade de trabalhar em todas as escalas possíveis, variando conforme os seus objetivos e metas. Não é profissional de se dedicar apenas a uma função, desesperando quando o trabalho não está presente, num grito claro da sua capacidade de trabalho e adaptação. Tem o dom da palavra, escrita ou falada, seja numa pequena memória descritiva ou numa palestra cheia de olhares curiosos e críticos, destacando a sua capacidade de improvisação e confiança ao se expor ao mundo, vezes sem conta. É o seu trabalho, e por isso saberá defendê-lo até ao último argumento. É sobretudo um líder das suas próprias ideias e conceitos, munido de coragem e capacidades que o tornam um profissional completo e perfeccionista. É saber o que é ser arquiteto.

Num resumo de conceitos, a definição das capacidades de um arquiteto:

- Formação multidisciplinar;
- Exercício de diferentes ações ao mesmo tempo;
- Versatilidade;
- Pensamento 'Out of the box'
- Trabalho próximo à realidade;
- Desenvolvimento de um projeto por fases em prol de um único objetivo;
- Processo criativo;
- Perceção do espaço;
- Reconhecimento de um problema e capacidade de reação na procura de soluções;
- Produção gráfica e modulação 3D;
- Postura crítica;
- Autonomia de trabalho;
- Organização e metodologia de trabalho;

- Responsabilidade;
- Disciplina mental;
- Capacidade de trabalho em diversas escalas;
- Espírito de sacrifício;
- Perfeccionismo;
- Capacidade de improvisação;
- Exposição escrita e falada, apresentando e defendendo as suas ideias;
- Liderança e gestão de equipas;
- Trabalho em equipa;
- Resiliência;
- 'Saber pensar'.

No conjunto de tais capacidades, excluem-se as características técnicas inerentes a um curso de arquitetura, desenvolvidas nas diversas áreas científicas e unidades curriculares optativas apresentadas nesta dissertação.

6.2. A mãe de todas as áreas: a arquitetura

Um arquiteto é formado para exercer arquitetura, onde aprende uma série de ferramentas que o permitem ser multidisciplinar e abrangente nas várias funções que desenvolve. Porém, muitas dessas ferramentas ajudam igualmente no desenvolvimento de outras áreas que, somadas a outras formações ou a experiências pessoais e profissionais de cada um, lhe permitem executar funções noutras áreas, em busca de estabilidade financeira ou consagração pessoal. Enumera-se, assim, algumas áreas de trabalho possíveis para um arquiteto fora da arquitetura:

- Organização de grandes eventos: A responsabilidade e capacidade de organização são as grandes virtudes do arquiteto para trabalhar numa área em crescimento na sociedade atual. Cada evento tem a sua especificidade, mas todos eles albergam capacidade de organização e liderança de equipas, para que tudo fique na perfeição e aconteça no tempo certo. Lara Seixo Rodrigues, formada em arquitetura, e a Feeders, (formada por arquitetos), empresa de produção de palcos e eventos (entrevista em anexo), são casos de sucesso na área.

- **Festas de casamento e serviços de catering:** Apesar de se apresentar em decréscimo nos últimos anos, os serviços de catering têm aumentado entre os arquitetos, como comprova o Presidente da Ordem dos Arquitetos em entrevista em anexo. Perfeccionismo e relação com o cliente são virtudes que um arquiteto apresenta para desenvolver esta profissão.
- **Música:** É das áreas que mais arquitetos seguem, muitos deles antes de terminar a formação em arquitetura. Seguindo a música por vocação, servem de exemplos Tiago Bettencourt, Capitão Fausto e Miguel Ângelo (entrevista em anexo) que seguiram caminho de sucesso. Definem como importante na formação de arquiteto a metodologia prática e organização mental para conseguirem vingar no mundo da música.
- **Cenografia:** A paixão pelo teatro leva os arquitetos à produção de cenários, onde podem pôr em prática tudo o que aprenderam na formação em arquitetura. José Capela e Leandro Ribeiro são casos de sucesso na cenografia em Portugal (entrevistas em anexo).
- **Design gráfico, web design e design de comunicação:** Cada vez mais enraizadas na sociedade atual, as soluções gráficas definem-se como a imagem a passar ao target definido, sendo por isso das áreas mais trabalhadas atualmente. Com aprendizagens ao longo da formação e uma capacidade grande em simplificar, o arquiteto busca muitas vezes pequenas formações de modo a conseguir vingar nesta área.
- **Design de produto:** É reconhecida a presença do design em toda a história da arquitetura, e será sempre uma das competências do arquiteto.
- **Fotografia:** Em qualquer área, a fotografia ganha destaque nas opções que hoje e dia apresenta. Seja para a fotografia de arquitetura (Fernando Guerra e João Morgado como expoentes máximos em Portugal) ou para a fotografia de outras áreas (Em moda, Ismael Prata, entrevista em anexo), o arquiteto apresenta capacidades para ser um excelente fotógrafo.
- **Cinema:** Apesar de consolidar uma imagem forte e séria da profissão de arquiteto (Inception (2010); How i met your mother (2005-2014); The Architect (2016), etc), o cinema é das áreas que requer maior rigor e perceção de espaço no controlo dos enquadramentos, posicionamentos, luz, entre outros, algo que o arquiteto sabe trabalhar como ninguém.
- **Marketing:** Tal como nas diversas áreas do design, o arquiteto revela criatividade e ferramentas de trabalho suficientes para se destacar nas área do marketing. Um dos maiores exemplos a nível nacional é Lourenço Thomaz (entrevista em anexo), sócio fundador da empresa Partners, das maiores a nível

nacional, com um pensamento 'out of the box' muito característico dos arquitetos. Um dos projetos realizados para potenciar um hotel numa zona ribeirinha foi a construção de uma ponte, um projeto ao nível das capacidades de um arquiteto.

- **Gestão:** Sendo uma área complicada para alguns arquitetos, a área de gestão tem sido uma área procurada pela maioria dos arquitetos, seja para gerir um atelier ou escritório, mas também para criar empresas das mais diversas áreas. Existem, inclusive, diversas formações na área que não precisam de uma base teórica na área da gestão, o que leva a muitos arquitetos de regresso às salas de aula na procura de uma nova carreira de sucesso. Eduardo Filho e Margarida Marques (entrevistas em anexo) são casos de sucesso de arquitetos que abriram as suas próprias empresas, e Mafalda Souto Pinheiro (entrevista em anexo), que chegou a gerente na empresa SONAE.

- **Ensino:** Apesar da experiência e formação suplementar (doutoramento) que o ensino da arquitetura requer, muitos procuram dar aulas em níveis mais precoces do ensino, como o básico ou secundário nas áreas de Educação Visual ou Geometria Descritiva, onde se destacam pelo seu conhecimento e capacidades técnicas. Outra das vias é as explicações, com a abertura de diversos centros de estudos para as áreas acima referidas.

- **Formação:** O arquiteto aprende, ao longo da formação, diversas ferramentas, acabando por se tornar, muitas vezes, um profissional nessas ferramentas. Os casos mais frequentes são os softwares AUTOCAD, da Autodesk, o Photoshop, InDesign e Illustrator da Adobe, ou até o 3D Studio Max, o Sketchup e os BIM, em que os arquitetos têm conhecimento suficiente para depois poderem dar formação em diversos níveis (requer, no entanto, o FPIF – Formação Pedagógica Inicial de Formadores, para depois ter direito ao CCP).

- **Guia Turístico:** Não sendo uma das saídas profissionais que os arquitetos mais desejam, o seu conhecimento do edificado e as respetivas características tornam esta profissão um dos caminhos possíveis.

- **Vestuário e Joalheria:** Com processos de conceção semelhantes, o vestuário e joalheria apresentam-se como opções válidas através da criatividade e capacidade gráfica e manual de um arquiteto. Carolina Medeiros (entrevista em anexo), em parceria com outro jovem arquiteto, é um exemplo de sucesso nesta área.

- **Ilustração:** Não sendo uma capacidade nata de um arquiteto, o rigor e criatividade aliados à multidisciplinidade e versatilidade garantem um conjunto de qualidades importantes para a área de ilustração. Cátia Martins (entrevista em anexo) e Ana Aragão são exemplos de sucesso de arquitetas na

área.

- Desenvolvimento de videojogos: Numa altura em que a proximidade à realidade é cada vez mais um desafio no mundo dos videojogos, os arquitetos começam a surgir como membros de grande importância nas equipas criativas de diversos jogos, no desenvolvimento dos ambientes e pormenores arquitetónicos. Um dos exemplos práticos é María Elisa Navarro, arquiteta espanhola que participou no aclamado Assassin's Creed II no desenvolvimento dos cenários históricos do jogo (Entrevista no blog <https://metaspaceblog.com/>, que desenvolve a ligação entre os videojogos e a arquitetura).

- Política: Passando por uma fase atribulada, a profissão de arquiteto aclama por uma programação a longo prazo, num plano de redefinição de prioridades e procura de soluções a fim de corresponder ao rejuvenescimento da profissão. Através de cargos na política, participando nas discussões importantes em que a arquitetura esteja implícita, este é um dos caminhos a seguir a curto prazo, tal como sublinha o atual Presidente da Ordem dos Arquitetos (Arquiteto João Santa Rita), em entrevista em anexo. Atualmente, o panorama político conta com arquitetos no parlamento e na Presidência de algumas Juntas de Freguesia.

Moldados para serem arquitetos, todos os que passam pelo curso de arquitetura garantem qualidades muito apreciadas noutras áreas, o que os torna excelentes profissionais. Num mercado de trabalho saturado e muito competitivo, as possibilidades multiplicam-se na hora de escolher um novo rumo. E nesse novo rumo, não há limites para um arquiteto.

6.3. Entrevistas a casos de sucesso de arquitetos noutras áreas

Ana Aragão, Cátia Martins, Duarte Silva e Joaquim Silva (Feeders), José António Saraiva, José Capela, Lara Seixo Rodrigues, Leandro Ribeiro, Lourenço Thomaz e Miguel Ângelo são reconhecidos pelo trabalho desenvolvido em diversas áreas, desde o marketing à organização de grandes eventos, da cenografia à ilustração, da música ao jornalismo. Têm em comum a formação enquanto arquitetos que, apesar de respeitarem, lhes indicou a procura de um novo caminho, com o sucesso reconhecido.

Uma outra entrevista foi realizada a António Baeta, é professor de ensino primário, que desenvolve uma atividade paralela onde emprega jovens arquitetos numa área completamente diferente, destacando-os sobre os outros na execução dessa tarefa.

Ana Aragão é ilustradora e reconhecida pelos seus desenhos, que se tornaram uma aposta pessoal após os publicar num blogue e terem, por si só, ganho adeptos. Defende que *'o arquiteto deve ser um especialista de tudo, ou de coisa nenhuma, que pensa os modos de habitar dos outros. Ao mesmo tempo que poderá ser visto como artista, é também um técnico. Tem que criar espaços habitáveis.'*, destacando assim a importância que a profissão teve no seu percurso profissional e pessoal. (Ana Aragão, Entrevista em Anexo, Anexo C.1.)

Cátia Martins é ilustradora e criadora da marca Luna Monogatari. Apesar de ainda não ter terminado a sua formação em arquitetura, é na sua marca que pretende continuar, onde a multidisciplinariedade da sua formação a podem ajudar.

Duarte Silva e **Joaquim Silva** são arquitetos, mas construíram caminhos semelhantes fora da área. Organizam eventos e constroem estruturas de promoção de marcas, reconhecimento que chegou com o desenho das estruturas principais do festival de música NOS Alive, através da empresa que juntos dirigem (Feeders).

José António Saraiva é jornalista e reconhece a importância da formação de arquiteto no seu percurso profissional. *'Um arquiteto tem de pensar numa obra desde o princípio ao fim, desde a vontade do cliente até ao desenho do puxador da porta – e esse percurso exige disciplina e coerência, para lá de criatividade. E depois as obras têm de funcionar. Na maior (parte) das profissões, os resultados não são experimentados. Tiram-se conclusões que podem estar certas ou erradas. Mas as obras de arquitetura têm de funcionar. E funcionar com pessoas lá dentro.'* (José António Saraiva, Entrevista em Anexo, Anexo C.5.)

José Capela e **Leandro Ribeiro** partilham a sua paixão pelo teatro, algo que desenvolvem enquanto encenadores. Defendem a sua ligação à arquitetura, mas é no teatro que se sentem realizados pessoal e profissionalmente.

Lara Seixo Rodrigues é artista e desenvolve eventos de promoção da arte urbana como conector social. Sente que *'cada novo projeto, cada nova cidade é um novo desafio e tenho ainda muitos pela frente. Percebi à coisa de um ano e meio, que o que me entusiasmava pela arquitetura, o trabalho social, para a pessoa, a escala humana, é aquilo que eu continuo a trabalhar nos meus projetos artísticos, a reabilitação social, cultural, arquitetónica das cidades e comunidades. Como se pode usar a arte para promover transformações... muito mais rápidas desta forma do que com a arquitetura.'* (Lara Seixo Rodrigues, Entrevista em Anexo, Anexo C.7)

Lourenço Thomaz é criativo de publicidade e sócio fundador da empresa PARTNERS, na qual trabalha atualmente. Abandonou a profissão de arquiteto três anos e meio depois de a ter começado, sentindo que não era esta a área de realização profissional e pessoal que procurava. Destaca-se hoje em dia numa empresa que defende o pensamento *out of the box*, com processos semelhantes aos utilizados em projeto de arquitetura.

Miguel Ângelo é cantor, reconhecido por ser a voz da banda 'Delfins'. Apesar de ser formado em arquitetura e de a ter praticado durante ano e meio, dedicou-se a fundo à música com o sucesso hoje conhecido. Porém, não esquece a sua formação, enaltecendo que a *'arquitetura era o campo criativo que reunia e misturava mais linguagens artísticas. Isso atraiu-me, pela sua complexidade, mas também pela capacidade interventiva que um projeto pode ter em termos paisagísticos, artísticos e sociais. Era na realidade um campo de ação estético, mas em busca da funcionalidade - o melhor de dois Mundos.'* (Miguel Ângelo, entrevista em anexo, Anexo C.10.).

António Baeta é professor e, apesar de não estar diretamente ligado à arquitetura, é diretor de um campo de férias que alberga profissionalmente jovens arquitetos, normalmente nas pausas letivas. Crê *'que esta constante dinâmica dos seus projetos torna grande parte dos jovens arquitetos necessariamente mais práticos, céleres e perspicazes na resolução de problemas e situações.'*

CONCLUSÕES

7. Conclusões

Todos os anos milhares de estudantes entram no ensino superior português carregados de expectativas e crenças num futuro risonho recheado de sucesso. A escolha da área nem sempre é consensual, mas concentra muito do que cada um projeta a longo prazo, conjugando a sua vontade com desejos de reconhecimento profissional e estabilidade financeira. As opções são vastas e cada área é uma nova oportunidade de carreira, que nem sempre se define como única. O Processo de Bolonha impôs uma organização transversal acompanhada de uma maior mobilidade entre universidades da União Europeia, fornecendo ao estudante uma obrigação de trabalho autónomo e a construção de um caminho individual e específico.

Vive-se, porventura, o período de maior liberdade e oferta formativa nas universidades portuguesas, numa ambição personalizada a cada estudante nas diversas áreas apresentadas, levando o estudante a construir o seu caminho e, sobretudo, a ter a autonomia necessária para enfrentar os problemas do seu futuro.

No seio da oferta formativa de que o ensino superior dispõe, surge a área da arquitetura, reforçada pelas fortes ambições de milhares de jovens que sonham, um dia, deixar a sua marca física no espaço envolvente. A profissão de arquiteto é, porventura, a que abrange um maior número de áreas, confluindo num conhecimento multidisciplinar e completo a quem está encarregue de pensar o espaço, a sua vivência e, de certa forma, o futuro. É pedido ao arquiteto que pense mais à frente, num espaço temporal sem delimitações, na expectativa de resolver problemas e encontrar o espaço certo para cada grupo de pessoas, seja ele para conviver, habitar, passar, olhar ou delimitar. Muitas vezes ignorada ou esquecida, ultrapassada ou até ameaçada, a profissão de arquiteto sempre foi capaz de sobreviver através dos tempos e ressurgir perante as reais questões sociais que importam ser debatidas.

É esse debate que marca a profissão nos dias de hoje. Através de inquéritos realizados a atuais e antigos estudantes de arquitetura, conclui-se que os estudantes reforçam a necessidade de aproximação ao mercado de trabalho e à realidade projetual, principalmente durante a formação. É aberta a possibilidade de uma oferta mais abrangente de unidades curriculares optativas, num aproximar claro ao trabalho prático de um arquiteto: visitas a obras, frequência em ateliers, discussão de projetos com profissionais de diversas áreas e poderes políticos, novas tecnologias na construção, ferramentas digitais de projeto, possibilidade de ter clientes reais e problemas reais, caderno de encargos e demais

documentação de projeto, estruturação de custos de um projeto, aprendizagem de processos de legalização de projetos, teste de soluções a escalas próximas à realidade, dando assim noções aos estudantes do que pode ser o mercado de trabalho. Seria, assim, uma panóplia de opções que levariam cada estudante a uma aproximação à realidade, ficando assim mais hábil no exercício da profissão. Por outro lado, torna-se urgente uma adaptação da formação à realidade da profissão, com projetos de menor dimensão e adequados ao que se faz em atelier, descartando os projetos megalómanos de dimensões e custos ilimitados, levando a imaginação do estudante asobrepôr-se à realidade da profissão que aprende.

A profissão ressentida atualmente o confronto entre o crescimento exponencial de profissionais nos últimos anos, e a falta de planejamento e respetivo investimento que existe a longo prazo para que o mercado de trabalho apresente soluções credíveis a todos os profissionais da área. A atual oferta formativa necessita de se ajustar ao mercado de trabalho, através de uma preparação para novos caminhos da arquitetura ou, por outro lado, de uma redução do número de vagas, mantendo todavia a abrangência que a caracteriza. Os relatos recolhidos para esta dissertação mostram a saturação do mercado de trabalho, com poucas ofertas de emprego e, normalmente, sobrecarregadas de trabalho para uma remuneração baixa e pouco adequada à função. Ganha, assim, especial relevo a necessidade de um planejamento a nível político da profissão nos próximos anos, com ajustes importantes no investimento e, acima de tudo, no exercício da função.

No entanto, a multidisciplinariedade da profissão permite ao arquiteto explorar outras áreas, atingindo com isso uma satisfação pessoal ou um refúgio financeiro. Ou seja, se por um lado a escolha de uma nova área sugere uma opção forçada pela diminuta oferta de oportunidades dentro da arquitetura e pela necessidade de uma estabilidade financeira, muitas das mudanças são já uma opção real na procura de um reconhecimento profissional e de uma concretização pessoal, encontrando novos caminhos noutras áreas próximas (ou não) à arquitetura.

Como consequência do estado da profissão, existem cada vez mais arquitetos a procurar outras áreas, como é possível verificar nas variadas entrevistas feitas para esta dissertação. Entre todas as opções verificadas, o arquiteto apresenta soluções interessantes que o tornam um profissional eficaz na execução dessa eventual nova profissão, aliado a um esforço suplementar e, em certos casos, a uma formação extra.

Ser arquiteto é ser capaz de planear a diversas escalas em diferentes períodos temporais. É ser multidisciplinar, compreender o espaço, as pessoas, o tempo e a mudança. É ser, acima de tudo, um

profissional respeitador do seu trabalho e hábil no reconhecimento de um problema e respetivas soluções. É ser um maestro na sua área, onde tudo se conjuga a seu tempo ao ponto de surpreender até o menos conhecer do que é a arquitetura. É isto, e muito mais, mas define-se como um profissional em arquitetura. Nunca será ele capaz de fazer todas as profissões que existem, muito menos ser capaz de as controlar por inteiro. No entanto, tem características únicas entre todos os profissionais, que o levam a querer mais, a procurar a sua estabilidade e reconhecimento próprios. Que o levam a não desistir, mas a encontrar novos caminhos e novas opções, para que cada profissional se sinta realizado.

No fundo, todos os profissionais desenvolvem um elo com a sua profissão, procurando desenvolvê-la conforme os seus objetivos pessoais. Mas nenhum deles, em algum momento, consegue ser tão abrangente como o arquiteto. E, apesar da multidisciplinar e complexa formação a que é sujeito, apenas o percurso individual e a vontade de aprender mais podem fazer a diferença quando falamos em casos de sucesso. Apesar de tudo, um arquiteto conseguirá ser sempre profissional noutra área, marcando a diferença por se manter sempre arquiteto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências bibliográficas

Monografias

- Brandão, P. (2006). *O Arquitecto e Outras Imperfeições. Ética, Identidade e Prospectiva da Profissão*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cabral, M. V., & Borges, V. (2010). Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquitecto. . Em A. Delicado, V. Borges, & S. Dix, *Profissão e Vocação. Ensaio sobre Grupos Profissionais* (pp. 147-177). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais .
- Cabral, M. V., & Borges, V. (2006). *Relatório Profissão: Arquitecto/a. Estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Custódio, J. (1993). Salva-guarda do património – antecedentes históricos. De Alexandre Herculano à Carta de Veneza (1837 – 1964). Em *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR.
- Freidson, E. (1994). *Professionalism Reborn: Theory, Prophecy, and Policy*. Chicago: University of Chicago Press.

Publicações Periódicas

- Borges, V. (2014). Reputação, mercado e território: o caso dos arquitectos. *Sociologia: Problemas e Práticas*, pp. 73-92.
- Instituto Nacional de Estatística, I. (2015). *Estatísticas da Cultura 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- A.A.V.V. (Março de 2013). Emprego. *Boletim dos Arquitectos*.
- A.A.V.V. (Outubro de 2013). Formação/Ensino: Coração, Cabeça, Estômago. *Boletim dos Arquitectos*.
- A.A.V.V. (Julho de 2015). Estatuto: regular a ordem e o exercício profissional dos arquitectos. *Boletim dos Arquitectos*.

Webgrafia

- Arpini, N. (06 de Junho de 2016). *G1*. Obtido de <http://www.g1.globo.com>: http://g1.globo.com/espírito-santo/concursos-e-emprego/noticia/2016/06/desemprego-faz-recem-formados-optarem-por-carreiras-alternativas.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1
- Baratto, R. (24 de Março de 2016). *Archdaily*. Obtido de <http://www.archdaily.com.br>: <http://www.archdaily.com.br/br/784281/o-que-voce-gostaria-de-ter-aprendido-na-faculdade-de-arquitetura-mas-nunca-teve-a-oportunidade-a-opiniao-dos-leitores>
- Barbosa, M. d. (26 de Novembro de 2011). *Dinheiro Vivo*. Obtido de <http://www.dinheirovivo.pt>: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/esta-arquitecta-faz-crachas-e-organiza-festivais/>
- Barcellos, A. (17 de Fevereiro de 2014). *P3*. Obtido de <http://www.p3.publico.pt>: <http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/10868/os-arquitectos-ja-nao-desenham-so-edificios>
- Cardoso, J. A. (04 de Julho de 2013). *Publico*. Obtido de <http://www.publico.pt>: <https://www.publico.pt/culturaipilon/jornal/juventude-paridade-desemprego-e-emigracao-eis-o-arquitecto-portugues-26778165>
- Costa, R. (10 de Março de 2016). *RC Arquitectura e Design*. Obtido de <https://www.rcarqdesign.wordpress.com>: <https://rcarqdesign.wordpress.com/2016/03/10/15-areas-em-que-um-arquiteto-pode-atuar/>
- Júnior, J. P. (07 de Julho de 2016). *Visão*. Obtido de <http://www.visao.sapo.pt>: <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2016-07-07-A-luta-dos-engenheiros-que-querem-ser-arquitetos>
- Pinto, I. (19 de Julho de 2013). *Dinheiro Vivo*. Obtido de <http://www.dinheirovivo.pt>: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/feeders-como-este-arquiteto-conseguiu-levantar-os-palcos-do-alive/>
- Saga, M. (18 de Novembro de 2015). *Archdaily*. Obtido de <http://www.archdaily.com.br>: <http://www.archdaily.com.br/br/767677/maria-elisa-navarro-a-arquiteta-que-assessorou-o-desenvolvimento-de-assassins-creed-ii>
- Santos, N. (s.d.). *Universidade Lusófona do Porto*. Obtido de <http://www.ulp.pt>: <http://www.ulp.pt/noticias/jose-capela-arquiteta-cenografia>
- Silva, H. T. (05 de Dezembro de 2015). *O Observador*. Obtido de <http://www.observador.pt>: <http://observador.pt/especiais/jose-antonio-saraiva-o-arquiteto-diretor-que-pos-os-jornais-dentro-de-um-saco/>

ANEXOS

Anexo A

A.1. Entrevista a **Pedro Pinto**, arquiteto e docente no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;

1. Há uns anos atrás, fez parte do atelier *Risco*, onde esteve inserido numa equipa multidisciplinar na realização de grandes projetos em Portugal, como a Expo98 e a zona envolvente ao Estádio do Dragão. Como funciona um atelier desta dimensão e como são realizados estes projetos?

PP: Funciona organizado em equipas, com divisão do tipo de trabalho: de conceção do projeto; de desenho do projeto (incluindo desenho de projeção, de modelação tridimensional e produção de maquetas físicas); de pesquisa de soluções materiais; de medição, aferição e descrição do tipo de soluções construtivas; de apoio de secretariado e de gestão de recursos. Há uma coordenação geral, uma coordenação de projeto e equipas para produção dos projetos.

Isto dentro do atelier, dentro dos projetos, há ainda a assinalar a presença constante das especialidades e de consultores externos, que intervêm desde o arranque do projeto.

2. Que funções existem num atelier?

PP: Múltiplas, conforme a resposta atrás. Acrescentando ainda o trabalho de arquivo, comunicação e divulgação.

3. O que é que o processo de Bolonha veio mudar na formação de arquiteto?

PP: A reforma de Bolonha teve, na minha opinião alguns impactos fundamentais: comprimiu o tempo global de aulas semanais; acelerou e encurtou o ritmo letivo em semestres; profissionalizou, tendencialmente, os professores, afastando-os da prática tradicional e autonomizando subáreas de produção académica (história, teoria, tecnologias, etc.); situação esta que pode também ser vista como um alargamento da própria prática...

4. Na sua opinião, existe uma exagerada oferta de cursos de Arquitetura em Portugal?

PP: A uma situação difícil de concluir, depende da apetência geral pela profissão, mas também da ambição das várias instituições. Não tenho opinião taxativa.

5. Num inquérito realizado para esta dissertação, mais de metade dos inquiridos afirmou que o curso peca na falta de ligação ao mercado de trabalho e nas questões práticas da profissão. Sendo docente, o que falta à formação?

PP: Estudos da história e da sociologia da profissão em países como os EUA mostram que essa crítica é persistente.

Agora, podemos argumentar que no momento atual, com as mutações globais do mercado de trabalho, decorrentes da globalização, especialização e mercantilização extremas, levando à própria profissionalização do ensino e separação formal deste da profissão, ao ponto de ser necessário para a entrada nos mercados de trabalho locais de ações de formação específica (os estágios – formação profissional geridos pelas associações profissionais), esta fratura torna-se mais evidente.

O que falta à formação? Podemos argumentar que as universidades educam, não formam profissionalmente. E que essa formação profissionalizante será realizada da melhor forma na própria profissão. Com este sentido, talvez falte à educação precisamente uma maior especificidade e complementaridade à tradicional formação profissional, de cariz mais politécnico.

Dadas as múltiplas possibilidades, paralelas à própria fragmentação do mercado de trabalho e do entendimento do que é a arquitetura, talvez falem, em Portugal, modelos alternativos de educação, seja na universidade, seja fora dela.

6. O Presidente da Ordem dos Arquitetos, o Arquiteto João Santa Rita, afirma que é preciso 'coragem' para se tirar um curso de arquitetura e ter sucesso como arquiteto. Partilha a opinião?

PP: A saturação e a competitividade laboral não são exclusivas da arquitetura. Essa coragem é necessária em muitas áreas, para não dizer em todas.

7. José António Saraiva é jornalista. Miguel Ângelo e Tiago Bettencourt são músicos. Lourenço Thomaz é marketeer. José Capela é cenógrafo. Manuel Fernandes é cozinheiro. Ana Aragão é ilustradora. Apenas alguns exemplos de profissionais de sucesso nas suas profissões, mas que têm em comum o fato de todos eles serem formados em arquitetura. Que capacidades vê num arquiteto para desempenhar com sucesso outras profissões?

PP: Lá está, como se prepara alguém para um mercado de trabalho heterogéneo e em constante mutação, cultural e tecnológica? Talvez dando uma formação abrangente? Em que o projeto seja sobretudo uma metodologia critica? Deste modo preparam-se indivíduos para um largo espectro de atividades.

A.2. Entrevista a **João Santa Rita**, arquiteto e Presidente da Ordem dos Arquitetos;

1. Como vê, atualmente, a profissão de arquiteto em Portugal?

JSR: Vejo como uma forma que tenho referido várias vezes, que é uma profissão com um grau de preparação muito grande, ou seja, que os arquitetos têm uma preparação e formação muito boas para aquilo que são os padrões a nível mundial. Como eu costumo referir, temos duas escolas no ranking de 100 escolas do mundo, ou pelo menos tínhamos a do Porto e a de Lisboa tinha lá uns cursos que estavam associados. Mas não é por isso que as outras são muito inferiores, se calhar é uma questão dos alunos que cativam de fora. Portanto, temos de fato uma formação, basta pensar nos professores que temos a dar aulas, pensar que temos uma boa formação, homogénea no país o que também significa que não há escolas muito experimentais, 'que não correm muitos riscos', uma formação sólida, contínua, boa e testada, por isso é que eu digo que é quase sempre uma boa formação. Isso vê-se nos alunos quando saem para fora, vê-se nos alunos quando há concursos entre, digamos, interuniversitários, vê-se quando são postos à prova em competições com alunos doutros países, a forma como os portugueses conseguem dominar normalmente muito bem questões que os outros não dominam, vê-se na forma como são solicitados para fora, ou como são recebidos lá fora, portanto percebe-se isso, Portugal tem uma boa formação. O que significa que tem profissionais bons, e tem uma arquitetura muito reconhecida no exterior. Infelizmente isto tudo coincide com um período em que Portugal e outros países (são) onde menos se investe neste momento na europa, fazemos parte dos 2/3 países onde se investe neste momento muito pouco, onde o investimento público praticamente desapareceu, como sabemos o investimento público é fundamental porque é uma alavanca para muita coisa, até porque é um índice de confiança para muita coisa. Se o estado

investe, é porque é um bom sinal, se o estado não investe é porque é um mau sinal. Temos, de fato, essa grande falha neste momento, em que temos (mesmo) muita coisa para fazer, não é por não haver tanta obra nova como se diz, que deixa de haver coisas para fazer, o país é um país de cidades históricas, de periferias grandes dos anos 60/70, portanto há muita coisa para fazer quer de intervenções no espaço público, quer de intervenções no edificado. Mas para isso tem que se preparar, propor, cativar investimentos, concorrer a investimentos fora, pacotes, o que for, porque se tem que programar. O estado tem imenso património, que tem que pensar o que quer fazer, podia colocar, digamos, a concurso a elaboração de estudos e programas de ocupação de edifícios e com isto dinamizar o mercado, que representa uma ínfima parte do que são os problemas do país, mas ajudariam a resolver outros tantos problemas do país. Isto é como eu vejo, digamos, a profissão. E isto para dizer que vejo um grupo muito grande de jovens, que mudou claramente aquilo que é a composição dos arquitetos, há uma grande percentagem que são entre os 20 e os 40, 30 e tal anos, é a grande percentagem de inscritos na ordem (dos Arquitetos), é a grande percentagem de profissionais do país, vemos a geração de profissionais entre os 40 e os 60 e tal anos, que são os que estão mais envolvidos na profissão com dificuldades brutais, porque no fundo ou têm estruturas mais pesadas ou mais leves, se são leves (há) pouca capacidade para investir numas áreas, se são pesadas, são afogados com tudo aquilo que é necessário para manter as estruturas, e temos um grupo entre os 60 e os 70/80 e tal anos, com um grupo bastante mais reduzido, com as mesmíssimas dificuldades que os outros, por vezes até desistiria, e a dizer 'bom, eu já tenho 70 e tal anos, isto já está num estado grave, mais vale fechar e desaparecer do que continuar aqui a insistir numa coisa que se vê que não dá em nada. E, portanto, vê-se uma destruição da profissão ao mesmo tempo, ou seja, uma profissão com uma boa formação, boas capacidades, bom reconhecimento, com capacidade para produzir muito melhor do que se calhar produzia há uns tempos atrás, muito mais qualificada nas matérias que dá, na forma como aprende, na forma como é exigido até, eu também já fui aluno, sei o que me exigiram e sei o que exijo também, é claramente distinto. Isto para dizer que há de fato esta grande descompensação, entre aquilo que estamos preparados e aquilo que a sociedade está apta a dar a estes arquitetos. Isto só mudaria com políticas grandes, de participação dos arquitetos em muito mais coisas do que estão a participar, e também, se calhar, com uma política diferente do ponto de vista do funcionamento dos arquitetos na função pública (e aqui, na função pública, chamemos atividade pública), é uma questão de que muitos organismos não têm arquitetos e deviam ter, há muitas decisões que têm influência sobre

trabalho dos arquitetos, sobre arquitetura e sobre o edificado, que não estão arquitetos propriamente a ter, e tudo isso eram obviamente frentes que se abriam para este reconhecimento profissional e para o entrosamento maior da profissão com o país. A própria mentalidade dos arquitetos mudou, ou seja, as novas gerações estão muito mais aptas a, de alguma forma, trabalhar com a sociedade do que se calhar algumas gerações um pouco mais velhas, porque o seu próprio módulo de lidar com o mundo é diferente, e isso habituou-os até a terem formas novas de relacionamento, formas novas de propor e angariar trabalho. Portanto há aqui uma série de questões que também beneficiam disso. Mais ainda, é uma coisa que me faz imensa impressão, é que nós temos um código de contratação pública que privilegia o concurso e eu pergunto onde é que andam os concursos no país nos últimos anos. Ou seja, tudo o que é agora possível fazer por um valor abaixo do concurso público é tudo feito. Portanto, há aqui um enorme contrassenso, e é normal que a profissão se ressentisse disso. Até porque este país, ao contrário de outros países, não está habituado a distribuir o trabalho, está habituado a entregar o trabalho, e há aqui uma grande diferença. Distribuir o trabalho significa ter uma perceção do que é que se passa no país, onde é que é necessário distribuir, como é que é necessário distribuir, procurar repartir o que é que há por todos. E o que acontece normalmente é que se se pode dar a um, dá-se a um. E isto reverte completamente até o que podem ser a realização do trabalho. Depois eu dou-lhe um exemplo: nós aqui (atelier Santa Rita) estivemos envolvidos em dois concursos, um nacional e um internacional. No internacional concorreram entre 500 a 800, não sei bem, e num mês saíram os resultados, no nacional concorreram 70 pessoas, há 3 meses que se espera pelos resultados. E isto também dá uma ideia de como é que as coisas funcionam neste momento. E quando saírem os resultados, vai sair tudo embrulhado, com contestações, com isto e aquilo. E isto diz muito da forma como isto está mal, na própria relação entre os arquitetos e a sociedade, na própria relação entre arquitetos e arquitetos, na própria relação entre quem decide e a urgência que há em colocar certo tipo de profissionais em atividade. E isto deve dar para os arquitetos como dá para os engenheiros, como dá para os paisagistas, é uma coisa que é transversal na nossa área, e como é verdade para as empresas de construção. A verdade é que um largo espectro de profissionais depende de uma área que se não for programada atempadamente não acontece no dia a seguir. Portanto precisa de muitos anos para ser programada e acontecer. Ora, muito pouco tem acontecido, isso é que é verdade, e assim a profissão ressentiu-se disso. É uma profissão que está mais fragmentada, mais isolada (que todas estas dificuldades provocam mecanismos de isolamento, que eu estou mais preocupado em resolver o meu problema e

menos disponível para saber o que se passa ao lado, por exemplo, e por vezes mais complicado até de criar laços para ultrapassar isso, porque cada um está envolvido nos seus problemas e mais dificuldade em dizer: bom vamos lá reunir-nos, juntar 7 a 8 ateliers e vamos concorrer a isto e, por isso, menos capacidade). 'Coisas' que a nós também falta algum pragmatismo, que talvez as novas gerações tenham, não sei, mas que outros países as têm muito maiores porque põem o trabalho e a necessidade de o concretizar muito à frente de outras questões e nós não, temos muitas idiossincrasias, temos muitas coisas das quais não abdicamos, uma delas é a chamada autoria, e é muito difícil juntar 4 ou 5 gabinetes para fazer um trabalho, uma coisa que nos outros países é absolutamente fácil e que aqui é muito complicado, quem é que decide, de quem é que é o risco, de quem é que é a obra afinal, mas as coisas por vezes não são fáceis. Ou então só acontecem quando há pessoas que já têm uma grande rotação de trabalho conjunto. Isto para dizer que é uma profissão que está com um conjunto de sintomas complicados aos quais se juntam uma sociedade que dificilmente está a provocar respostas e a favorecer oportunidades que ajudassem também a alavancar uma revolução nisto

2. O que é que o processo de Bolonha veio mudar na formação de arquiteto?

JSR: Olhe, eu formei-me no anterior processo e dou aulas no processo de Bolonha, e também já dei no anterior processo. Eu acho que, para a arquitetura verdadeiramente, aquilo que prometeu foi uma grande mobilidade, eu tiro 3 anos em medicina vou fazer o mestrado em arquitetura, eu tiro o mestrado em arquitetura e faço uma pós-graduação em história, sei lá, havia uma grande mobilidade, mas na prática pouca mobilidade acontece. Não me lembro muito de receber alunos que aparecem para o mestrado de arquitetura que venham de pintura ou de escultura. Normalmente é um aluno que entra e sai, até porque nós temos esta coisa do mestrado integrado que acaba por ser um processo relativamente contínuo. O que é que sucede: ele pode vir com 3 anos de não sei onde, vem de Espanha e vem aqui acabar o mestrado, ou vem de Milão e vem aqui acabar o mestrado, isso acontece. E se calhar isso é um pouco mais favorecido com um processo como o processo de Bolonha que permite estes dois momentos. Para o aluno que faz o curso em contínuo, não há grande diferença, são 5 anos na mesma, tem uma tese como já tinha, ao fim de 3 anos não faz nada, mas também já não fazia. Eu acho que verdadeiramente é mais essa possibilidade de eu saber que tenho dois blocos e com esses dois blocos posso geri-los nos países que tem dois blocos, porque há países só com um bloco, é sobretudo o que eu acho. Na prática, como está a ser implementado deixa me

enormes reservas que é a questão das precedências, um aluno está no 3º ano, mas faltam-lhe cadeiras do 1º ano, é ridículo estar a fazer projeto de 3º ano com uma brilhante nota e estar chumbado no semestre do 1º ano, enfim há assim uns absurdos que não se entendem. Esses sim fazem me muita confusão, porque no fundo subverte toda a lógica de evolução do aluno. Ou então obrigaria a dizer assim: se um aluno chega ao 3º ano, completa o ciclo todo do 3º ano, epá, deem-lhe passagem positiva no 1º ano, não faz sentido nenhum ser um aluno brilhante no 2º e 3º anos e estar chumbado no 1º ano a projeto. Eu bem sei que isto também varia, há uns que têm precedências, há uns que não têm, mas de fato conviria por aqui alguma regra nestas questões. Enquanto docente e enquanto aluno o que eu mais sinto é isso, é um bocadinho mais desorganizado nalgumas matérias, proporciona mais coisas noutras matérias. Há coisas em que eu sou muito mais radical, como por exemplo, o que me parece que turmas com 25 alunos tinham que ter sempre no mínimo 2 professores, porque a arquitetura não é a mesma coisa que ensinar química, nem física, nem história, nada disso, a disciplina de projeto é uma disciplina que exige tempo, cá está se queremos preservar uma formação a que nos habituamos a dar neste país. Se quisermos ir para a formação dos 200 alunos numa turma a receberem projeto, também há quem ofereça isso na Europa, mas isso não foi o que nos distinguiu dos outros, o que nos distinguiu foi uma formação muito enraizada no contato entre professor e aluno, numa grande proximidade às questões do projeto, e a forma como os professores acompanham o projeto, que dizer, quase cada projeto é quase uma mini tese, em que os alunos dialogam com o professor, e por aí fora. É isso que me parece que se nós quisermos manter este nível de reconhecimento no exterior tem que ser fazer sempre uma coisa diferente. E não é começando a dizer: bom, mas não há dinheiro e, portanto, um professor tem 30 alunos. Não sei bem como é que é no ISCTE neste momento, se vocês têm também este problema ou não, mas a verdade é que muitas universidades têm vindo a tirar professores, e têm ficado com turmas maiores. E isso é que eu penso que é pena, não só por revelar dificuldades, mas sobretudo por ser um passo para nós perdermos o que nos diferenciou dos outros, que é de fato um acompanhamento diferente. Quer dizer, eu lembro-me que chegou a haver momentos em que havia 30 e poucos alunos para 3 professores, por exemplo, e isso dá um grau de grande confiança a quem a seguir vai receber alunos portugueses, sabia que em Portugal um professor dá para cada 10 alunos. Só se aquele gajo faltar todos os dias, ou os outros faltarem, é que eles não se encontram e não conversam. Eu acho é que isto sim, são aspetos que me preocupam. Como aspetos que me preocupam é a questão da subversão da carga horária que também acontece muito, há x horas, mas depois os

professores só recebem x, que o resto é dado em regime de não sei quê, portanto há aqui uma série de questões que preocupam porque é um bocadinho a subversão do sistema de ensino. Há coisas então que me fazem muita confusão que é todo o sistema da forma como as teses acabaram por cair para cima de professores que de repente têm um conjunto enorme de teses para avaliar, como é que isto também dá garantias de uma boa formação, sabendo que uma tese é uma coisa que demora tempo a acompanhar, imaginemos que eu enquanto profissional digo que se querem que eu veja teses só posso aceitar 3 por ano, mas depois há professores com 20/30 teses para ver por ano, como é que isto se consegue conjugar tudo. E não é porque o tipo não tem tempo, é que eu não sei se é bom se o tipo vira profissional de ver teses. Estou a caricaturar um bocadinho. As teses são uma coisa que obriga não podem ser vistas como: bom, vou para casa ler a tese que amanhã tenho que dar uma nota a este tipo. É uma coisa de cumprimento, é uma coisa de não sei quê, ou então transformamos os profissionais só em professores com o tempo todo que têm para ver teses. Há aqui coisas que têm, de fato, de serem muito muito ajustadas.

3. Na sua opinião, existe uma exagerada oferta de cursos de Arquitetura em Portugal?

JSR: O que eu vou dizer é altamente polémico: eu quis ser arquiteto, ou pelo menos a partir do momento em que decidi ser mesmo arquiteto, não gostaria nada que me tivessem dito que tu não podes tirar um curso de arquiteto porque neste país temos números 'clausos de 100', neste país temos números 'clausos de 100'. Eu apanhei 'números clausos'. E sei o que era aquela defesa de um tipo saber que havia tipos que ficavam de fora irremediavelmente e desistiam e iam para uma coisa totalmente distinta. Isto é uma questão, e eu acho que a formação não tem nada a ver com a atividade. Formação é eu fornecer formação a um povo, e se nós andarmos 10 anos a dizer: Portugal está em desvantagem com os outros porque as pessoas são iletradas e não há formação, e a seguir vamos dizer que há cursos a mais? Tem é que se dizer às pessoas a verdade, que é assim: há cursos para x número de habitantes para poderem tirar formação que é para quem quiser. Agora isto não é garantia de que essa percentagem encontra trabalho. Porque neste curso, neste momento, neste ano, formaram-se 900, e só deu trabalho a 300. 500 foram para fora, e 400 desistiram e mudaram de profissão. É uma coisa totalmente distinta. Ou seja, eu tenho colegas meus que foram meus colegas até ao fim do curso e utilizaram o curso para fazer coisas totalmente distintas. Alguns deles em áreas com enorme sucesso, quem me dera a mim. Houve alunos em que isso aconteceu. E haverá sempre, dada a natureza do nosso curso. Agora, eu acho que só há cursos a mais no momento em que não

houver candidatos aos cursos. O que neste momento se assiste é que os números de alunos não têm variado muito no ensino superior. Agora há uma transferência, isso sim, de alunos do ensino privado para o ensino público, porque o ensino público abriu muito mais vagas. Razão também pela qual as médias baixaram abruptamente, porque tem vindo a abrir cada vez mais vagas. Isso, de alguma forma, alterou o quadro existente, quanto a mim, um bocadinho injusto e ingratamente. Porque é que eu digo isto (e não é por dar aulas no ensino privado): quando o estado precisou do ensino privado, não cresceu e atirou o problema para cima do ensino privado. Se calhar atirou o problema dando-lhes a ganhar aquilo que nunca esperaram. Foi dizer: nós não temos capacidade para, neste momento, oferecer mais cursos nesta área. Abram os senhores, e vão abrindo os cursos que quiserem. Quando o estado está aflito e precisa de ter alunos, abre vagas, e os outros que andaram a aguentar o barco durante anos, de repente ficam com (o problema). E isto (cria) situações muito chatas, porque para haver professores no estado, em que conseguem manter os seus postos de trabalho, há professores nos privados às quantidades que têm saído e têm ficado sem trabalho. Há, portanto, aqui uma situação muito injusta. Parece-me, a mim, muito desequilibrada e muito injusta. Eu acho que o país poderia ter um certo número de escolas, tinha à roda dos 20/20 e poucos cursos. Alguns deles tinham projetos ligeiramente diferentes uns dos outros. Como eu digo, a base é quase toda a mesma, a base é quase sempre bife com batatas fritas, mas um tinha um ovinho à cavalo, outro tinha um molho mais bem passado, o outro dizia que as batatas eram às rodela, mas a base era sempre bife à portuguesa ou bitoque que é uma expressão muito à portuguesa. Mais pickles, menos pickles, era tudo quase sempre a mesma coisa. E, de fato, neste momento, assistimos preocupantemente ao desaparecimento desse ensino, como eu digo, que algumas escolas tinham mérito. E tiveram muito mérito, formaram muita gente de qualidade. E as que tiveram que cair, são as primeiras a cair, tinham projetos ou mais frágeis, ou menos consolidados, até mesmo do ponto de vista da sua estratégia universitária se calhar menos enraizada, e caíram, numa primeira fase. Eu penso que universidades como a Lusíada, como a Lusófona, e digo essas que são assim as maiores, têm projetos relativamente sedimentados, mas mesmo essas estão com enormes dificuldades. E isso sim, parece-me pena, são universidades que, apesar de tudo, fizeram quase 20 e tal nos de atividades e que, se calhar, tinham condições de continuar com projetos de qualidade de ensino. Isto para dizer que o número de escolas eu acho que são muito ou poucas, só se pode ver em função deste balanço. No outro dia falava com um colega do Brasil, que dizia que já iam com quase 300 e tal, mas que sei que hoje há quase 400, que abrem e fecham

que eu sei lá o quê. Têm 400 universidades, para um universo de 120000 alunos, 120000 profissionais. Nós temos cerca de 20 para um universo de 2000. Se calhar não andamos muito diferente, mas se calhar comparado com outros países, se calhar comparado com a Suíça, nós temos muitas escolas. Mas também não sei dizer se o ensino na Suíça é de tal modo um ensino de elite que aqui em Portugal, neste momento, não é. De fato, não se paga 600 mil euros ao fim de um curso por ter feito um curso. Se calhar na Suíça paga-se isso, por exemplo, portanto o nosso ensino não é um ensino nesse ponto de vista. O que me agrada no nosso ensino é que era um ensino relativamente democratizado, mas sem perder a qualidade. Muito distante daqueles ensinos de Milão, 10 mil alunos no politécnico. Eu dizia às vezes a pessoas que eram minhas estagiárias, mas vocês digam-me lá como é que funcionam as turmas com muitos (alunos): ah nós nunca vimos o professor, fazemos o trabalho, vamos lá no final, entregamos o trabalho e esperamos por uma nota, e isto em Portugal não existe. Nós vamos à aula, são cento e tal alunos numa turma, o professor debita a matéria, dá o exercício, nós fazemos, vamos entregando coisas, vamos recebendo umas notas, não há cá esta coisa de sentado à mesa, uma hora a conversar com o aluno e discutir (formato de atelier). Que é sempre aquilo que nós defendemos. No meio dessa dificuldade toda, eu acho que nós temos que saber defender isso.

4. No Relatório da Cultura de 2012, do Instituto Nacional de Estatística, é possível constatar que em 2011 havia cerca de 11057 alunos inscritos nos cursos de Ensino Superior de Arquitetura e Urbanismo, tendo nesse ano saído cerca de 2289 alunos diplomados. Em dezembro do mesmo ano, 2012, O Conselho dos Arquitetos da Europa encomendou um estudo em que conclui que as encomendas de arquitetura na europa tinham decrescido 32% face à crise, e que existia cerca 1.6 arquitetos por cada 1000 habitantes, 60% deles abaixo dos 45 anos, e 2.5 arquitetos em 2013. Como interpreta estes números?

JSR: A primeira questão é que há sempre uma grande diferença, é que os cálculos que por vezes alguns países fazem, que é o rácio de arquiteto por habitante são ligeiramente dos nossos. Porque eles distinguem muito, por exemplo, um arquiteto que está numa câmara não entra para alguns desses rácios, entram só os profissionais. Nós entramos com tudo. Por isso esses valores que apresentou não são todos a fazer projeto, estão a fazer muitas coisas, alguns até estão a dar aulas porque estão inscritos na Ordem (dos Arquitetos). E como estão exclusivamente a dar aulas entram no rácio de arquitetos. Não, eles entram no rácio dos

professores. Portanto, há aqui uns números ligeiramente diferentes. Nós temos, de fato, um rácio alto, não vale a pena esconder isso, mas temos um rácio alto porque também foi um país que obviamente teve um grande desenvolvimento da construção nos últimos 20 anos e isso, obviamente, fez crer e elevar a ideia de que isto ia ser sempre a crescer, ou pelo menos igual. Ninguém gosta de reduzir a sua vida, nem os cidadãos nem os arquitetos. Isto há-de ser sempre assim, agora é a Expo, é o CCB (Centro Cultural de Belém). No outro dia um tipo fazia um relato que era assim: primeiro foram os programas todos de universidades, de finais dos anos 80; de 85 para a frente Portugal entrou na Europa, começaram a entrar aos milhões e eram só universidades, quartéis de bombeiros, hospitais, equipamentos, e havia trabalho para toda a gente. Depois quando a coisa esmoreceu, venha de lá o CCB (centro Cultural de Belém), depois venha de lá os museus todos, depois venha os museus mais os teatros, mais os anfiteatros, mais os auditórios, mais os não sei quê municipais, mais tudo. Depois quando tudo ai ai, venha de lá a Expo 98, depois venha de lá o Europeu de 2004 e, como não foi suficiente, tomem lá 25 pólis, 25 cidades todas para revolucionar. O que acontece é que depois vem uma crise e tudo acabou. Obviamente isto também é fruto disso, é fruto de uma sociedade que obviamente privilegiou o curso superior em detrimento dos cursos médios, dos cursos profissionais, por exemplo. Mas eu não acho isso mal, porque a cultura também faz parte de uma riqueza de um povo. E como eu costumo dizer: eu prefiro ter um arquiteto (e mais uma vez vou ser muito polémico), na caixa de um supermercado do que ter um gajo na caixa de um supermercado que nunca foi a uma universidade. Porque isso há-de lhe dar, pelo menos, um entendimento e uma formação que há-de, garantidamente, exercer muito melhor aquilo que está a fazer do que se não tiver tido formação absolutamente nenhuma. Vai dar valor ao trabalho, vai ter se calhar uma disciplina que se calhar adquiriu ao longo do seu curso, vai saber um diálogo, vai saber até improvisar coisas no seu trabalho porque sabe olhar para o mundo de uma forma um pouco diferente e sabe enriquecê-lo, do que se eu for um tipo que foi até ao secundário e depois foi parar à caixa. E não se interessa por nada, basicamente estou ali por estar. Eu posso enriquecer o meu mundo. Agora, é evidente que isto custa dizer porque eu sei que há pessoas que desesperadamente quiseram ter o curso para exercer aquela profissão e não o conseguem fazer. E é exatamente o que eu sinto quando tenho quebras de trabalho que eu digo: mas eu quero ter trabalho, eu preciso de ter trabalho, o que é que eu faço da minha vida. Porque se eu não fizer isto, vou ficar muito triste. Com certeza que faria outras coisas, porque a vida tem que seguir, porque obviamente não vou dar um tiro na cabeça porque deixei de ser arquiteto, mas se calhar ficarei com uma profunda depressão, porque eu fui

talhado para fazer isto. Mas também sei que esta profissão me deu o espaço para fazer outras coisas. E não é por acaso que agora quando se instalou esta grande crise que muitos arquitetos tenham aparecido a fazer muitas outras coisas. E muitos foram mesmo para outras saídas profissionais, ou até nas suas áreas coisas que já sabiam fazer e que foram ajudar a fazer melhor. Mas o que eu vejo é que apesar de tudo, ainda há espaço para os arquitetos no país, porque há muita coisa para fazer. O país é que tem que tomar a decisão se quer fazer, ou se não quer fazer. Porque nós temos as cidades todas para requalificar, porque basta ir a tudo o que é cidades, à zona histórica, e são raras as que não têm 50% de áreas degradadas; tem todo o parque e mobiliário do estado, ou até desde os devolutos a inutilizados que precisam de utilização. Eu dou-lhe um exemplo: há 10 anos, precisamente, que saiu um regulamento sobre acessibilidade aos edifícios privados e públicos, por causa dos deficientes; a forma como o estado respondeu foi como está no decreto, que ao fim de 6 anos, se não tiver condições, isto não tem condições e não atualiza nada. Isto parece a situação mais cómoda que existe. E eu, que quando saiu aquele decreto fui dos mais críticos, sempre disse: isto é um tiro no pé do estado, que o estado está a dizer neste decreto que vai reformular todos os edifícios que tem até daqui a 6 anos, mas como tem cá à frente um artigo que diz: podem ser dispensados aqueles por comprovada a inadequabilidade por falta de não sei o quê, o estado arrasa isto, sendo o primeiro a dizer que não tem dinheiro! É evidente que quando cai a crise, nós não temos dinheiro, não há nenhum edifício para reformular. Agora espaço para projetos há, e há espaço para muito trabalho. Mas isto tem que ser uma estratégia que se diga assim: é para fazer e é para avançar, se não muito dificilmente haverá. Dou-lhe outro exemplo: a instituição que produz legislação na área da arquitetura, que se chama IMPIC (Instituto dos Mercados Públicos, do Imobiliário e da Construção), só tem engenheiros, não tem um único arquiteto. E decide sobre as nossas leis, por exemplo. E faz leis para arquitetos. E têm dezenas ou centenas de engenheiros e não têm um único arquiteto, já viu? Isto há, de fato, casos assim, há muitas instituições que não têm arquitetos. Era o que eu lhe dizia há pouco, é necessário fazer um panorama, um olhar do país e vamos ver se há arquitetos onde são necessários. No outro dia, fizemos um encontro de arquitetos na política, organizado por membros (e não pela Ordem). Chegou-se à conclusão que havia 3,4% Presidentes de Câmara arquitetos, há 4 deputados, neste momento, arquitetos, são poucos, mas é melhor do que não haver nenhum. No outro dia havia alguém que dizia com graça num encontro internacional: o (Rem) Koolhaas manifestou interesse em deixar de ser arquiteto porque dizia que já fez tanta coisa que neste momento acha que a arquitetura se faz na política, e gostava de ser político, e que se calhar, um cargo

político era uma coisa que já lhe interessava, porque é ali que estão as decisões. E a verdade é que nós precisávamos de ter um conjunto de atividades e de profissionais que ocupassem cargos desta natureza. É aí que se pode ter a palavra. E, de fato, se nós arquitetos não ocuparmos alguns desses lugares, dificilmente vamos conseguir demonstrar o que há para fazer. De alguma forma até redirecionar algumas coisas, e isso só se faz com uma enorme influência política, e nós arquitetos estamos reféns dessa influência política. Porque temos fraca participação, como eu disse temos fraca participação nos lugares públicos onde devíamos estar muito mais. E isso faz-se por iniciativa de quem queira concorrer ou de quem queira ser político. Ou faz, de fato, quem privilegia carreira profissional na função pública. Eu sei que é difícil falar nisto numa altura em que as carreiras estão todas congeladas, a função pública congelou as entradas todas, mas se calhar se não se for forçando, nada vai acontecer. E o que nós estamos é perante uma situação com respostas se calhar para dois anos, mas vão demorar cinco anos porque, justamente, se fez muito pouco durante os últimos anos.

5. Num inquérito realizado a recém-formados em prol desta dissertação, um quarto dos inquiridos não está inscrito na área nem a trabalhar na área. É uma preocupação real da Ordem dos Arquitetos?

JSR: O que eu lhe posso dizer é que por ano, nos últimos dois anos, nós fizemos uma iniciativa que foi uma coisa chamada 'Receção aos novos membros'. Por um lado, porque achamos que é importante mostrar ao membro o que é a casa, o que é a Ordem (dos Arquitetos), o que são, o que fazem, o que é que esperamos dele e o que é que ele espera de nós; por outro lado, porque isto também nos dá para retirar um retrato (nós sabemos obviamente quantos diplomas passamos), mas dá-nos para perceber, numa forma muito mais aberta, realmente quantos vão, quantos aderem (geralmente quantos aderem). E eu devo dizer que tanto em 2014, como em 2015, nós tivemos cerca de, salvo erro, 900 diplomas entregues. Podem ter decaído alguns diplomas, mas também repare que nem todos acabam ao mesmo tempo, mas na entrada da Ordem os diplomas são todos ao mesmo tempo, nós é que concentramos alguns para aquilo acontecer. Portanto, pode ter decaído o número de inscritos. A nós preocupa-nos por várias razões: uma porque significa que há obviamente menos trabalho e, portanto, as pessoas procuram menos o título profissional, escusam de estar envolvidos em despesas por algo que não necessitam. Por outro lado, nesse entretanto, acabam por encontrar coisas noutros campos. Eu tenho um filho a estudar arquitetura, está a acabar o seu curso, e eu

sei que muitos colegas dele (ou ele próprio) muitas vezes desviam-se para áreas completamente distintas e muitos dos amigos dele desistiram do curso. Enveredaram por outras áreas no 5º ano, 4º ano, 3º ano, tinham o 1º ciclo feito, e foram fazer não sei o quê. E coisas muito opostas. Obviamente porque encontram respostas mais imediatas e sabendo que aqueles onde se estavam a meter são menos imediatas a todos os níveis, porque quando saírem ainda estão num período em que as coisas estão muito complicadas. Aquilo já não dá uma resposta imediata no 3º ano, ainda vou investir mais 2 e uma tese para uma resposta que não é tão imediata. Se eu saltar agora, acabo por já fazer uma coisa e vou num barco que tem saída. E a saída é variadíssima. Desde formar empresas de venda de não sei o quê, empresas de catering, muitas delas estão nas mãos de jovens arquitetos, ou estudantes de arquitetura, ou a por música, ou envergou por desenhar objetos. É preocupante por outro lado porque a Ordem é uma coisa que evolui ao longo da história, quer dizer, nós temos uma Ordem das mais antigas na Europa, com uma história de 150 anos, faz-me muita impressão que isto tudo se vá definhando. Se fosse por estar tudo feito, fechávamos portas porque não há nada para fazer. Eu diria que era compreensível, está tudo um brinco, está um mimo, nos próximos anos nem manutenção há. É só mesmo o tipo que vai lá por a chave e pintar e está tudo feito. Não é nada disso. É que nós olhamos para o país e temos precisamente o retrato ao contrário. Vemos que, se quiser fazer um museu vai ter que concorrer a outro país, que aqui dificilmente (fará), até porque há muitos museus. Haverá lugar para um museuzito aqui, um museuzito ali, ainda há um ou dois museus nacionais que escapam, a começar pelo nosso da arquitetura, que é outra que tem prejudicado muito desse ponto de vista o reconhecimento profissional. É haverem museus de pintura, de escultura, e não existe um único museu de arquitetura no país. E nós temos batido muito por isso, afinal o que é que um museu muda? É tudo em conjunto que vai mudando. Se nada acontecer é que nada muda, tem que se ir mudando aos poucos. Nos países onde os arquitetos têm mais trabalho não é só museus, fazem muita coisa, até fazem coisas que nós não fazemos. Porque é tão necessária a presença deles, se eles próprios fazem coisas que nós cá não fazemos. Porque nós cá menosprezamos, porque continuamos a achar que há trabalhos maiores e menores, que não nos apercebemos que todos os trabalhos têm interesse. Isto para dizer que, de fato, é um país que nós olhamos e dizemos: há espaço para todos. Faz-me muita impressão que uma profissão vá perdendo poder, e o poder aqui não é no sentido de uma coisa, o que é interessante na arquitetura: é aquilo que promove para os cidadãos, é aquilo que pode promover, é melhor bem-estar, é maior qualidade no espaço onde as pessoas acabam por se encontrar, acabam por organizar a sua vida, acabam por viver,

acabam por fazer crescer os seus filhos, acabam por criar empatia com o sítio onde vivem e por aí fora, o nosso papel é esse. É acima de tudo esse: é poder dá um mundo melhor a quem vive no mundo. Ora, se nós vemos que é possível dar, mas não nos é dada essa possibilidade, há aqui uma coisa que é, de fato, um grande contrassenso. E faz-me muita impressão, como eu costumo dizer, quando um atelier fecha, é muito difícil de abrir. Quando uma empresa de construção fecha, é muito difícil de abrir. Está tudo desmembrado, aquelas pessoas nunca mais se vão juntar, aquela riqueza nunca mais se vai juntar, e eu nunca mais vou ter capacidade financeira para alavancar uma coisa que já me custou a alavancar uma vez. Portanto, desfez-se. Portanto, se há gerações que estão a perder o contato com a profissão significa que esta profissão vai perdendo valor. Vai perdendo influência, no bom sentido, na sociedade, vai perdendo participação e interlocução com a sociedade, vai perdendo capacidade para ocupar posições que possam ajudar, justamente, que a arquitetura tenha outra capacidade de chegar às pessoas, e por aí fora. Com menos gente, isso faz-se muito menos. Ou seja, aquilo que de alguma forma a Ordem dos Engenheiros anda de cabelos em pé, há dois anos que não tem quase engenheiros civis, e eu próprio sendo presidente da Ordem (dos Arquitetos) fui a um encontro com o bastonário da Ordem dos Engenheiros chamado qualquer coisa do género 'Cativar os jovens para a engenharia civil', porque aquilo que fui lá dizer não é nada de mais, é de fato preocupante que os jovens não se interessem pela engenharia civil. Evidentemente que a engenharia informática é muito mais rápida do que a engenharia civil, que é mais um trabalho de longa duração, que dá dores de cabeça como a arquitetura, um projeto não se faz num mês, faz-se em 40 meses, o dinheiro não é pago de uma vez, é pago em prestações, depois ainda vem a obra, depois é mais 5 anos, eu já tenho 15 anos disto e ainda é mais 5 anos, são projetos de longa duração. Mas se as pessoas não entenderem que a engenharia também é uma coisa de paixão, e que essa paixão faz parte de uma vida, uma sociedade sem engenheiros não é uma sociedade que exista, uma sociedade sem arquitetos não existe, não tem capacidade de reação a nada, não tem capacidade de organização, isto só se faz mantendo e mobilizando as pessoas. Mas para isso tem que se gerar expectativas, tem que haver programas que alavanquem isto, nem que seja dizer assim: nós estamos interessados em investir, nós vamos alavancar problemas, não vai dar para todos mas é uma demonstração de que há coisas que são necessárias fazer. E nós temos no país coisas que são necessárias fazer. Ainda agora passei por um país bastante mais civilizado do que o nosso, e eu de fato posso olhar para aquilo e parece que não há nada para fazer. Mas como os gajos são ricos fazem programas em cima de programas para fazer coisas. Agora vem mais museus, agora vem mais habitações

para emigrantes, nós não temos isso, mas temos muita coisa para cuidar e até coisas onde as pessoas estão a viver com condições precárias, de risco, etc. Portanto, isto é muito trabalho que se pode fazer. Não é o trabalho que se esperava, não é, eu também esperava fazer muitos mais museus do que faço, de fazer mais obras do que faço, mas também as outras fazem parte da minha vida, portanto tenho que me encaixar naquelas que neste momento existem. Faço por fazer outras, procuro fora do país porque cá não há.

6. O objetivo desta dissertação é definir que qualidades desenvolve um arquiteto para que consiga desempenhar outras funções, ou até outras profissões. Que capacidades vê num arquiteto para que consiga desempenhar outra profissão com sucesso?

JSR: Eu diria logo que tem uma formação altamente diversificada, que os académicos e burocratas gostam de chamar formação de banda larga, que é uma coisa que me enerva enormemente, ou seja, temos de fato um corpo disciplinar muito abrangente que vai desde as artes às ciências, às humanísticas, e isso é uma coisa que dá logo um grande leque, porque eu estudo química, eu estudo física, eu estudo história, mas também estudo artes, estudo tecnologias da construção, também estudo sociologia, estudo economia, mas depois tenho que me por dizer que tenho estudar uma coisa que se chama pensamento, e depois há um gajo que me diz que tenho que estudar filosofia, isto dá um leque muito grande. O que significa que, ao contrário de outros cursos, nós temos de fato um leque muito grande de formação. E eu acho que isto nos faz ter várias coisas: é aquilo que nos diferencia de um pintor ou de um escultor, nós somos chamados frequentemente a expor o nosso trabalho, em conferências e por aí fora. Salvo raras exceções um arquiteto sabe se exprimir e só com raras exceções é que um artista plástico se sabe exprimir. Porque até aquilo que foi ensiná-lo a falar, ensiná-lo a apresentar, não foi uma coisa que foi muito dirigido para isso na sua formação. Nós temos que escrever, só o fato que temos que escrever uma memória descritiva para uma câmara é uma coisa que nenhum artista tem que fazer e só isso obriga a saber exprimir, sintetizar o pensamento e por aí fora. Por outro lado, o tipo de trabalho que fazemos é um trabalho que obriga a reunir equipas, dialogar bem com equipas, gerir equipas, gerir recursos humanos, é um bocado como o maestro que chega ao fim e disse: o gajo do violino não se atrasou, o outro não apareceu, e aquele entrou fora do tempo. E o nosso projeto é um bocado como isso, ou seja, nós somos maestros, e temos que garantir que na data certa o projeto é entregue e todos entregaram, que tudo aquilo bate certo e que a orquestra está toda afinada, que os violinos entraram todos ao mesmo tempo, que o oboé deu o seu toque único, e que isto

tudo entrou e o projeto está feito. E isso obriga, de fato a uma sabedoria desse ponto de vista. Faz-nos lidar com projetos complexos de contas, porque é fácil dizer que está aqui isto, quero 50 mil m² de habitação e que custe 20 milhões, e o senhor faça-me agora o projeto e eu daqui a um mês venho cá buscar. Isto obriga a saber gerir, o que é que eu tiro, o que é que eu ponho, o que é que eu faço, que um projeto de 20 milhões para 500 mil casas não é o mesmo que um projeto de 20 milhões para 10 mil, que recursos é que eu tenho, que soluções construtivas é que eu arranjo para as construir, etc. A nossa vida é muito feita destas questões. E de fato isso dá-nos uma grande aptidão, desde logo no próprio curso para estarmos com esta formação muito diversificada. E eu acho que realmente é isso que nos faz depois ter leques muito diversos. Dou outro exemplo: se olharmos para um armazém e dissermos que temos que arrumar 5 milhões de caixas o arquiteto tem logo uma ideia onde é que cabem as pequenas, as médias e as grandes só de olhar para o espaço. De ser não sei quantas caixas a um tipo que está muito longe desta área se calhar tem muito mais dificuldade do que um arquiteto. Há aqui um lado que nós temos que nos permite fazer muitas coisas. Evidentemente não nos permite ser médicos, ser enfermeiros, não nos permite ser essas coisas, mas permite-nos de ser um bom elemento de equipa de manutenção de um hospital, permite-nos ser um bom tipo de organização de áreas de interfaces de hospital, coisas que chegam e coisas que vão, temos essa capacidade muito grande. E depois permite-nos umas milhentas outras coisas. Por exemplo, a nossa capacidade de diálogo com outras pessoas totalmente diferentes, nunca tem um cliente toda a vida, tem vários, tem que saber dialogar, ainda no outro dia recebi aqui uns tipos que depois de duas horas fiquei a perceber que estava metido num embuste. Eram tipos que estavam aqui só para dar um golpe.

7. Como vê a profissão de arquiteto num futuro próximo?

JSR: A profissão de arquiteto existirá sempre. Porque numa população em crescimento, numa população que exige coisas novas, os arquitetos existem porque a sociedade foi existindo e solicitando sempre coisas novas. Se tivéssemos chegado ao ano de 2015 e os programas que fossem necessários são igrejas e casas isto já tinha acabado há muito tempo para os arquitetos. Ou então eram os mesmos 10 ou 12 que havia no período da renascença. Foram justamente as nossas necessidades que foram gerando, ou porque é que foram os nossos liceus dos de há 100 anos respondiam. Portanto a profissão sempre existirá. Os moldes em que existe são certamente diferentes. Nós hoje em dia temos que nos organizar e dar resposta num tempo completamente diferente do que dávamos há 20 anos, só isso é uma forma completamente distinta de

organizar, de pensar, de produzir, por aí fora. Obviamente que é uma profissão que terá que acompanhar essas alterações. Como a mudança muito grande para a profissão em Portugal que é a sua organização perante o mundo. Nós ainda, deficientemente, temos capacidade de nos propor perante o mundo. Somos mais pequenos, estamos mais isolados, temos recursos diferentes, temos um governo ou estado que é pobre, que investe pouco nesse fato. Quem levou muitos arquitetos para fora noutros países não foram eles, foi o próprio estado que os levou. O próprio estado chegou e ofereceu pacotes com arquitetos, empreiteiros, e nós financiamos, como é que os arquitetos chineses têm trabalhado em não sei quantos projetos na China? Portugal não tem essa capacidade de investimento, e cada vez terá menos. Mas também se têm dimensionado muito mal, tem vendido muito mal a sua imagem no exterior. E continua a confundir uma coisa que é internacionalizar o país aos arquitetos é vender 3 ou 4 arquitetos. Não, isso é dar trabalho a 3 ou 4 arquitetos, não é por nós termos 5 ou 6 ou 7 melhores que serão só esses. É o país que precisa de trabalho. E portanto há aqui uma questão que é a estratégia nacional que não existe obviamente. Eu diria que a profissão de arquiteto penso que existirá sempre infelizmente, ou felizmente, felizmente porque há dinheiro e há programas e há necessidades, e infelizmente porque há catástrofes. Ainda agora a Itália vai ter trabalho nem que seja para arquitetos locais. Nem que seja voluntariado para se entrosarem em grandes equipas e depois isso dá-lhes trabalho para aqui ou para ali e passa do voluntariado para o trabalho real. Trabalho haverá sempre, neste continente ou noutro, não é aqui, é acolá, agora como é que nós arquitetos portugueses teremos uma palavra a dizer sobre isso é que é a grande questão. E para isso só podemos contar com um outro envolvimento do estado, se não é esquecer. A Holanda é o que é e não foi por ter o (Rem) Koolhaas, foi por ter o Koolhaas mais uma quantidade de políticos, mais uma quantidade de tipos que investiram numa formação a sério, e investiram imenso naquilo que chamava de diversificação da profissão e naquilo que chamava de trabalho equilibrado da profissão. Por isso é que não um ou dois ou três ateliers na Holanda, porque houve assim 50 ou 100 ateliers que explodiram assim na Holanda. Foi tudo à custa de um programa de distribuição do trabalho dentro da Holanda e fora da Holanda. Porque de fato eles tinham programas muito enraizados na forma como distribuíram o trabalho. E é um país pequeno como o nosso, portanto não é difícil fazer isso. É preciso é haver vontade política. Como viu quando foi o Euro 2004 só não se entregou os estádios todos aos mesmos arquitetos porque não calhou, porque a vontade era essa. É mais fácil, é mais barato, dá menos trabalho, sai sempre bem, dá-se ao mesmo gajo! Isto assim dificilmente o país encontra futuro para uma profissão. Pode encontrar futuro para 10 ou 20 arquitetos, mas

não encontra futuro para uma profissão. Para encontrar futuro para uma profissão tem que se diversificar, tem que saber fazer um diagnóstico da profissão, acompanhar isso constantemente, tem que criar parcerias com o estado e com as ordens. As ordens têm que ser chamadas pelo estado a fazerem parte de programas desse ponto de vista, de olhar, de radiografar, e de dizer o que há neste momento. E nós temos que pensar se queremos ter uma profissão que tem toda a razão de existir, tem todas as condições para existir, tem trabalho que é necessário fazer, mas tem que saber responder a isso. E mais ainda, não pode continuar a fazer uma coisa que é oferecer condições cada vez piores ao trabalho em arquitetura. Quando estado encomendava há 10 anos por 10 e agora encomenda por 5 a mesma coisa, não é possível. Está a degradar constantemente as relações de trabalho. A verdade é que somos das profissões que têm tido a maior política de redução do trabalho na remuneração do trabalho. Primeiro tínhamos as tabelas, eliminaram as tabelas. Depois ainda respeitavam as tabelas, mas depois deixaram de respeitar, e hoje em dia que, de fato, uma escola que há 10 anos se fazia por 200 mil euros faz-se por 25 mil euros, e isto corresponde à degradação de tudo. Corresponde a não poder ter melhores condições de quem trabalha, afixar postos quando era bom de se poder afixar, corresponde a não poder valorizar até as empresas porque não têm capacidade para concorrer fora porque estão sugadas em trabalhos cada vez mais mal remunerados. Eu devo dizer que não tenho dúvida nenhuma que fazia a raiz de um interior de 100 m² nos anos 80 por coisas que hoje em dia se faz um edifício com 2 mil m², e assim se vê o que isto mudou. E depois os políticos respondem a isto: ah mas antigamente era tudo à mão, dava mais trabalho e era mais caro, julgam eles que os computadores não custam dinheiro, os programas não pagam licenças, hoje em dia as licenças pagam se ao mês, que cada vez que se avaria uma plotter são 5 postos de trabalho numa plotter nova de 20 mil euros, há isto tudo que é um mundo totalmente novo. Dou-lhe um exemplo: não há no sistema bancário português nenhum sistema de empréstimos ou de sistemas de leasing para material informático que não seja considerado taxas de luxo. Isto é impossível. Se eu for comprar material de trabalho pago o mesmo que se for comprar um Mercedes. Isto não faz sentido. Estes materiais de trabalho deviam ter juros muito mais baixos. É material que eu uso para o trabalho. É uma política que faz imensa impressão e o estado nem sequer incentiva. Porque é que um tipo comprar um trator para a agricultar e tem uma série de descontos, e um tipo compra um computador para trabalhar e não tem desconto nenhum (por exemplo). Isto é uma coisa que faz imensa impressão, não haver mais incentivos. Os incentivos que há são exceções, não são coisa de continuidade. Como é que se pode incentivar o trabalho e a inserção dos jovens

na profissão, se um dos fatores de análise de um profissional é ver se tem dinheiro. Quer dizer, eu só posso concorrer a um edifício grande se já tiver feito um edifício pequeno. Mas como eu só posso fazer se já tiver feito, então não posso fazer nenhum. Só me deixam fazer uma biblioteca se já tiver feito uma biblioteca. Isto é um paradoxo. Então eu nunca farei uma biblioteca. Mais ainda, se você já fez uma biblioteca, então agora só faz uma nova biblioteca se demonstrar que no ano passado teve uma faturação igual à dessa biblioteca. Mas eu digo que estou num período de crise, mas como é que eu tenho projetos no mesmo nível de faturação; e como é que eu tendo 24 anos tenho uma faturação de 24 milhões de euros para me candidatar a esta biblioteca? Isto é o outro lado onde estão os países fortes (eu costumo dizer aos jovens: atenção, vocês gostam dos países fortes no norte da Europa, é porreiro, mas os gajos estão a lixar todos). São os países nórdicos que estão a enfiar estas leis em Portugal e pela Europa fora para protegerem os ateliers deles, coisas que os jovens não se apercebem. Nós neste momento temos os países do sul em depressão e temos os países do norte todos cheios de trabalho. Uma das leis que vai sair na Europa, transversal em todos os países, o concursamento passa a ser feito com base na sua faturação nos anos anteriores. Isto significa que portugueses, espanhóis, italianos e gregos vão ficar arredados de trabalhos no seu próprio país. Porquê? Porque os grandes ateliers do norte da Europa precisam de trabalho. E a dimensão que atingiram não encontram nos seus países de trabalho. Ateliers têm 300, 400 e 500 empregados que não arranjam trabalho nos seus países, e por isso, como têm poder económico, ditam as regras, e a regra agora passa a ser em função do que tu faturaste o ano passado. Às vezes digo assim: como é que um tipo com 25 anos consegue desenvolver o aeroporto de Yokohama sem ter nada, porque tinha uma lei que lhe permitia desenvolver qualquer projeto que ele quisesse no mundo com a idade que tinha, e com isso fez um atelier. Eu por exemplo quando vou a reuniões fora digo que não deve haver restrições nem quanto à idade nem de valor, porque a competência não se mede nem pela idade nem pelo dinheiro. A competência mede-se pela competência. Não é por ser novo que sou pior que um tipo de 60 anos nem é por eu ser pobre ou não ter recursos este ano que posso não ter para o ano que vem. Se não me derem oportunidade é que nunca terei. O Jean Nouvel também foi à falência duas vezes, não é por isso que lhe deixaram de dar edifícios de 600 mil m² e aeroportos. Houve muitos bons ateliers que fecharam e voltaram a abrir.

8. Enquanto presidente da OA e docente de vários anos, que mensagem tem a dizer a um futuro arquiteto?

JSR: É um curso que se faz só com paixão e não se faz de outra maneira, porque é um curso muito trabalhoso, dá uma grande angústia, é muito mais desesperante que outros cursos porque um tipo não tem que ler uma história e saber interpretá-la, tem que pegar num papel em branco e saber criar uma história. E isto dá uma grande angústia. Porque eu consigo, não consigo, consigo, não consigo, uma luta contra o tempo, contra tudo. Que o faça com muita paixão. Que saiba munir-se dos colegas e amigos à sua volta. Perceber que um curso de arquitetura não é um campeonato de olimpíada para correr 100 metros, pelo contrário é mais uma corrida de estafeta, é para eu correr com os meus colegas ao lado, para andar de mão dada, para aprender com os outros, é para eu partilhar e discutir com os outros. É um trabalho de paixão e partilha, de abertura e predisposição para saber partilhar com os outros aquilo que é seu. Ou seja, eu só posso através do diálogo melhorar, e para isso obriga-me a momentos desagradáveis, a momentos em que o meu professor me vai exigir a dizer coisas que eu não quero dizer, me vai fazer perguntas em que eu me sinto embaraçado, em que eu vou desesperar, em que eu vou chorar à frente dos meus colegas porque de repente hoje tive críticas em que eu fico desesperado e envergonhado e fico nervoso. E depois, enfim, há outros professores mais educados e civilizados que me dizem para eu ter calma. Portanto tenho que estar preparado para isso tudo, mas tenho que saber estas coisas todas. E tenho que saber uma coisa muito importante: é que aquele curso de arquitetura é tão decisivo para o momento em que se formar como o curso de cirurgia cardiovascular, ou seja, eu vou fazer exatamente coisas que têm o mesmo grau de risco, e não é por acaso que os arquitetos, farmacêuticos, médicos e enfermeiros são das poucas profissões que têm uma coisa que se chama obrigatoriedade de subscrever um seguro de responsabilidade civil profissional, assim como os engenheiros. Porquê? Porque aquilo que eles fazem, se correr mal, dá direito a cadeia. É outro cenário que nós devemos ter sempre posto é que um dia, se calhar, se algo correr mal e cair uma pedra na cabeça de um tipo vamos parar à cadeia, e dá cabo da nossa vida. Temos, de fato, essa grande responsabilidade. Temos uma obrigação de não nos formarmos com levidade, mas de nos formarmos o melhor que soubermos. Não se pode exigir a ninguém que não saiba que saiba, mas pode-se exigir a ninguém que não quer estudar que estude. Eu se tiver que pedir aos alunos para estudar no dia anterior se $2+2$ é igual a quanto, e me aparecerem 3 tipos a dizer: professor estive toda a noite nisto e só me dá 5, e outro diz professor fiz em 5 minutos e deu-me 4 e o outro diz-me que não pegou nisto, é com

esses que eu me preocupo. Com os que estiveram toda a noite, e estudaram e tiveram 5, esses é para eu ajudar, há qualquer coisa ali que não está bem. Os outros é só dizer: vocês querem ou não querem, eu não vou perder tempo porque tu me disseste que foste para o cinema em vez de ires fazer o trabalho. Portanto contigo nem sei se sabes ou não sabes, mas tens é que mudar de vida. Contigo que deu 4, porreiro, agora soma 5+5 e vê o que é que dá. Com os tipos que tiveram toda a noite nisto e não conseguiram fazer, esses é que me preocupa. Porque são os tipos que estão interessados, empenhados, mas têm dificuldades. E as dificuldades podem dever-se a muita coisa, que eu possa ou não ajudar. Posso ajudar se tiver tempo e souber, não posso ajudar se não souber ajudar ou se nem tiver tempo, que é outro problema. Como é que um tipo ajuda os alunos todos que não têm o mesmo grau de dificuldade. Tem 9 horas com os alunos, a dividir por 20 tenho meia hora a cada um. Paixão, convicção, disponibilidade, disposição, vontade e muita coragem. Porque eu acho que é preciso muita coragem para ser arquiteto e muita coragem para tirar o curso de arquitetura, porque é um esforço grande. Às vezes tenho os pais a ligarem-me a perguntar o que é que eu faço aos filhos, que fazem noitadas para acabar as maquetas, não dorme, choram, mas enquanto também se riem um bocado, é porque estão no bom caminho, que todos nós passámos por isso.

Anexo B

B. Entrevistas a jovens arquitetos a desenvolver atividades fora da área da arquitetura:

- 1.** Que tipo de atividade desenvolves fora da área da arquitetura?
- 2.** Porque motivo decidiste seguir esta área? Por falta de oportunidades dentro da área da arquitetura ou por opção própria?
- 3.** Na tua opinião, o que é que a formação de arquiteto/a te deu para que consigas seguir esta nova área?
- 4.** Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao começar esta nova atividade?
- 5.** Fizeste alguma formação adicional para poderes exercer esta nova atividade?
- 6.** Qual é o teu plano a médio/longo prazo? Pretendes apostar nesta nova área ou voltar a tentar seguir a área de arquitetura?
- 7.** Para finalizar, acrescentarias algo ao curso de Arquitetura que frequentaste, de modo a que os novos arquitetos/as consigam explorar outras áreas ou, inclusive, serem bem-sucedidos na sua área de formação?

B.1. Adriana Afonso, funcionária numa empresa de moldes de carros;

- 1.** Fora da área de arquitetura trabalho numa empresa de moldes de carros, comecei por ser desenhadora projetista e depois por necessidade da empresa e disponibilidade minha segui a vertente da reologia, que tem a ver com os estudos dos fluidos. Aprendi a distinguir as propriedades dos materiais plásticos e a criar processos de enchimento do molde. Basicamente isto.
- 2.** Decidi pela necessidade de estabilização. Estava farta de não poder ter grandes objetivos de vida pela instabilidade econômica que a arquitetura me dava. E passei a ver o trabalho em arquitetura mais como um hobby. Que me dá gosto em fazer, mas que precisa de muita dedicação e trabalho até dar frutos. Não desisti, mas fui dando oportunidade a outros desafios em paralelo.
- 3.** Os conhecimentos dos softwares 2d e 3d foi logo uma grande ajuda. Adaptei-me muito facilmente aos novos softwares porque acabam por funcionar de forma semelhante. Foi fácil. Depois o vocabulário, foi muito complicado gerir. Em desenhos e moldes há um projeto, mas não há muito espaço para a parte criativa. É muito mais engenharia, na busca das formas mais fáceis e econômicas de criar.
- 4.** Foi difícil mais pela parte emocional. Acho que nós, os arquitetos, vivemos muito emotivamente e com

um enorme prazer a nossa profissão. E eu tive de criar esse distanciamento. Passar a ser mais pragmática. Também foi complicada a adaptação à ocupação da maior parte do meu dia numa área que não é propriamente a que mais gosto. Mas tanta gente passa por isso. E no meu caso tinha mesmo de haver algum esforço. Parada é que não ficaria.

5. Tirei um curso de 1 mês no software CREO 3d. Uma pequena formação básica de moldes. Depois mais tarde formei-me em reologia, e no software Moldex3d. Também tive formação em RTM 3D. Depois aprendi sozinha a trabalhar com outros softwares. Também trabalho bastante com a nossa praia, o AUTOCAD.

6. Confesso que esta nova área tem um lado desafiante que me agrada. Mas penso mesmo em voltar a trabalhar em arquitetura porque é realmente o que gosto de fazer. Estou a conseguir ir divulgando algum do meu trabalho, pontualmente. Acho que com tempo vou acabar por largar a área dos moldes e arriscar. Começo a ter tudo para o poder fazer. É uma questão de tempo. Diria a médio prazo. Não vejo isso a acontecer em mais de 1/2 anos.

7. Acho o curso de arquitetura peca, como a maioria dos cursos na falta de noção do mundo real com que saímos dele. Mas depois também acho que esse mundo mais encantado de ao longo do curso é tao essencial ser trazido para fora também. É ambíguo. Mas senti tanto a necessidade da criança que estudava arquitetura que era a Adriana, quando estava a ser uma adulta arquiteta e tinha a força toda de ter os pés tao assentes no chão e isso fez perder alguma magia. É um choque que provavelmente tem de se ter. Mas não acho que falte nada, nem que haja nada a mais no curso. Faz tudo parte do percurso. Depois depende da forma como cada pessoa usa a teoria na pratica profissional.

B.2. Alexandra Correia, dentista;

1. Medicina dentária.

2. Pelas duas razões: as oportunidades em arquitetura são más, mas por outro lado, sempre gostei muito da área de saúde.

3. Método de trabalho e organização de tempo para realização de qualquer desafio.

4. Começar tudo do 0 pode ser por vezes assustador, principalmente porque optei por uma área bastante diferente de arquitetura.

5. Sim, um curso superior com mestrado integrado.

6. Gostava de manter a arquitetura na minha vida, o que acho que conseguirei porque tenho pais arquitetos, mas é desanimador o estado da arquitetura em Portugal.

7. Acrescentaria a ordem dos arquitetos e aos demais envolvidos. Não pode haver cursos de arquitetura em qualquer esquina, somos demasiados para o pequeno país que temos!

B.3. Ana Rita Dias, supervisora de loja;

1. Neste momento sou supervisora de uma loja na área da restauração.

2. Um pouco pelas duas. Esta oportunidade surgiu do seguimento de outros trabalhos desenvolvidos na área do retalho, ou seja, já tinha experiência nesta área por opção. No entanto também é notória a falta de oportunidades devidamente remuneradas na área de arquitetura. Principalmente sem experiência.

3. A formação em arquitetura faculta ferramentas de organização pessoal e um gosto contínuo pela inovação e cativação. O fator "UAU" que vemos em muitos projetos irreverentes sabemos que cativam qualquer um e na área comercial, principalmente com um espaço físico, essa dinâmica tem de ser trabalhada e estar presente.

4. Talvez a maior dificuldade seja a experiência que pedem quando nos candidatamos a uma vaga, mas acho isso transversal a qualquer área.

E também alguma "pressão" em resultados de vendas imediatas, algo que muitas das vezes é o mais valorizado na vertente comercial

5. Nenhuma formação extra à que foi dada pela empresa no início de cada trabalho

6. Ainda me interessa voltar para a área de arquitetura mas numa vertente mais especializada e para isso será necessário um novo investimento em formação específica da área que me interessa.

7. Eu até considero a formação bastante multidisciplinar, no entanto temos uma grande vertente teórica e prática mas apenas em contexto académico, dentro da faculdade, acho fundamental existirem estágios curriculares ao longo do curso para podermos efetivar a informação e adquirir conhecimento do funcionamento real das coisas. Isso resultaria numa formação muito mais enriquecida.

B.4. **Cátia Almeida**, seguradora;

1. Atividade Seguradora.

2. Primordialmente foi por opção própria, comecei a trabalhar por necessidade e mais tarde percebi que realmente gostava do que fazia, aproveitando o fato de não existir perspectivas de futuro na área de arquitetura.

3. Ajudou-me essencialmente a crescer mais rápido, a arranjar facilmente soluções, e a pensar em muitas áreas distintas, ou seja, a ser mais polivalente.

4. Essencialmente senti uma grande dificuldade no primeiro ano de aprendizagem, o “Segurês” nunca tinha aparecido na minha vida sem ser no automóvel, e sabia lá do que se tratava. Só sabia que era obrigatório. Como tudo na vida interesse gera mais interesse e consegui através do interesse criar um gosto e descobrir um “amor” que se encontrava oculto.

5. Sim tive uma formação de 1 mês, e tive imensa dificuldade em aprender todos os termos técnicos.

6. Trabalhar numa seguradora/mediação ou Auditoria. Sem dúvida apostar nesta área.

Arquitetura servirá talvez como um hobby. Não se consegue viver só de amor. Esse amor tem que ser alimentado e em Portugal pouco se dá de comida, pouco se alimenta o sonho.

7. Arquitetura com as Novas Tecnologias tende a ser mais divergente, isto quer dizer que existe muitas opções para seguir sem ser a Arquitetura pura e dura. O que eu acrescentaria ao curso que frequentei era apenas uma ligação mais acentuada com outros cursos, não basta simplesmente estar na mesma faculdade. Interagir com outras pessoas de outros cursos, faz-nos abrir ainda mais horizontes que durante os cinco anos nunca tivemos oportunidade de abrir. Só estando a trabalhar numa área diferente é que descobri realmente que existe um outro mundo.

B.5. **Carolina Medeiros**, joalheria;

1. Joalheria contemporânea (colares, brincos, anéis).

2. Por opção própria. Sempre gostei de acessórios e achei que era uma boa oportunidade para criar peças ao meu gosto com algumas influências arquitetónicas (geometrias, formas, materiais).

3. A formação em arquitetura deu-me sobretudo as ferramentas de representação e conceção. Os softwares, materiais, o processo de elaboração das maquetes também foi uma influência, por exemplo, o corte e gravação a laser. A arquitetura também foi crucial para desenvolver um sentido conceptual e crítico.

Trouxe também um sentido estético, de composição e equilíbrio na representação gráfica.

4. Até agora nenhuma.

5. Não.

6. O meu plano é que este projeto continue a existir em paralelo com a atividade em arquitetura.

7. Acho que o mais importante seria a reintegração de estágios dentro do curso. A componente prática dentro do verdadeiro mundo do exercício da profissão deveria surgir em paralelo com a formação. Deste modo, também a possibilidade de escolha de querer seguir a investigação em arquitetura ou o projeto de arquitetura.

B.6. Clara Pereira, investigadora;

1. Neste momento sou bolsista de investigação do IST-ID no centro de investigação CERIS-ICIST no Instituto Superior Técnico. A minha investigação está inserida num Projeto financiado pela FCT dedicado à criação de um Sistema de Gestão de Edifícios baseado na avaliação do risco e na Previsão da Vida Útil. Muito embora este trabalho não seja a forma clássica de exercício da profissão, penso que se enquadra perfeitamente no trabalho do arquiteto numa equipa interdisciplinar. Esta investigação irá constituir o meu trabalho de doutoramento em Engenharia Civil. Posto isto, gostava de partilhar essencialmente a minha experiência enquanto Desenhadora de Moldes para a indústria de Injeção de Plásticos, profissão que exerci entre novembro de 2013 e Julho 2016 na empresa Moldes RP.

2. Entrei na empresa Moldes RP por não conseguir encontrar trabalho na área de arquitetura em Portugal. Após um período de exercício de pequenos trabalhos esporadicamente, e com cada vez menos regularidade, preferi alterar a minha atividade e manter-me no país do que emigrar. A indústria de moldes tem bastante empregabilidade e está muito bem representada na minha área de residência, com empresas muito competitivas internacionalmente, dedicando-se essencialmente à exportação. Vi aqui uma oportunidade de ter um emprego com possibilidade de progressão.

3. A formação enquanto arquiteta forneceu-me essencialmente a capacidade de trabalho e a capacidade de interpretar e fazer desenhos técnicos. Após a minha licenciatura (pré-Bolonha) em Arquitetura completei um Mestrado em Construção e Reabilitação, onde pude aprofundar o conhecimento de comportamento de materiais, o que foi extremamente útil na realização de algumas tarefas, designadamente estudos de

enchimento de moldes.

4. Dado que se trata de uma atividade muito relacionada com a engenharia mecânica, senti a falta de familiaridade com alguns conceitos mais básicos.

5. Fiz algumas formações oferecidas pela própria empresa, dentro da empresa, em empresas parceiras e em centros empresariais. Fiz formação no software de desenho 3D utilizado na empresa (Solidworks e TopSolid), formação no software de reologia Moldex3D e formação em Injeção de Materiais Plásticos.

6. Enquanto trabalhei como desenhadora de moldes mantive sempre a esperança de um dia poder voltar a exercer arquitetura. No entanto, quando surgiu a oportunidade de concorrer a uma bolsa de investigação, defini que se não vencesse o concurso iria desistir da ideia de voltar a exercer arquitetura e dedicar-me a estudar numa licenciatura em engenharia mecânica como aposta em definitivo na profissão que exercia. Tal não aconteceu, uma vez que venci o concurso. Neste momento a minha bolsa de investigação durará 3 anos, durante os quais irei fazer doutoramento. Após esse período não tenho nenhum plano definido.

7. Eu penso que o curso de arquitetura é bastante completo e generalista, permitindo o contacto com algumas áreas afins. Penso que muitas vezes é a comunidade que não tem noção da multidisciplinaridade do curso e não está disponível para contratar arquitetos para determinadas funções em que, na minha opinião, poderiam ser bem-sucedidos. No entanto, ainda assim, penso que o curso poderia beneficiar os alunos se os sensibilizasse para várias formas de exercício da profissão e mesmo para questões burocráticas de fiscalidade e proteção social.

B.7. Daniela Simões, guia turística e intérprete do património;

1. Intérprete do património / guia turismo.

2. Ambas. Licenciiei-me no pico do início da crise em Portugal e não tinha vontade de emigrar: família, vida pessoal, etc. iniciei o Doutoramento em história da arte, mas conciliar as propinas, estudos e vida pessoal com um trabalho full time tornou-se impossível. Por outro lado, a empresa onde trabalho é da família pelo que se torna igualmente satisfatório e compensatório.

3. Durante a formação em arquitetura são múltiplas as disciplinas em história, história cidade, os trabalhos de campo em Lisboa, etc. isso permitiu-me conhecer a cidade onde exerço atualmente a minha profissão de outra forma o que me permite igualmente contextualizar de forma mais exaustiva.

4. Nenhumas.

5. Não.

6. Vou-me manter nesta área. Só irei exercer arquitetura se "estiver a morrer de fome".

7. Licenciei-me no IST. Creio que seria física é humanamente impossível ter um curso mais abrangente e completo. De igual modo, já o terminei há muito tempo pelo que creio que o meu conhecimento sobre a formação atual é um pouco desatualizado.

B.1.3. **Eduardo Filho**, fundador da empresa INSPIRING FUTURE;

1. Criação, desenvolvimento e gestão de empresas; Formação.

2. Por opção própria. No fim do curso de arquitetura descobri que me motivava mais esta área do seguir arquitetura.

3. Penso que a formação de arquiteto me dá uma visão bastante diferenciadora do mundo. A forma como um arquiteto desenvolve um projeto (seja ele de que tipo for) é através da fragmentação das suas várias partes e como elas podem juntar-se para formar uma unidade só, com a forma que pretendemos. Isto faz com que tenha uma visão global, mas ao mesmo tempo, específica das várias partes do projeto. Aliado a isto, também o aspeto mais criativo da nossa formação, permite-me agarrar em todos estas vertentes e "partes", unindo-as de formas inovadoras e criativas.

4. A falta de conhecimento nas vertentes de gestão, mais especificamente na operacionalidade do dia-a-dia.

5. Inicialmente não. Juntei-me a pessoas da área que me transmitiam esse conhecimento. Após 3 anos de atividade é que decidi apostar num mestrado em gestão para aprofundar mais os conhecimentos, apesar de ter conseguido aprender essa operacionalidade sem esta formação. Fiz também um curso de formação para formadores, para poder dar formação certificada.

6. Continuar a seguir esta área.

7. Penso que seria positivo acrescentar mais vertentes de gestão de projetos (de uma forma abrangente e não apenas de arquitetura) o que para além de ajudar na gestão do tempo e na orçamentação dos projetos, lhes abriria as portas para outras atividades. Também a formação em empreendedorismo, visto que muitos jovens arquitetos podem criar os seus próprios ateliers e têm essa lacuna, na compreensão de como deve ser pensado e construída uma empresa. Mais uma vez, esta formação é transversal e poderia também ser

utilizada para os alunos que queiram seguir outras vertentes. Por fim, penso que alguns projetos de arquitetura, durante o curso, deviam seguir o funcionamento de um atelier. Ou seja, em equipa, sobre o mesmo projeto, com uma liderança definida. Para além de incitar o trabalho em equipa, que é essencial, também desenvolveria a liderança e daria uma visão mais aproximada do que será o mundo do trabalho em atelier.

B.9. **Eugénio Almeida**, business developer;

1. Desenvolvo a atividade de *Business Developer* na área da expansão de cadeias de retalhistas. Explicando, as cadeias de retalhistas têm, tipicamente, na sua estrutura, um "Departamento de Expansão" cuja função é garantir que a cadeia continua, ciclicamente, a abrir lojas em novas localizações de forma a poder cobrir o mercado de uma zona ou, em limite, do País.

- A empresa onde eu trabalho é uma *Startup* que se posiciona como um "Departamento de Expansão" em *outsourcing* que qualquer empresa pode contratar para ter a sua nova loja estilo "chave na mão", sem ter a necessidade de ter o peso de uma equipa na sua estrutura que, em limite, acabará por ficar obsoleta quando a cadeia terminar a sua expansão.

- Uma vez que oferecemos loja "chave na mão" temos diferentes departamentos que vão deste o Intelligence (procura de espaço), Acquisitions (negociação e contratualização do arrendamento dos espaços), Design (equipas de projeto), Project Management (gestão de obra).

- A minha função insere-se na equipa de Acquisitions sendo que o meu trabalho consiste no seguinte: a equipa de procura trás novas localizações que encontrou na rua, de acordo com as necessidades do cliente, e é minha responsabilidade negociar o arrendamento do espaço, fechar as condições comerciais que o cliente pretende e reverte-las num contrato de arrendamento feito em paralelo com um advogado. Tenho depois de fazer a ponte com as equipas projetistas de forma a que a informação contratualizada esteja assegurada no projeto.

2. Por opção própria. Entrei nesta empresa como Arquiteto e realizei alguns projetos. Quando surgiu esta vaga na equipa de negociação decidi auto propor-me uma vez que sentia um pouco falta de contacto com o mercado, ou seja, com os clientes, proprietários etc.

- A ideia de ficar num escritório fechado 8 horas por dia a desenhar soluções para uma vez por semana ir à obra ver aplicadas não me seduzia e comecei a perceber que na equipa de negociação tinha a possibilidade

de visitar inúmeros espaços, conhecer as cidades, escolher as melhores lojas para colocar o conceito do cliente, no fundo, tinha na mesma a possibilidade de deixar a "minha marca" na cidade, e na vida das pessoas que utilizam o espaço, sem ter de estar atrás de um computador.

3. A formação de arquiteto foi essencial uma vez que me permite perceber as cidades, os imóveis, os fluxos das pessoas, em limite a forma como o espaço será utilizado. Essa capacidade distingue-me dos restantes *players* do mercado possibilitando-me criar oportunidades onde outros não as vêem.

- A capacidade de perceber o espaço é sem dúvida a maior ferramenta que tirei do curso e que uso no meu trabalho.

4. As maiores dificuldades estão ligadas à parte legal dos espaços, ou seja, toda a legislação a que os imóveis estão sujeitos e que não é abordada no curso de arquitetura.

- Penso que o curso é demasiado virado para a "produção de conceitos" e não para a realização de um projeto no "mundo real". Penso que o projeto final de arquitetura deveria ser a realização de um projeto no seu todo, ou seja, projeto (arquitetura e especialidades), licenciamento, caderno de encargos, etc, de forma a que um arquiteto quando saísse do curso pudesse ter, pelo menos, conhecimentos básicos em cada uma das fases.

5. Fiz formação ao nível de legislação urbanística.

6. Pretendo seguir por esta área por duas razões que têm a ver, no meu entender, com a minha forma de ser: nesta área tenho contacto com várias pessoas, para mim o trabalho de "rato de laboratório" não me dá o prazer que eu pretendo ao trabalhar; nesta função tenho a possibilidade de fazer o negócio acontecer em vez de esperar que me venham bater à porta com um projeto novo para realizar, ou seja minimizo também o risco de não existir nova encomenda.

7. Acrescentaria duas coisas que já fui referindo nas minhas anteriores respostas:

1. Maior ligação à realidade: nos anos de mestrado os alunos devem ter contacto com todas as fases de projeto para que percebam que arquitetura é muito mais do que conceito e que existem inúmeras questões legais, de orçamento, de prazos, etc que podem condicionar a visão que têm do seu projeto.

2. Maior ligação ao mercado de trabalho: não é feita a ponte entre o curso e o mercado de trabalho, ou seja, deveria ser mostrado aos alunos as várias opções e áreas que existem sem ser dada a impressão que o atelier tradicional com salário baixo ou, muitas vezes, sem ordenado, é a única opção para ganhar *curriculum*.

B.10. Fábio Correia, designer de comunicação no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;

- 1.** Neste momento, estou a trabalhar na área de design como designer de comunicação.
- 2.** A decisão de seguir esta área foi tomada por opção própria, na sequência de uma oportunidade para a gestão de comunicação gráfica de um projeto a nível europeu. Mas também não foi tomada nenhuma tentativa de ingresso no mercado de trabalho na área da arquitetura, pelo que, não posso afirmar que tenha sido por falta de oportunidades na área da arquitetura. Tratou-se de uma sequência de oportunidades que quis abraçar e onde também me sinto bem.
- 3.** A formação de arquiteto deu as bases formativas para uma boa metodologia de trabalho, de processo e de rigor.
- 4.** A maior dificuldade foi o confronto com um universo de recursos humanos de variadas áreas, pontualmente, ligadas a área da nova atividade.
- 5.** Não. As funções que assumi, na sua grande maioria, já possuía as ferramentas e capacidades para o desenvolvimento das mesmas. No entanto, a formação nunca se esgota ao que se já conhece. Ao longo do percurso a formação contínua torna-se imprescindível para o desempenho das funções.
- 6.** Neste momento, não penso em seguir a área de arquitetura.
- 7.** O curso de Arquitetura é muito bom, em termos de projeto e de pensamento teórico, graças aos bons professores que compõem o curso. Entretanto, deveria ter Unidades Curriculares relacionadas com a parte prática de obra, como coordenação de obra, higiene e segurança em obra, comunicação e gestão de projeto. Também acredito que deveria apostar na comunicação, gráfica e verbal, dos seus projetos além de uma aprendizagem ao nível tecnológico, nomeadamente, em termos de noções básicas de linguagens de programação.

B.11. Inês Mendes Trigo, consultora de gestão na área da banca e seguros;

- 1.** Consultoria de gestão na área de banca e seguros.
- 2.** Eu trabalhava como arquiteta em Barcelona, onde trabalhei durante quase 3 anos, ganhava cerca de 16.000€ anuais o que não é mau para início de carreira. Mas sentia que dificilmente ia progredir em termos salariais e de carreira, os ordenados tinham estagnado, e noutros ateliers em Barcelona inclusivamente baixavam 25%. Tinha contacto com consultores de desenho hospitalar (eu projetava hospitais) e comecei a ver que gostava de estar um passo antes da arquitetura, no desenho dos planos funcionais hospitalares ou

doutro tipo. Enviei CVs para consultoras, mas não consegui ter entrevistas. Decidi fazer um MBA e depois disso sim consegui começar a trabalhar como consultora.

3. Em comum as duas profissões têm que resolvemos problemas, os de arquitetura são puzzles espaciais em consultoria, temos de reorganizar a empresa de modo a que funcione melhor, lemos os normativos internos, as legislações e sobretudo ouvimos quem lá trabalha e desenhamos e projetamos uma melhor forma de organização. As skills que são comuns: capacidade de observação, de ter espírito crítico, de desenvolver novas soluções, de questionar, de pensar criativamente, de não aceitar a primeira solução que nos aparece e iterativamente resolver o problema.

4. Sinceramente senti discriminação por ser arquiteta, em Portugal ser arquiteto é sinónimo de ser artista, embora a maior parte das pessoas saiba que para eu ter entrado em arquitetura tive uma media do secundário muito mais elevada que a delas. Mesmo com o MBA comecei a carreira de consultora do zero: estagiária, assistente, consultora e agora Senior Consultant. Em resumo então: por um lado discriminação, por outro lado custou me muito no MBA sobretudo no inicio porque não tinhas as bases de gestão que muitos dos meus colegas tinham.

5. Fiz o Lisbon MBA: Universidade Nova, Católica e MIT.

6. Manter me na consultoria e chegar pelo menos a manager, depois logo verei.

7. Sim, o curso devia ter disciplinas de gestão porque os arquitetos são muitas vezes gestores dos seus próprios ateliers e para mim matemáticas mais exigentes porque desenvolvem muito o raciocínio.

B.12. Ismael Prata, fotógrafo de moda;

1. Fotografia de moda. Trabalho para marcas de roupa, calçado, joalheria, designers, revistas e agências.

2. Posso afirmar que foi por opção própria visto que na altura estava já a trabalhar num atelier de arquitetura, com o qual me identificava bastante com o processo de trabalho, e onde a remuneração até era generosa face ao panorama nacional dos jovens arquitetos. De qualquer forma, apesar da boa situação profissional da altura, acabei por arriscar largar a arquitetura e tornar o hobbie da fotografia de moda na minha atividade profissional.

3. Durante a aprendizagem académica, assim como já no mundo profissional, os arquitetos são treinados em diversos sentidos que acabam por influenciar a nossa forma de viver, de observar, de pensar e trabalhar para o resto da vida.

Numa primeira instancia mais superficial, treinamos o nosso olho e a sensibilidade. Começamos a prestar atenção a pormenores que antes nos passavam despercebidos. Começamos a viver e observar os espaços com outra atenção e sensibilidade. Ganhamos noções de perspetivas, noções de dimensionamento, de proporções, de escalas humanas, enquadramentos, de tensões provocadas por formas, sensibilidade aos contrastes, é à dança da luz e da sombra.

Treinamos também o nosso bom gosto, ganhamos referências que nos equipam para toda a vida, e aprendemos a ser permeáveis a todo tipo de influencias, das mais diretas (no campo semântico da arquitetura, design e escultura), às mais indiretas (cinema, pintura, filosofia, sociologia, pensamentos utópicos, musica, culinária).

E, numa analise menos superficial, acabamos por ser treinados naquilo que achava mais sedutor no processo de arquitetar, que era a fase de brainstorming. Nessa fase aprendemos a gerir toda essa sensibilidade, "know how" e referências para conseguir responder de forma criativa, sedutora e eficiente/funcional à necessidade de cada cliente. Embora o produto final das duas artes seja diferente, o processo criativo acaba por ser semelhante. Se na arquitetura trabalhamos com ingredientes como o contexto urbano, a localização (genius loci), na fotografia de moda existe o mesmo (quando realizado fora de estúdio). Se na arquitetura temos um orçamento, um tema, um programa, e uma serie de necessidades impostas pelo cliente, na fotografia de moda também temos de trabalhar com esse tipo de ingredientes de forma a produzir um resultado final que atinja todos esses pressupostos.

4. Networking! Transversalmente a quase todas as atividades, o networking é o combustível que mantém a atividade em funcionamento, sobretudo quando somos patrões de nós próprios. Quando trabalhava para um atelier de arquitetura, pouco ou nada tinha de me preocupar em arranjar trabalho para o atelier, pois não era essa a minha função. Todavia enquanto trabalhador por conta própria, numa nova área, tive de me esforçar bastante para encontrar clientes e profissionais da área que tornassem essa minha nova atividade sustentável. Essa dificuldade foi acrescida pelo facto de não ser natural de Lisboa (onde residia e trabalhava) e porque a industria de moda era alheia tanto a mim como ao meu circulo mais próximo de amigos.

Acrescento ainda outra grande dificuldade que foi deixar a segurança de um salário confortável, para a incerteza de uma nova atividade profissional como trabalhador independente.

5. Fiz meia dúzia de pequenos workshops. Um primeiro ainda na faculdade, que me deu o "know how" de fotografia analógica a preto e branco. E posteriormente, ainda durante a faculdade, fiz mais uns 4 workshops de fotografia de moda com a duração de um dia cada, onde sobretudo ganhei algum networking e portfólio. Todavia, nenhum dos workshops teve o sentido de me capacitar para exercer nessa área de trabalho, pois nessa altura apenas via a fotografia de moda como um hobbie.

6. Respondendo primeiro à segunda questão:

Gosto de citar certas frases como se fossem regras pessoais. Uma delas é *"Nunca voltes ao lugar onde já foste feliz"* (Rui Veloso - as regras da sensatez) todavia, outra frase que gosto de citar é o título do filme *"Nunca digas nunca"*.

Confuso? Passo a explicar esta ambiguidade. Acho pouco provável, mas não diria impossível. Creio que a arquitetura (uma paixão que ainda mantenho) não é fácil de conciliar enquanto hobbie, portanto quando tomei a decisão de apostar em fotografia de moda, sabia que tinha de fazer uma cisão difícil com a arquitetura, e concentrar-me nesse novo desafio. - "Se queres ser realmente bom a alguma coisa, tens de te concentrar nela" -

Tentar reatar relações com a arquitetura seria difícil pelo 'gap' técnico de vários anos sem exercer. Isso ia tornar a minha reintrodução no mercado mais difícil. Além de que de momento sinto-me bastante confortável com esta minha segunda paixão, pela qual acrescento a seguinte metáfora: *"if you love two people at the same time, choose the second. Because if you really loved the first one, you wouldn't have fallen for the second"* (Johnny Depp)

A médio/longo prazo gostava de trabalhar mais lá fora, com revistas, marcas, designers e produtores estrangeiros, pois embora exista ainda espaço para crescer profissionalmente em Portugal, o mercado lá fora é mais aliciante e potencia muito mais o meu crescimento enquanto profissional.

7. O curso de arquitetura pode ser tanto um curso brilhante como um curso medíocre, dependendo de (1) estabelecimento de ensino, (2) dos professores que se tem, e (3) da atitude que temos perante o curso. E são estes três fatores, mais do que o conteúdo programático, que podem definir se um aluno vai ter sucesso quer na sua área, quer numa outra. Tenho a profissão de arquiteto muito em conta. Acho que essencialmente são treinados para serem uns "problem-solvers" e como tal, se forem realmente bons, facilmente serão bem-sucedidos nas mais diversas áreas profissionais. Dessa forma, mais do que mudar diretamente o conteúdo programático na sua formação, creio que seria importante que os professores

(sobretudo os de projeto) fossem treinando os alunos a pensar nos exercícios de formas menos convencionais. Acredito que com isso eles possam equipar os alunos com uma forma de pensar mais original e eficiente, que podem usar em outras atividades e potenciar o seu sucesso profissional.

B.13. José Piteira, em formação na área dos videojogos;

1. Neste momento estou a tirar uma pós-graduação na OddSchool, em Lisboa, comecei por fazer quatro módulos de preparação que duraram cerca de seis meses no total e abordavam o Desenho, Photoshop, 3ds Max e ZBrush. Agora, em setembro, iniciei definitivamente o curso avançado de 3D Modeling & Texturing que terá a duração de um ano

2. De certa forma desde sempre tive uma grande paixão por videojogos e sempre me questioneei como seria trabalhar nessa indústria, mas na altura, quando concorri à faculdade, não existiam muitas opções nesse ramo em Portugal pelo que acabei por optar por arquitetura que também sempre me atraiu bastante. Mais tarde, no decorrer do meu trabalho de PFA, sobre esse mesmo tema, acabei por descobrir a OddSchool e tive oportunidade de falar com o coordenador do curso avançado. Desde então que tenho estado a investir nesta área.

3. Bastantes bases sólidas em todos os aspetos possíveis! Desde disciplina, organização e métodos de trabalho, até mesmo todas as noções de arquitetura, espaço e materialidade que adquiri ao longo do curso me tem ajudado bastante. São duas áreas que estão mesmo muito próximas uma da outra se pensarmos bem nisso.

4. De certa forma creio que apenas a modelação 3D, estava confiante que não teria muitas dificuldades em iniciar o curso mas descobri da pior maneira que as bases de 3D que nos são dadas na faculdade, além de muito básicas e superficiais, não correspondem de todo ao que supostamente significa modelar e texturizar bem.

5. Como já foi referido estou neste momento a receber essa formação adicional.

6. Na verdade nem uma coisa nem outra, espero mesmo conseguir reunir ambas estas áreas e continuar a fazer arquitetura, mas digital, em videojogos. Tenho que terminar o meu curso, apresentar o trabalho final e construir um bom portefólio, depois disso resta-me tentar a minha sorte, no entanto é provável que tenha que ir trabalhar para fora, visto que em Portugal tanto a indústria dos videojogos como cinematográfica não estão muito desenvolvidas ainda.

7. Suponho que a questão seja em relação ao ISCTE, nesse caso não acrescentaria muito mais, acho o curso bem estruturado e equilibrado. Talvez sugerisse uma abordagem mais focada aos conteúdos digitais do curso, existem cadeiras nesse âmbito que não acrescentam muito à nossa formação e poderiam ser substituídas por mais horas de programas como Autocad e Revit, ou mesmo 3ds Max. Lembro-me de existir uma discrepância muito grande entre as apresentações finais dos vários alunos, quer em termos de renders quer fotomontagens, sabemos que não é um bom render que salva um mau projeto mas, parecendo que não, são elementos que acabam por contar imenso em apresentações. Discrepância essa que podia facilmente ser retificada com a devida formação. Além do mais são trabalhos cada vez mais procurados na área da arquitetura e são poucas as pessoas que efetivamente os fazem bem.

B.14. Juliana Mota, agente de turismo;

1. Turismo

2. Por falta de oportunidade em arquitetura, mas também por necessidade devido a estar fora do meu país e precisar de um meio de sobrevivência.

3. A meu ver não deu nada ou quase uma vez que são atividades mais físicas e de hospitalidade.

4. Acho que na própria atividade não tive grandes dificuldades, tive mais problemas de aceitação uma vez que não é a minha área e não quero fazer dela futuro.

5. Não.

6. Atualmente pretendo tentar seguir arquitetura, mas caso isso não seja possível tentarei enveredar para outra área que esteja ligado às artes e ao design.

7. Acrescentaria mais formação a nível de programas de computador, que é muito pouco explorado no nosso curso; mais formação a nível construtivo acompanhando a cadeira de arquitetura e por último, mas mesmo muito importante estágio obrigatório durante o curso.

B.1.6. Leonor Cício, marketing e comunicação numa empresa de restaurantes;

1. Neste momento trabalho no departamento de marketing numa empresa de restaurantes de shopping. Desenvolvo todo o material de marketing e comunicação, vamos por ali no design gráfico. Tenho também um blog de alimentação para bebés e crianças, que já levou a publicação de um livro de receitas, de bastante sucesso.

- 2.** O blog foi por iniciativa própria, o livro também. A posição no departamento de marketing foi uma colaboração que comecei a fazer, sem compromisso e acabei por ser contratada.
- 3.** No caso da minha atividade profissional, a manipulação em programas edição gráfica (Photoshop, illustrator e indesign), foram decisivos para conseguir esta posição, pois foram estas skills que me levaram a contratação.
- 4.** A grande dificuldade que tenho no momento, é falta de formação técnica em marketing, sou apenas a executora de materiais de comunicação e não tenho conhecimentos para participar nas estratégias de marketing da empresa.
- 5.** Vou começar agora uma formação executiva (sem grau académico) para colmatar a falha que expliquei no ponto 4.
- 6.** Não pretendo voltar a arquitetura, de forma alguma. A médio/longo prazo, espero subir na hierarquia da empresa e ficar responsável pelo departamento de marketing. Pretendo também publicar mais livros alusivos ao tema do blog que mantenho.
- 7.** No que toca a área de arquitetura, o curso é muito completo e dá-nos competências para entrar no mundo do trabalho sem dificuldade. Não acrescentaria nada. Seria muito difícil acrescentar temáticas que nos dessa amplitude para outras áreas. Quem sabe, seminários facultativos sobre diferentes áreas de interesse dos alunos.

B.16. Mafalda Souto Pinheiro, subgerente na empresa Continente (SONAE);

- 1.** Sou subgerente numa loja Continente (SONAE). Ou seja, estou mais direcionada para a gestão do negócio e coordenação de equipas.
- 2.** Não escolhi este percurso profissional. Já trabalhava num outro Continente há 10 anos quando tive oportunidade (através de um concurso interno) de progressão.
- 3.** O que sinto que a minha formação de arquitetura mais me deu foi a estratégia visual para implementação de campanhas, organização e libertação do espaço por forma a proporcionar uma boa visita do cliente à nossa loja, visualização do espaço pré-campanha.
- 4.** As maiores dificuldades que senti foram tudo o que diz respeito a coordenar equipas e conceitos mais concretos de gestão.
- 5.** Sim, tive um período de estágio em várias lojas, para além de formações teóricas. Fiz a formação de

Gestores Estagiários da SONAE.

6. O meu plano a médio prazo é ganhar visibilidade na empresa, para a longo prazo partir para outra área de trabalho, essa sim mais relacionada com a formação em arquitetura.

7. Na minha opinião a formação em arquitetura ainda apresenta algumas lacunas importantes. Nomeadamente a não existência de um estágio durante o período de formação. O foco ainda está muito no desenhar, projetar e é pouco pratico no que diz respeito à realidade. Num mundo ideal o arquiteto desenha, projeta consoante a sua visão sem grandes restrições económicas e é isso que nos "vendem" na faculdade. Mundos ideais não existem e a realidade é que temos pouca bagagem de legislação ou até em vendas, em execução de orçamentos ou gestão de projeto. Ainda há muito por melhorar num curso como o de arquitetura que continua a ser elitista.

B.17. Manuel Rebello de Andrade, gestor de marca na empresa OLÁ (Unilever Jerónimo Martins);

1. Neste momento sou gestor de marca (em contracto de estágio ainda) na equipa de marketing da Olá, na Unilever Jerónimo Martins.

2. Segui esta área por opção própria. Ainda cedo na minha licenciatura de arquitetura (final do primeiro ano/início do segundo) apercebi-me de que não queria ser arquiteto. Contudo, por uma questão de princípios, penso que quando se começa um compromisso, deve-se cumpri-lo. e não me arrependo disso. Foi uma oportunidade de ganhar pluriedade de formação académica, o que mais tarde mostrou ser um fator de interesse para alguns empregadores (apesar das desvantagens que tem).

3. O curso de arquitetura (do qual fiz apenas a licenciatura) é mais abrangente do que as pessoas pensam. Tive a oportunidade de ter cadeiras de engenharia, história e até relacionadas com economia. Tudo isto se pode considerar útil para mais tarde "vasculhar" outras áreas. Contudo, acredito que a utilidade de uma licenciatura não é imensamente importante na vida prática e profissional. Vejo mais a licenciatura como uma preparação para aprender a estudar. Isto é, a licenciatura serve-nos mais para nos colocar num mindset académico. E isto aplica-se quer a cursos menos práticos ou muito práticos como é o caso de arquitetura.

4. Do ponto de vista profissional, tive tantas dificuldades como teria se tivesse tirado outra licenciatura. O que uma pessoa faz no trabalho é, na maioria das vezes, uma realidade diferente da que nos ensinam na universidade. Daí o meu ponto de vista de que a vida académica tem alguma importância para a vida

prática, mas menos que o que as pessoas pensam. Do ponto de vista académico o choque foi maior, pois saí de arquitetura para o mestrado de Gestão da universidade Católica, que é muito exigente. E chegando a um mestrado, rodeado de pessoas que tinham, na maioria dos casos, conhecimentos prévios em gestão, foi um grande handicap para mim.

5. Como referi na resposta acima, tirei o mestrado em Gestão com Major em Marketing na Universidade Católica de Lisboa (Master's of science in Business Administration - Major: Marketing at Católica-Lisbon School of Business & Economics)

6. Não sei o que o futuro me reserva. Ainda assim, a hipótese de voltar ao ramo da arquitetura como arquiteto (o que implicaria acabar o mestrado) não está em cima da mesa. Se mais tarde poderia estar ligado à área, mas na posição de um gestor, é mais possível. Mas ainda assim, é um ramo de atividade que não ambiciono.

7. Como disse no início, penso que o curso de arquitetura é bastante abrangente e facilmente se chega a várias áreas. Além disso, volto a dizer que o que se aprende no curso versus o que se aprende no trabalho são coisas muito diferentes. O curso serve para nos dar capacidades de estudo e disciplina para o trabalho. Acho que acima de tudo, os alunos deveriam ter uma maior abertura a áreas e trabalhos diferentes. Como me disse uma vez a professora Sara Eloy, há alunos de arquitetura que muitas vezes recusam trabalhos pagos por serem "menos nobres" ou não ser "arquitetura pura". Na minha modesta opinião, penso que com as circunstâncias que o nosso país tem vivido nas últimas décadas, a arquitetura irá sofrer mudanças. Mudanças positivas que irão abranger o trabalho do arquiteto não só para a planificação de projeto, mas também na área da construção, desenvolvimento de materiais, design, das tecnologias e por aí adiante.

B.18. Margarida Marques, gestora numa clínica veterinária;

1. Clínica veterinária (gestão com outros sócios)

2. Falta de oportunidades, exploração (horários, salários, estágios profissionais) nas poucas oportunidades. Mercado estagnado.

3. Espírito de sacrifício

4. Desconhecimento da área.

5. Não.

6. Conciliar as duas no futuro.

7. Experiência em ateliers intercalada com a parte teórica do curso; Preparação para o mercado de trabalho. Componentes que orientem sobre a parte de gestão, abordagem ao cliente, tudo focado no verdadeiro papel do arquiteto- servir o cliente e 'ganhar dinheiro'. Toda esta realidade é completamente alheia ao curso e a todo o ensino que nos é dado.

B.19. Nuno Potier, analista consultor;

1. Estou desde dia 18 de setembro de 2016 a trabalhar em full time como Analista Consultor na área de sistemas de informação.

2. Pelas duas. A falta de oportunidades é uma realidade, quase nenhum dos meus colegas de curso trabalha na área e os que o fazem estão no estrangeiro. Estive 9 anos a trabalhar em urbanismo e planeamento urbano e não em arquitetura, no entanto pessoalmente esta também foi uma área que me satisfiz profissionalmente, mais que arquitetura propriamente dita. Por outro lado, já mesmo enquanto tirava o curso de arquitetura (2000 a 2006), sabia que gostava de arquitetura, mas que o que me preenchia era a área das novas tecnologias e da informática.

3. Talvez a necessidade de pensar e desenvolver um conceito para apenas depois produzir um projeto. Penso também que o facto de um projeto de arquitetura depender de um conjunto bastante grande de áreas paralelas obriga a que os arquitetos tenham que ter noções bastantes claras sobre essas mesmas áreas. Essa capacidade e necessidade de conhecimento multidisciplinar ajudam precisamente no momento em que se decide mudar o rumo de carreira. Obviamente não é de um dia para o outro que se toma a decisão, mas gradualmente foi-se tornando claro que eventualmente teria que fazer algo para mudar o rumo da minha carreira.

4. O facto de não ter uma formação de base igual aos meus colegas de trabalho. O conhecimento que possuo surge da tentativa e erro e da autoaprendizagem, no entanto tenho noção que me faltam algumas bases proporcionadas por uma licenciatura na área.

5. Sim terminei em 2016 uma pós-graduação em informática aplicada às organizações e estou já matriculado no mestrado em Informática e Gestão, ambos no ISCTE. Aprendi muito, consolidei bastante conhecimento que já possuía, mas talvez mais importante para iniciar carreira numa nova atividade, fiquei

com uma validação formal das minhas capacidades.

6. Nesta fase inicial em que apenas estou a trabalhar há 10 dias posso desde já afirmar que é nesta área que pretendo continuar a crescer e evoluir. A arquitetura não é de todo uma área que pretenda voltar a tentar.

7. O curso de arquitetura que tirei (universidade lusíada) já foi há 10 anos. Na altura fiquei com a ideia que já nessa altura o curso era bastante fraco no ensino das ferramentas que eram próprias dos arquitetos. A parte das tecnologias de informação e mesmo da utilização de ferramentas complementares, mas essenciais no desempenho das funções de um arquiteto foram pouco exploradas pelas cadeiras do curso (produção de modelos 3D, utilização do photoshop e mesmo o desenho em autocad).

B.20. Paulo Aguiar, contabilista na empresa MAIN;

1. Neste momento estou ligado ao departamento financeiro e de gestão de recursos humanos de um estabelecimento de diversão noturno, dito de outra maneira, de uma discoteca da grande Lisboa.

2. Surgiu a oportunidade, ainda enquanto estudava, motivada pela necessidade de assegurar a continuação dos estudos. Era um part-time que ia tentado conciliar com os estudos, e que aliás me permitia alguma flexibilidade de horários entre a minha disponibilidade e a necessidade deles de reforço de pessoal. Poderei dizer que foi por opção própria porque na altura - já lá vão 6 anos - não tentei procurar dentro da área da arquitetura. Comecei como caixa e fui subindo dentro da empresa até ao lugar que estou agora.

3. São áreas que pouco têm a ver, ou não, entre um cargo de gestão e o de arquiteto, mas ainda assim se falarmos em gestão de obra, coordenação de equipas, gestão propriamente dita que tive uma cadeira no programa do meu curso, orçamentação... existem pontos de contacto. O que acho que mais me deu a formação de arquiteto naquilo que tenho vindo a fazer na empresa onde estou agora é a capacidade de gestão de tempo e de recursos, materiais e humanos, e o saber trabalhar sobre pressão, lidar com ela e com o stress.

4. O atendimento ao público, em massa, e a alteração de horários, e alternância de horários entre aquilo que é o "viver à noite" e o "viver de dia".

5. Não, ainda...

6. Mantenho o desejo de seguir a área de arquitetura, não pretendo continuar no mundo da noite por muitos mais anos... mas depende das oportunidades que surgirem, e não está fora de questão continuar e complementar os meus estudos na área de gestão.

7. Talvez uma formação mais abrangente ao nível sociológico, do comportamento humano e da relação com os outros, indivíduos, grupos e instituições, em benefício do trabalho em equipa, da relação com colegas, superiores, clientes, etc.

B.21. Pedro Abalada, funcionário de restauração;

1. Turismo / Restauração.

2. O motivo deve-se a falta de oportunidades de momento dentro da área de arquitetura e da zona na qual resido atualmente, mas fundamentalmente pela necessidade de cobrir as despesas do dia-a-dia.

3. Nenhuma. São áreas completamente distintas que requerem apenas competências linguísticas e/ou físicas.

4. As dificuldades prendem-se apenas com o adquirir de rotinas específicas devido a falta de experiência em áreas e trabalhos cujos os quais nunca vivenciamos.

5. Não.

6. O plano medio/longo prazo será sempre voltar a tentar a área de arquitetura. Vejo apenas estes trabalhos atuais como momentâneos e temporários e não pretendo apostar nestas diferentes áreas. No entanto, tenho que reconhecer que voltar a trabalhar em arquitetura, é algo muito complicado devido a crise económica (com a escassez de projetos) e ao elevado número de pessoas formadas e qualificadas que saem das nossas faculdades. A competitividade torna-se excessiva e revela por si só que não há lugar para tanta gente.

7. Os tempos são sempre mutáveis. Claro que hoje, após findar o meu curso acrescentaria melhor competências de renderização e edição de imagem, que hoje me fazem falta, quando tento competir com outros colegas de profissão, geralmente mais novos. Mas o ser arquiteto, como qualquer outra profissão, requer sempre um “upgrade” de nós próprios e uma adaptação ao tempo em que vivemos. Quero com isto dizer, que é tão importante a formação inicial que retiramos do curso de arquitetura, como aquela(s) que realizamos após, no sentido de nos tornarmos melhores profissionais.

B.22. Ricardo Borges Duarte, Key account numa multinacional de centros comerciais;

1. Key account, numa multinacional de shoppings.

2. Desde o final do estágio da Ordem, por opção decidi seguir uma área relacionada com marketing.

3. Essencialmente duas características. Por um lado, permitiu-me ter uma postura crítica quanto a ideias, no sentido de tentar sempre acrescentar algo às ideias para procurar que estas sejam mais originais. Por outro, deu-me as bases para a gestão de projeto e de equipa multidisciplinares.

4. Além dos conhecimentos base específicos nesta nova atividade, o treino para o conceito de criar projetos que sejam interessantes, mas financeiramente viáveis, assim como a postura cativa de marketing pessoal.

5. Sim, alguns tal como empreendedorismo ou marketing digital.

6. Para já, os únicos planos profissionais relacionados com arquitetura é investimento imobiliário, que tenho feito de forma pontual, paralelamente à minha atividade profissional principal.

7. No último ano do meu curso, tive a oportunidade de juntamente com dois colegas, convidar um professor como mentor, e desenhar um plano de ideias para reformular o curso e que fomos apresentar o reitor. Deste trabalho, para os dias ainda manteria as ideias fundamentais:

- Treino prático - maior componente prática, idealmente com mini-estágios em cada ano letivo;
- Exercícios reais - parte dos projetos deveriam ter aplicabilidade real (problemas reais e idealmente que possam ser mesmo aplicados) através de parcerias com entidades como Camaras Municipais, tecido empresarial ou ONGs;
- Empreendedorismo - treino/metodologias para ao desenvolver uma ideia criativa, esta deve procurar a sua viabilidade financeira;
- Marketing - treino/metodologias para proactivamente sabermos nos promover como profissional, assim como o gabinete/empresa em que colaboramos.

B.23. Rita Cepa, mediadora imobiliária e gerente na empresa REMAX;

1. Estou a trabalhar na mediação imobiliária, sou gerente de duas Remax, uma em Odivelas e outra nas Caldas da Rainha, neste momento as minhas principais funções são de marketing, publicidade e responsabilidade social; recrutamento, formação e acompanhamento/gestão de equipas.

2. O meu pai iniciou o projeto na mediação imobiliária, e ainda antes de acabar o curso, os meus conhecimentos fizeram falta, e comecei a envolver-me no projeto, pelo que quando acabei o curso, já estava envolvida no projeto que me aliciava muito, não só por ser um projeto de família, mas porque me apresentava uma possibilidade de evolução profissional (também monetária) muito mais interessante do que se apresentavam as possibilidades em arquitetura, porque ia (fui e estou) aprender coisas novas, que

algumas se complementam com arquitetura, outras nem tanto, e sobretudo, porque queria férias de arquitetura mas não sou pessoa de estar parada. Resumindo, pelas oportunidades profissionais, pela possibilidade de conhecer e saber mais coisas, e sem dúvida por opção própria, quando terminei, não tinha vontade nenhuma de exercer arquitetura (demorei mais de 1 ano a inscrever-me para estágio)

3. Deu-me tudo, uma formação muito completa, abrangente e sobretudo multidisciplinar. O que mais noto no mercado de trabalho, é a necessidade de termos de nos adaptar, de sermos multitasking, versáteis e disponíveis, de pensar fora da caixa e executar. E tudo isto, é-nos exigido no curso de arquitetura... em utilizações completamente diferentes, ainda assim, dá-nos a bagagem para que depois dum curso destes, podemos dominar o mundo!

4. Penso que foi perceber qual era realmente a minha função e as minhas responsabilidades.

5. Fiz várias formações, depois de terminar o curso, perdi a conta às formações que frequentei, mas quase a fazer 3 anos que terminei, já sou certificada em coaching, sou formadora profissional, e fiz diversas formações de mediação imobiliária (angariação, venda, promoção pessoal, legislação, recrutamento, liderança e gestão de equipas, etc). Atenção, as formações não me foram exigidas, a grande maioria delas foi sobretudo a minha sede de conhecimento e a vontade ser cada vez melhor que me levou a fazê-las, é assim que vejo o meu futuro, a apostar em formação e a ser cada vez melhor. Já tenho mais algumas formações em vista, porque o conhecimento é a base do progresso, mesmo do profissional.

6. Neste momento, eu também sou gerente dum franchising "Querido mudei a cada- obras - Rita Cepa", na qual sou a arquiteta chefe e a cara da empresa... portanto, estou a apostar a curto prazo também em projetos de remodelação. sendo que em paralelo disto tudo, também estou a fazer projetos de licenciamento de moradias unifamiliares (já tenho uma construída, e tenho alguns processos na Câmara) - a médio/longo prazo, o plano é manter-me em todos estes projetos, nesta fase da minha vida não abduco de nenhum deles, eles complementam-se, e completam-me, aprendo e ensino coisas diferentes todos os dias, o processo criativo não para, e não acontece só em projeto.

7. Acrescentaria experiência prática em obra - conhecer fases da obra, questões de segurança, ver obras, estar em obras - é uma ligação à terra que falta na formação. Que demora anos, a ter-se experiência, e que devia começar mais cedo...

B.24. Rúben Viegas, freelancer;

1. Até ao momento ainda não me fixei numa atividade, só “biscatos” entre design, informática e cozinha.
2. Mercado de trabalho ignora as capacidades e vontade de trabalhar de cada um. As entidades empregadoras focam-se quase sempre em cunhas.
3. O amplo leque de abrangência do curso foi uma mais-valia.
4. A mudança custa sempre ao início, há que encará-la como um desafio.
5. De momento é algo em progresso.
6. Na conjuntura atual é difícil definir planos a longo prazo. A certeza é que a curto prazo não tentarei seguir a área de arquitetura.
7. Incluem o estágio da Ordem dos Arquitetos como última etapa do curso e transmitem noções de mercado de trabalho.

B.25. Sara Pinheiro, fotógrafa e produtora de vídeos;

1. Sou fotógrafa e de quando a quando faço vídeos também.
2. Porque não me sentia realizada no curso de arquitetura. Sentia que não era feliz ali, e não me via a fazer arquitetura para o resto da minha vida.
Foi por opção própria.
3. A verdade é que aprendi muito em arquitetura. E há quem diga que pelas minhas fotos e vídeos consegue “ver” que tenho um quê de arquiteta. Toda a cultura arquitetónica que aprendi foi uma mais valia para mim, e inconscientemente levo isso para a fotografia, em muitas das vezes.
4. Ao início era não saber como viver só da fotografia. É um mundo muito complicado com um nicho muito limitado. Mas se fores bom no que fazes, as coisas acabam por acontecer e o teu trabalho é reconhecido. Acho que funciona muito assim no mundo das artes.
5. Sim, tirei um curso profissional de fotografia de dois anos, costumo dizer que foi o meu mestrado, visto que me fiquei só pela licenciatura de arquitetura.
6. Confesso, não penso mais em arquitetura. Mas nunca digo nunca. Um dia posso mudar de ideias e querer fazer arquitetura. Mas para já não, estou feliz onde estou e com o que faço. E isso para mim é o mais importante.

7. Cada vez mais acho que andam a abrir novas cadeiras no curso, pelo menos pelo que me contam. Quando sai, no ano em que sai, abriram uma disciplina de fotografia. Achei interessante. Só tive pena de não estar lá para a fazer. Mas acho que o curso em si anda a tentar explorar diversas áreas, à sua maneira claro. Agora que me lembre não tenho nenhuma sugestão de algo que acrescentaria ao curso.

B.26. Tiago Pedro, engenheiro de software e programação como bolseiro de investigação e cofundador de uma start-up;

1. Desenvolvo trabalho de engenharia de software e programação como bolseiro de investigação e sou cofundador de uma start-up que pretende produzir um scanner 3D de baixo custo onde as minhas funções se relacionam com User Research, UX e desenvolvimento de software.

2. Pelos dois. Por um lado, não queria submeter à realidade em que os recém-formados em Arquitetura vivem, por outro lado, alguns dos processos de trabalho e temáticas da Arquitetura tradicional não iam de encontro ao que eu próprio gosto e me sinto confortável a fazer.

3. Para além dos conhecimentos óbvios inerentes à formação em Arquitetura, permite-me também olhar de forma diferente os problemas que me são postos, especialmente em termos de usabilidade de determinado sistema.

4. A mudança de “mindset”. Passar de um pensamento mais subjetivo (ainda que lógico) que é característico do processo criativo em Arquitetura para um pensamento completamente objetivo que é utilizado em programação. Neste momento consigo “ligar ou desligar” qualquer um deles.

5. Neste momento tenho já algumas UC's (Unidades Curriculares) da Licenciatura em Engenharia Informática completadas, no entanto, quando comecei esta atividade apenas tinha uma realizada. Estou neste momento a frequentar o Mestrado em Engenharia Informática para poder atingir lugares mais cimeiros.

6. O meu plano a longo prazo será o de me estabelecer nesta nova área, mas sempre com um forte foco na área de Arquitetura. E.g. produzir software para Arquitetura, seja como auxiliar do processo criativo ou mesmo novas formas de projetar.

7. Hoje em dia temos muitos processos (incluindo o criativo) que podem ser fortemente impulsionados pelo poder de processamento de um computador. Incluiria no currículo do curso uma (ou mais) UC's (Unidades Curriculares) que fomentassem esta colaboração entre os futuros arquitetos e os engenheiros

informáticos, de forma a que os estudantes de ambas as áreas aprendessem a comunicar de forma efetiva entre si para produzir soluções finais muito mais eficientes.

B.27. Tomé Gouveia, assistente de cozinha de restaurante, designer gráfico, gestão de redes sociais e travel blogger;

1. Durante o curso e pós-curso fui desenvolvendo várias atividades: assistente de cozinha de restaurante, designer gráfico, gestão de redes sociais e mais recentemente travel blogger.

2. Desde os tempos da faculdade tive sempre uma atividade extra-arquitetura ora por questões monetárias ora porque queria fazer/concretizar ideias. Como arquitetura é um curso muito dispendioso tive que procurar um part-time para suportar algumas das despesas e ter alguma independência monetária. Fui trabalhar para uma cozinha de um restaurante (não sabia fazer nada) aos fins de semana e ao longo dos tempos fui desempenhando funções mais importantes e de grande responsabilidade, onde ainda exerço funções porque tive algum tempo desempregado e nas empresas do ramo da arquitetura por onde já passei ou pagavam 'tarde e más horas' ou... ainda estão por pagar. Portanto, este part-time funcionou muitas vezes como 'boia de salvação'.

Quando terminei o curso tive algum tempo à procura de trabalho e ao mesmo tempo que insistia nessa procura, fui pesquisando informação sobre outras áreas do meu interesse: marketing, design, redes sociais e viagens/turismo. Olhando para trás, esta pesquisa foi fundamental para os trabalhos que desenvolvi posteriormente na ativação da marca do restaurante onde trabalho e no projeto '300 Dias No Oeste', que criei sobre a promoção da região Oeste de Portugal, em formato de blog/redes sociais. Como já tinha feito vários trabalhos na área do design para empresas e festas de comunidade, ou seja, trabalhar para os outros, queria fazer um projeto com a minha assinatura, com as minhas ideias e conseguir perceber até onde eu conseguia ir.

3. Para fazer o curso de arquitetura temos que ter competências que não são avaliadas de forma quantitativa quando entramos na faculdade: organização, responsabilidade, autonomia e opinião crítica. Estas características já as tinha mas foram aperfeiçoadas com o curso. Muito importante também foi a forma de pensar: desenvolver o projeto de arquitetura em diversas escalas, pensar numa primeira fase do geral para o particular e fazer o exercício inverso, numa fase posterior, para ver se tudo faz sentido.

Refletir/criticar o nosso próprio trabalho; esquematizar, sintetizar e organizar as nossas ideias; definir o prioritário e o secundário. Todos estes ensinamentos que o curso me deu foram imprescindíveis para desempenhar tarefas de outras áreas que tinha poucos conhecimentos. No curso não se aprende apenas a 'fazer desenho', ensinam-nos 'fazer pensar'.

Facilmente um estudante de arquitetura pode tornar-se um profissional de outra atividade.

4. Quando começo algo novo, gosto de me preparar e fazer uma pesquisa, outra competência de forma de trabalho que o curso me deu. No caso do projeto '300 Dias no Oeste' foi escolher o timing certo para definir o arranque do roteiro. Apesar de não ter tudo pronto e de não ter conhecimentos suficientes para fazer um blog com um retorno financeiro, tive que descartar essa parte monetária para começar este projeto 'amador'. Ao longo dos 10 meses de existência, fui aperfeiçoando o roteiro com mais temas de interesse e que pudessem chegar a mais público e espelhar a essência da região. Tal como na arquitetura e não me esqueço o que um professor me disse: 'Um projeto nunca está acabado'.

5. Meses antes de começar o roteiro '300 Dias No Oeste' fiz um curso de Iniciação à Fotografia. Mas no momento ainda não sabia que ia fazer o roteiro. Valeu a pena porque não sabia mexer numa máquina reflex.

6. De momento continuo a trabalhar na área de arquitetura, mas não descarto a hipótese de ter o projeto '300 Dias no Oeste' em simultâneo. Só faz sentido voltar ao roteiro se ele evoluir para uma outra plataforma de comunicação e com retorno económico, mas para isso preciso de sondar o mercado e contactos. Já tentei, mas sem sucesso. Agora que voltei a viver no Oeste vou fazer uma nova investida. Tenho a ideia de criar uma start-up, criar uma equipa de trabalho e o projeto alargar-se a outras regiões do país. Se eu conseguir concretizar esta ideia, desligo-me da arquitetura.

7. Terminei o curso em 2012, acredito que algumas cadeiras ainda são as mesmas, algumas matérias ainda são as mesmas e os slides ainda são os mesmos. O mundo está sempre em constante evolução, logo o ensino devia acompanhar essa transformação. Era obrigatório todos os alunos terem contacto com o mercado de trabalho antes de terminarem o curso, como eu fiz. Tal como a Medicina, o estágio curricular devia ser umas das disciplinas. Maior contacto com a obra, aprender novas ferramentas de desenho, realizar workshops que envolva arquitetura e outras áreas de interesse dos alunos.

Anexo C

C.1. Entrevista a **José António Saraiva**, arquiteto e jornalista português;

Antes de mais, os meus agradecimentos por colaborar nesta dissertação de mestrado, que procura destacar as competências que um arquiteto desenvolve fora da conjectura da arquitetura, e que o permite ter sucesso noutras áreas. Esta entrevista vem destaca-lo como um dos bons exemplos deste tema: formou-se em arquitetura em 1973 e, apesar das colaborações que teve com o Arquiteto Manuel Taíinha, mudou-se para o jornalismo onde se tornou uma das grandes referências a nível nacional. O que o levou a seguir a área de arquitetura, numa primeira fase, e a que se deveu a mudança para o jornalismo?

JAS. A minha família era quase toda da área de Letras. Por isso, seguir um curso de Letras tornou-se para mim demasiado óbvio e segui Ciências. No meu último ano do liceu fui à Papelaria Fernandes comprar material para uma disciplina de Desenho – e, ao subir as escadas, senti o cheiro a borracha, papel e plástico (dos esquadros) e tive um clique. Pensei: é isto mesmo que eu quero, ser arquiteto. E nunca mais tive dúvidas. A mudança para o jornalismo deu-se 15 anos depois de trabalhar como arquiteto. Tive um inesperado convite para ser subdiretor do Expresso. Achei que devia aceitar como experiência. Sempre pensei regressar à arquitetura. Mas o diretor demitiu-se 6 meses depois, eu fiquei a substituí-lo – e nunca mais consegui sair, por pedido insistente do proprietário do jornal, Francisco Balsemão.

2. Sente que a formação em arquitetura lhe deu alguma competência para se ter destacado na área do jornalismo?

JAS. A formação em arquitetura foi decisiva para mim. Deu-me um acréscimo de disciplina mental e método de pensamento. Um arquiteto tem de pensar numa obra desde o principio ao fim, desde a vontade do cliente até ao desenho do puxador da porta – e esse percurso exige disciplina e coerência, para lá de criatividade. E depois as obras têm de funcionar. Na maior (parte) das profissões, os resultados não são experimentados. Tiram-se conclusões que podem estar certas ou erradas. Mas as obras de arquitetura têm de funcionar. E funcionar com pessoas lá dentro. A maior parte dos jornalistas não tem a disciplina mental, o rigor, a aderência à realidade (sem trair a imaginação) que se exige a um arquiteto.

3. Quais foram as suas maiores dificuldades enquanto jornalista, visto que a sua área de formação era arquitetura?

JAS. Não tive grandes dificuldades de adaptação, visto que colaborava nos jornais desde os 16 anos, embora como colaborador externo. A maior dificuldade foi mesmo adaptar-me ao ambiente da redação, que é muito agitado e cheio de intrigas...

4. Alguma vez pensou em voltar a exercer arquitetura? Qual foi a principal razão por não ter seguido a sua profissão de arquiteto?

JAS. Pensei. Eu gostava muito de ser arquiteto. Amava a profissão. E nunca deixei de a exercer, fazendo obras para mim ou para amigos. Até hoje. Mas neste momento seria impossível para mim exercer profissionalmente a arquitetura, pois os métodos de trabalho mudaram muitíssimo, o gosto mudou, os materiais mudaram. Já não conheço a maioria dos materiais que hoje se usam...

5. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteto, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

JAS. A situação só se altera quando (e se) o país voltar a crescer. Entretanto, os jovens terão de pensar em escolher outros cursos. Ou, como eu, mudarem de ramo – se tiverem oportunidade. Como disse, a arquitetura dá uma grande disciplina mental que pode ser usada em muitas outras áreas.

6. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

JAS. Penso que já respondi a esta pergunta. Acrescentaria que acho a arquitetura uma das profissões mais bonitas do mundo. Ao projetar, eu sentia-me um Deus.

C.2. Entrevista a **Miguel Ângelo**, arquiteto e músico na banda Delfins;

1. Antes de mais, os meus agradecimentos por colaborar nesta dissertação de mestrado, que procura destacar as competências que um arquiteto desenvolve fora da conjectura da arquitetura, e que o permite ter sucesso noutras áreas. Esta entrevista vem destaca-lo como um dos bons exemplos deste tema: formou-se em arquitetura em 1989 e, apesar de ter iniciado um gabinete de arquitetura, acaba por se destacar na música. A que se deveu esta mudança?

MA. Na realidade lancei o meu primeiro disco no Verão de 1984 - o primeiro single dos Delfins - mesmo antes de entrar para a Faculdade. E os ensaios já tinham começado no final de 1982. Ou seja, penso que o meu caminho primário já estava bem escolhido...

2. O que o levou a querer ser arquiteto?

MA. Quando optei por escolher a área das artes visuais, no liceu, a arquitetura era o campo criativo que reunia e misturava mais linguagens artísticas. Isso atraiu-me, pela sua complexidade, mas também pela capacidade interventiva que um projeto pode ter em termos paisagísticos, artísticos e sociais. Era na realidade um campo de ação estético, mas em busca da funcionalidade - o melhor de dois Mundos.

3. Sente que a formação em arquitetura lhe deu alguma competência para ter sucesso no que faz diariamente?

MA. Não o sei dizer, mas sei que quer a aprendizagem metodológica Universitária, quer a descoberta de outros cenários de vida junto dos alunos que frequentavam as Belas Artes, foram experiências que me deram confiança para criar um percurso de vida a partir do nada. Do nada que era a folha em branco, mas também da falta das infraestruturas para a criação de uma via profissional no Mundo da música em Portugal. A construção, afinal.

4. A arquitetura e a música têm, para si, alguma ligação especial? Quando decidiu que devia deixar a arquitetura e seguir em exclusivo a música?

MA. Têm e terão sempre. Até porque foi durante o curso que vivi os primeiros anos da minha carreira. Depois, no início dos anos 90 passei um ano e meio já como arquiteto no Departamento de Projetos

Municipais, na Câmara de Cascais, findo o qual fui convidado a ficar a tempo inteiro. Foi nessa altura que decidi passar a 100% para o lado da música.

5. Alguma vez pensou em voltar a exercer arquitetura? Qual foi a principal razão por não ter seguido a sua profissão de arquiteto?

MA. Não. Uma coisa é poder no futuro assinar um projeto para algo pessoal, outra é regressar à profissão. A minha escolha baseou-se no facto de achar que quer na arquitetura quer na música a opção devia ser a tempo inteiro, séria e de muito trabalho dedicado.

6. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteto, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

MA. Na altura em que me formei, já muitos colegas meus saíam da Grande Lisboa para procurarem melhores lugares e vencimentos. Hoje em dia muitos saem do país, procurando outros mercados emergentes. Mas na arquitetura existem também outros caminhos para além da construção de novas estruturas.: a recuperação com qualidade, por exemplo, quer privado quer patrimonial, é uma área que em Portugal está a ser bastante desenvolvida.

7. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

MA. Acho que não é o "pensar" propriamente dito, mas sim o pensar para além do horizonte profissional específico. A resposta pode estar numa fotografia, instalação, performance, livro ou pintura. Ou num filme do Fellini. E essa capacidade de abstração criativa não é muito comum noutras profissões.

8. Existe algum patamar que gostaria de ter atingido enquanto arquiteto?

MA. Talvez o da construção efetiva! Trabalhei muito em renovação - até ajudando na parte paisagística - mas acabei por não projetar a primeira obra de fôlego: estava nessa altura ocupado a lançar o meu terceiro álbum de originais, que seria o primeiro disco de Prata dos Delfins...

C.3. Entrevista a **Lourenço Thomaz**, arquiteto e sócio fundador da empresa PARTNERS;

Antes de mais, muito obrigado por esta entrevista. Estou a desenvolver uma Dissertação de conclusão do grau de Mestre em Arquitetura, com o tema: 'A Profissão do Arquiteto: Competências e aptidões fora da Arquitetura', onde exploro as capacidades que um arquiteto tem para ser bem-sucedido noutras áreas.

Para começar, gostaria de lhe questionar: o que faz um arquiteto na Partners?

LT: Como arquiteto não faço muito, diria mesmo nada. Ou seja, a minha experiência de arquitetura na Partners não tem relevância nenhuma. Por acaso sou arquiteto, mas poderia ser advogado ou gestor. Era igual ...

Gostei muito de tirar o curso de arquitetura porque era um curso onde se podia ser bastante criativo, infelizmente depois do curso e na minha experiência profissional como arquiteto rapidamente percebi que na vida real a criatividade na arquitetura em Portugal é posta um pouco de lado... Passei muito tempo em obra, a fazer projetos de execução, a ver pormenores, etc, e a concessão do projeto de arquitetura que era a parte que eu mais gostava era 5% do trabalho de arquitetura. E para o resto eu não tinha muito jeito... Ao fim de 3 anos e meio a trabalhar como arquiteto percebi que nunca seria grande coisa como arquiteto e por isso decidi seguir outros caminhos.

2. Porque motivo decidiu seguir a área de marketing?

LT: Exatamente pelo que escrevi na resposta anterior. Fui para publicidade e não para Marketing. Escolhi ser Criativo de Publicidade, essa era e ainda é a minha função. O meu trabalho é criar ideias sejam elas para um anúncio de televisão, de imprensa, de outdoor, de rádio, etc ... Em publicidade também temos a Fase de Produção (o equivalente à obra em arquitetura), mas esta fase é feita muito rapidamente, e num processo inteiro ocupa-nos muito menos tempo do que todo o processo de ter a ideia.

É muito bom termos uma ideia para um anúncio de televisão por exemplo, e 3 semanas depois vemos o nosso anúncio feito no ar, já produzido e com toda a gente a ver. É muito reconfortante e rápido! E depois desse mesmo anúncio estar pronto, parte-se para outro e entramos no processo de criação outra vez ... E muitas vezes estamos com 3/4 processos destes ao mesmo tempo.

3. Que capacidades adquiriu da formação de arquiteto para conseguir ter sucesso na sua atual função?

LT: Não foi muita coisa... quanto muito foi um sentido estético e visual que me ajuda a ser criativo mas na parte de Diretor de Arte. Na parte de criação numa Agência de Publicidade existe o que chamamos de uma dupla criativa: 1 Redator e 1 Diretor de Arte. Ambos são *os criativos* mas quando a ideia está a ser materializada o Redator preocupa-se mais com o texto seja ele escrito ou locutado, o Diretor de Arte preocupa-se mais com o layout, ou seja toda a parte estética e visual.

Acho que nessa parte da Direção de arte ter sido arquiteto ajudou-me um bocado para apurar e desenvolver o meu sentido estético.

4. Teve alguma formação adicional para ser bem-sucedido nesta área?

LT: Não, a minha única formação é mesmo só o curso de arquitetura.

Quando comecei a trabalhar em Publicidade tive que aprender (por mim próprio e pela ajuda de outras pessoas na Agência) a mexer no Free-Hand, Photoshop, etc... mas é tudo muito fácil e muito simples.

5. Alguma vez pensou em voltar à função integral de arquiteto?

LT: Não. Nunca! Ainda hoje em dia penso que a minha decisão de deixar de ser arquiteto para passar a ser publicitário foi das melhores decisões que já tive na minha vida.

Para lhe dar um exemplo no ano passado estive a fazer uma casa na Comporta, e contratei arquitetos :) para o fazerem.

6. Vê a área de marketing como uma das possíveis áreas de atuação de um arquiteto?

LT: Acho que as 2 áreas não estão minimamente relacionadas.

Agora isso não quer dizer que não continuem a existir arquitetos a irem para publicidade, e publicitários a irem para arquitetura, se bem que esta última hipótese é mais complicado porque terão que tirar o curso.

7. Aquando da sua formação enquanto arquiteto, houve alguma área que gostaria de ter aprofundado mais? Acrescentaria algo à sua formação enquanto arquiteto?

LT: Sei que é utópico o que vou dizer mas gostaria de ter tido mais projeto. Gostava que as cadeias todas

fossem projeto :) para podermos criar, criar, criar. Mas não é assim a vida, e é preciso aprender tudo o resto ainda mais numa profissão como arquitetura, por isso o que acabei de dizer é mesmo uma grande asneira.

8. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteto, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

LT: Infelizmente isso acontece em todas as áreas: arquitetura, advocacia, gestão, economia, etc... etc... é o estado de Portugal e de toda a Europa infelizmente.

Mas há uma coisa que me deixa confortável, é quem for BOM, muito bom mesmo, terá sempre emprego, vai conseguir dar sempre a volta, será recompensado, etc... Quem não for tão bom, terá mais problemas ... essa é a lei da vida seja em que área de negócio estivermos a falar. E saber que as coisas são assim e que esta é além dos mercados a mim sossega-me.

Eu em arquitetura não teria durado muito e nunca seria bom...

9. Hoje em dia, e após a introdução do Processo de Bolonha em Portugal, existe uma premissa de multidisciplinidade em cada universidade, libertando o aluno para definir o seu caminho através de uma formação mais completa, havendo inclusive uma forte aposta na procura de mais do que uma área ou, até, de uma segunda profissão. Tendo em conta a competitividade do mercado de trabalho, o que diria a um recente diplomado de arquitetura que, face ao crescente desemprego, decida apostar na área de marketing?

LT: Acho isso muito bom! É um bocado como fazem nos EUA e eu defendo isso.

Não se deve limitar uma pessoa, ainda por cima quando escolhemos a nossa suposta profissão tão novos nas escolas em Portugal. Por isso essa abertura parece-me muito bem...

O conselho que eu dou é só um: Vão atrás do que gostam de fazer! Mesmo que estejam a meio de um curso, mesmo que já tenham acabado um curso qualquer, mesmo que já estejam a trabalhar na área do curso que fizeram (meu caso), etc... se descobrem e pensam que seriam mais felizes e melhores noutra área MUDEM! é difícil mudar? É. Claro que é! Mas é a melhor coisa do mundo trabalharmos a fazer o que gostamos.

Já me tinha formado há 3 anos e meio, já ganhava um bom ordenado, já era casado, já tinha uma filha

(nessa altura com 15 dias) e decidi mudar. Fui ganhar ZERO durante 3 meses mas porque tinha a certeza que era ali que estava o meu futuro e que seria muito bom a fazer publicidade, e fui ... Ao fim de 1 ano já estava a ganhar mais do que ganhava em arquitetura e era muito mais feliz.

10. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

LT: Os arquitetos têm que saber pensar, essa é uma realidade. Mas em todas as áreas temos que saber pensar, seja a fazer o que for.

Agora, um bom arquiteto pensa melhor que os outros arquitetos, como um bom publicitário pensa melhor que os outros publicitários. Não é isso que distingue a arquitetura das outras profissões, é isso que distingue uma pessoa muito competente de uma pessoa média ... e infelizmente em Portugal temos muitas pessoas médias.

C.4. Entrevista a **José Capela**, arquiteto e Codirector artístico e cenógrafo da companhia Mala Voadora;

Antes de mais, muito obrigado por esta entrevista. Estou a desenvolver uma Dissertação de conclusão do grau de Mestre em Arquitetura, com o tema: 'A Profissão do Arquiteto: Competências e aptidões fora da Arquitetura', onde exploro as capacidades que um arquiteto tem para ser bem-sucedido noutras áreas.

Para começar, gostaria de lhe questionar: como é que um arquiteto ganha paixão pelo teatro?

JC: Comecei a fazer teatro no Teatro Universitário do Porto. Fiz um 'Curso de Iniciação Teatral', depois integrei o elenco como ator e, depois, fiquei responsável pelo design gráfico (cartazes, programas) e pelos figurinos. Não fiz cenografia no TUP.

2. Porque motivo decidiu seguir a área de teatro e, mais especificamente, de cenografia?

JC: Não sei dizer com exatidão. Por um conjunto de circunstâncias, algumas das quais de ordem pessoal. Desde que fui para o TUP, comecei a conviver regularmente com pessoas que faziam teatro, a assistir a ensaios, a ver muitos espetáculos... Na sequência disso, em 2002 fundei a mala voadora com o Jorge Andrade. Apresentámos o primeiro espetáculo em maio de 2003. Foi quando comecei a fazer cenografia.

3. Que capacidades adquiriu da formação de arquiteto para conseguir ter sucesso na sua atual função?

JC: Domínio conceptual do espaço. Como a minha prática cenográfica não se assemelha à prática do 'projeto', julgo que é sobretudo isso.

4. Teve alguma formação adicional para ser bem-sucedido nesta área?

JC: Não. Julgo que aquilo que mais me ajuda na minha prática de cenografia é alguma cultura artística que fui adquirindo ao longo do tempo. Comecei a gostar de visitar museus quando era miúdo, 'História de Arte' era das minhas disciplinas preferidas no liceu, acabei por fazer um doutoramento que é, metade dele, dedicado à arte conceptual.

5. Alguma vez pensou em voltar à função integral de arquiteto e, mais especificamente, de trabalho de projeto em atelier?

JC: Não. Mas gosto de fazer um projeto de vez em quando.

6. Vê a área de cenografia como uma das possíveis áreas de atuação de um arquiteto?

JC: Sim.

7. Aquando da sua formação enquanto arquiteto, houve alguma área que gostaria de ter aprofundado mais? Acrescentaria algo à sua formação enquanto arquiteto?

JC: Não gostei de ser aluno de arquitetura (e agora gosto muito de ser professor de arquitetura), mas julgo que as áreas temáticas do curso não eram o problema.

8. Porque não gostou de ser aluno mas gosta de ser docente?

JC: Porque não apreciei os modelos pedagógicos e o quadro ideológico do ensino que tive e porque, enquanto docente, posso experimentar os meus próprios. Mas posso dizer que tive alguns excelentes professores, sobretudo de disciplinas teóricas.

9. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de dois mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteto, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

JC: Substituir a classe política por uma qualificada e responsável.

10. Na sua opinião pessoal, quais são as funções que um arquiteto pode desenvolver?

JC: Apesar de esse poder parecer um modelo lógico, não me parece nada obrigatório que se faça a mesma coisa que se estudou.

11. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

JC: Não tenho a impressão que os arquitetos pensem particularmente bem.

C.5. Entrevista a **Duarte Silva e Joaquim Silva, Feeders**, empresa de arquitetura, design e eventos;

Dois arquitetos numa empresa inovadora noutras áreas. O que é a Feeders?

JS: Tudo o que fazemos, ou que está a acontecer, nada foi planeado. Eu e o Duarte começámos na associação de estudantes da Lusíada, a fazer as galas, os arraiais, as receções, etc.

Foram colegas na (Universidade) Lusíada?

JS: Fomos colegas de curso no 1.º ano e voltámos a cruzar-nos no 4.º ano. Entre o 1.º e o 4.º ano eu estive a trabalhar na fábrica do Braço de Prata e o Duarte esteve a trabalhar no Rock in Rio também durante muito tempo e, por isto, fomos quase que sem querer aprimorando as nossas competências na área dos eventos. A grande novidade aqui é que nada disto foi planeado, foi acontecendo e a natureza foi-nos encaminhando para aquilo que está a acontecer agora. Nós somos os especialistas na adoção de conteúdo programático de marcas, de experiências e de estruturas que tenhamos para festivais, eventos e feiras. E algo curioso que o arquiteto vai aprendendo ao longo do tempo é a ensinar o cliente, relativamente a espaços e recursos reais.

Temos o conhecimento em termos teóricos, práticos e o *know-how* em questões legais. Depois de acabarmos o curso deparamo-nos com a crise e o Duarte desafiou-me para abrirmos uma empresa de eventos e adaptámos os nossos conhecimentos de arquitetura aos eventos. Pegámos num *excel* e depois fizemos um plano de montagens como se fosse uma obra. Uma mais valia foram as participações em eventos grandes, nomeadamente a Semana Académica de Lisboa, que nos deram a experiência e o *net-working* com marcas e pessoas, e também os projetos que levámos a cabo a nível individual que indiretamente nos disseram que seríamos nós a acrescentar valor.

O que é que vocês acham que foi uma mais valia na vossa formação académica?

DS: Vejo pouca valia nesse sentido, apenas ao nível concetual. Penso que a experiência adquirida antes, durante e depois do curso.

JS: Da forma como o nosso curso era composto na Lusófona, eu vejo a transversalidade de tudo o que aconteceu. Sinto que nos primeiros três anos existiu uma grande componente que levava as cabeças (alunos) a pensarem de uma certa maneira, aqui era valorizada a ideia e não propriamente o que era executado. Mas nada se compara à experiência, ao que nós fizemos enquanto estávamos a tirar o curso. Ninguém na faculdade nos disse que seria bom ao mau, por exemplo, o Duarte trabalhar no Rock in Rio e eu na fábrica do Braço de Prata, foi por iniciativa própria que nos demos a estas experiências.

Para além das questões técnicas de que falaram, os projetos, a dimensionalidade...

JS: Claro. O que acontecia depois... O curso não nos coloca aptos para trabalhar. Dá-nos sim uma série de ferramentas que têm que ser trabalhadas por cada um, de outra forma entram no esquecimento.

DS: Nós na altura nem fazíamos 3D. Fazíamos uma maquetes e pouco mais. Aliás, nós vivíamos das maquetes. Ainda agora fazemos maquetes. Obviamente, temos agora os 3D.

De certa forma ajudam a conquistar o cliente?

JS: Claro. A perceção é diferente se o cliente pegar, sentir e ver. Perceber as escalas e dimensões desta forma, daquilo que pode eventualmente ser um objeto dele. Não conseguimos medir o retorno desse impacto.

DS: Nós próprios fazemos os nossos protótipos de construção. Por exemplo, foi feito um protótipo em metal do elemento construtivo do palco do NOS Alive.

JS: O elemento surpresa do que está a acontecer hoje é exatamente isso. Transformámos um cliente de arquitetura quase experimental. Pretendemos que o que é desenhado, concebido e idealizado seja construído em maquete para nós percebermos se funciona ou não, se é eficiente em termos construtivos e de custos, se é prático, reutilizável. Tem de ser testado aqui, *in house*. Fomos descobrindo que queríamos isto, não foi planeado inicialmente quando eramos só nós os dois.

O que é que pretendem para o futuro?

DS: Queremos ser um maior referência nacional na cenografia de eventos.

JS: Mais do que sermos os maiores queremos ser uma referência.

Que referências é que vocês têm?

JS: Marc Fisher é o arquiteto que desenhou tudo o que tu possas imaginar. Grandes palcos, grandes palcos. Desde circo do Solei, Rolling Stone, cerimónia de abertura do euro 2004. Tudo isto acontecia com uma grande empresa de engenharia que era a *Stage Co*. E obviamente que temos grandes arquitetos como referência. O que nós ambicionamos não é fazer arquitetura tradicional. Pretendemos inovar na tecnologia e em materiais para levar isto *one step behond*.

Fazem arquitetura tradicional?

DS: Diariamente. Temos duas empresas. Uma de eventos e outra de arquitetura tradicional. Fazemos remodelações de obras, projetos de arquitetura de escritórios e lojas, bares, cabeleireiros. Continuamos a fazer esse tipo de obras, estamos focados nela porque é uma necessidade, não a queremos largar porque está no nosso ADN. É uma necessidade porque nos obriga a estar sempre no ativo no âmbito dos materiais mas o maior gosto que temos é fazer os eventos.

JS: É o que nos dá o maior gozo.

DS: Cenografias, produção, planos de licenciamento, planos de emergência. Produzir um evento desde a elétrica à canalização e segurança.

JS: Planeamento estratégico num todo.

DS: Do planeamento à execução é tudo igual, só muda o nome, quer seja um evento pequeno ou grande. Há uns que dão mais trabalho do que outros.

Consideram que hoje em dia os arquitetos acabam por optar por alternativas à arquitetura tradicional?

DS: Depende. Nós tivemos aqui um arquiteto que não se adequava nada. Arquitetura tradicional era o que ele queria. Não podemos forçar ninguém a fazer essa mudança. Há duas versões: a versão dos que escolhem porque não há mais nada e os que escolhem porque querem e é o nosso caso. Nós quisemos fazer isto e foi este o caminho, não para fugir à crise.

JS: Quisemos por paixão.

DS: Os que se juntam a nós podem ser arquitetos tradicionais ou acabados de sair da universidade. Quem quiser, é bem vindo. Escolher isto como fuga à crise penso que não seja opção.

JS: Pode até ser uma opção. Uma pessoa quer marcar a diferença ou uma pessoa quer ser mais um. A partir do momento que escolhem este caminho porque têm uma necessidade, tem que ser e não há outra opção, não é caminho, a pessoa vai ser só mais um número. Se assim é, há que repensar, não vai acrescentar valor nem criar paixão. Eu e o Duarte nunca fizemos isto pelo dinheiro. Tendo em conta a paixão, vontade e dedicação, o dinheiro veio como consequência. Tivemos muitos contratemplos que fazem parte. Se é por necessidade as pessoas têm que assumir que vão ser um número.

DS: Quem faz por paixão, tem que estar preparado para as consequências. Nós tivemos um ano e tal sem ordenado. O único dinheiro que tirávamos era para pagar as contas das empresas. Batalhámos por um caminho, custou muito.

JS: Em seis anos estamos a crescer 20% em cada ano. Temos crescido muito bem gradualmente.

DS: Não sabemos prever o ano a seguir porque estamos num mercado enganador.

Mercado em crescimento? Cada vez mais se vê o mercado de eventos presente.

DS: Cada vez menos as marcas têm dinheiro. Com pouco, tens que fazer muito. Não estamos num mercado emergente. Pode muito bem saturar-se um dia.

JS: O que se vê é um excesso de protagonismo das marcas. Acho que tem a ver, não tanto por haver mais dinheiro, mas porque a comunicação caminhou nesse sentido (*facebook, instagram, televisão,*

personalidades, famosos). Antes isto não existiu. A ZON, por exemplo, era uma grande empresa de telecomunicações e televisão não estava presente em nada e a PT detinha o monopólio de presenças em eventos. Parece que as maracas estão a gastar mais dinheiro, mas não.

O que é que acrescentariam à formação académica de um arquiteto para que este seja cada vez mais bem preparado para explorar diferentes áreas? Na minha dissertação alcancei 35 entrevistas a arquitetos que não seguiram a área de formação.

DS: Tem a ver com a experiência de cada pessoa. O que fazes depois com o proveito que tiraste do curso tem a ver com cada pessoa. O curso de arquitetura é capaz de ser dos mais completos que conheço que permite esta versatilidade. Não vejo isto com economia e gestão...

JS: Temos amigos que fizeram arquitetura e até são consultores na *Deloitte*. Depende do que cada um quis. À formação académica, poderia acrescentar casos práticos, para o exemplo, acompanhamentos de obra no 3.º ano, para meter as mãos na massa e ver como é que é. Imensa gente acaba o curso e não sabe como se assenta um tijolo. Ninguém tem essa noção. Eu próprio não tenho. O nosso trabalho é diariamente complementado com o trabalho dos que nos rodeiam. Esta questão de experiência e ver como as coisas são é o que mais pode acrescentar valor. Na Lusíada, por exemplo, considera que existia uma grande utopia na disciplina de projeto porque uma pessoa fazia, desde o primeiro ano, marinas, planos urbanos, mesas. E nós nunca vamos fazer isto depois. Eu fiz Erasmus no último ano e a disciplina de estrutura era pegar no projeto e dimensionar a viga, o betão, etc. Esta disciplina estava ligada a todas.

DS: O que acontece a vários arquitetos que chegam aqui é que não sabem dimensionar o valo. Nós já temos essa noção.

JS: Falta a noção de realidade e essa só com a experiência. Vemos muito deslumbramento com o 3D, mesmo na altura em que estávamos a tirar o curso, até os professores quase que se afastaram das maquetes e está agora a retomar-se às maquetes.

DS: Um aluno com um 3D tinha melhor nota do que com uma maquete.

JS: Havia pessoal a fazer cursos só com 3D. Os brilhos todos puxados e nem precisava de estar bom. Vende o projeto, não a qualidade e a substância do que está lá.

C.6. Entrevista a **Antônio Baeta**, professor e diretor de um campo de férias;

1. Trabalha com uma equipa jovem e muito diversificada nas suas áreas de formação, mas destacas os arquitetos. Porque razão se destacam dos outros?

AB: Os arquitetos destacam-se dos demais devido à sua inteligência, perfeccionismo e capacidade de improvisação.

2. Que capacidades consegue destacar nos arquitetos para que estes consigam desempenhar funções fora da sua área de formação e, mesmo assim, terem sucesso?

AB: As capacidades que destaco nos arquitetos são; inteligência, perseverança, resiliência, liderança e perfeccionismo. A ampla abrangência das suas unidades curriculares fornece-lhes uma maior e mais diversificada cultura geral.

A necessidade de constante mudança e inovação, imposta quer por, numa primeira fase, professores; quer no mundo profissional, pelos seus clientes, tornam os arquitetos em profissionais treinados para o contacto com o público em geral. Além disso, creio que esta constante dinâmica dos seus projetos torna grande parte dos jovens arquitetos necessariamente mais práticos, céleres e perspicazes na resolução de problemas e situações.

3. Estarão os jovens, hoje em dia, menos preparados para o mercado de trabalho?

AB: Claramente.

O decréscimo de qualidade é devido ao facilitismo generalizado, falta de formação pessoal, profissional, perfeccionismo, brio e vontade de serem bons.

4. Na sua opinião, o que falta ao ensino superior para que os novos diplomados consigam atingir o sucesso?

AB: Na minha opinião será necessário implementar e consolidar duas componentes. A Exigência, que é praticada e fomentada em algumas instituições do ensino superior que ainda têm essa cultura, mas até nessas tem vindo a diminuir. A outra componente será a implementação de mais componente prática nos cursos.

C.7. Entrevista a **Cátia Martins**, ilustradora e fotógrafa;

1. Que tipo de atividade desenvolves fora da área da arquitetura?

CM: Fora a arquitetura fotografo desde os 15 anos, aos 18 tornei-me fotógrafa de concertos para o Ponto Alternativo e Palco Principal e, entretanto, descobri que também tinha uma paixão por ilustração, comecei a desenhar nas minhas fotografias, surgiu o Paper People Project, que foi muito bem aceite pelo público, o P3 publicou-o e a Chiado magazine publicou-o, chegando a repetir o artigo. Com o desenrolar o tempo criei as minhas próprias personagens, desenho as minhas ilustrações através do nome Luna Monogatari, e que agora é também o nome da minha marca, que vai ser lançada entre este ano e o próximo. Luna Monogatari tem um pouco de tudo, fotografia, ilustração, design têxtil ou de vestuário...

2. O que te levou a criar estas imagens?

CM: Acho que tive necessidade de ter algo a que pudesse chamar “meu”. Algo que me fizesse sentir segura de mim mesma, sem ter de duvidar das minhas capacidades ou ter medo de competição, e que pudesse desenvolver durante quanto tempo eu quisesse, quando quisesse, sem obrigações ou limites, que me preenchesse e realmente sim, o meu projeto pessoal preenche-me.

3. Na tua opinião, o que é que a formação de arquiteto/a te deu para que consigas seguir esta área?

CM: Eu acho que há várias razões para que um aluno decida seguir arquitetura, a minha foi pelas possibilidades que a área dava. Nunca quis ser arquiteta no sentido da palavra, não tenho histórias minhas em criança a brincar com legos ou fazer origami, eu segui arquitetura porque aos 17 anos, quando entrei no curso, ainda não sabia quem era ou o que queria, e quanto mais conhecimento um curso me desse melhor, graças a arquitetura eu tenho uma noção espacial que não teria noutra área, enquanto ao mesmo tempo tive de desenvolver a minha capacidade gráfica para apresentações, tive de aprender cálculos, dominar programas... várias coisas, acho que é um curso difícil mas muito rico em termos de conhecimento, e torna-nos muito mais independentes para escolhermos o caminho que queremos.

4. Qual é o teu plano a médio/longo prazo? Pretendes apostar nesta nova área ou tentar seguir a área de arquitetura?

CM: Definitivamente apostar tudo no meu projeto pessoal, não nego que não venha a trabalhar temporariamente na área de arquitetura para ter bases financeiras para conseguir desenvolver o meu projeto pessoal, mas o meu plano a longo prazo é totalmente relacionado com o desenvolvimento da marca Luna Monogatari.

5. Acrescentarias algo ao curso de Arquitetura que frequentas, de modo a que os novos arquitetos/as consigam explorar outras áreas ou, inclusive, serem bem-sucedidos na sua área de formação?

CM: Acho que o curso devia ser mais organizado no sentido de que Arquitetura tem imensos ramos possíveis hoje em dia e deviam preparar melhor os alunos para o que eles realmente gostariam de fazer, porque num atelier existem varias funções. Ao longo de 5 anos fazemos demasiado pouco de demasiadas coisas, experimentamos mas não vamos a fundo e isso deixa muito a desejar, eu continuo com a sensação de não saber o que fazer se a hora de trabalhar num projeto a sério num atelier chegar.

6. Sentes que cada vez mais os arquitetos irão procurar outras áreas de atividade, num mercado de trabalho lotado e sem grandes opções?

CM: Depende, eu conheço muita gente que é muito apaixonada por arquitetura, e querem mesmo fazer disso futuro, e conheço outras que apesar de terem os seus projetos pessoais também trabalham no ramo da arquitetura e conjugam as duas realidades. Maior parte das pessoas que conheci que queriam outras áreas acabaram por desistir do curso ou ficar-se pela licenciatura e então tirar o mestrado na área que pretendiam, mas acho que seguir outras áreas muitas vezes simplesmente “acontece”, é daquelas coisas da vida que surgem apenas quando o curso acaba e as oportunidades surgem.

C.8. Entrevista a **Ana Aragão**, ilustradora e pintora;

Gostaria de lhe agradecer por colaborar nesta dissertação de mestrado, que procura destacar as competências que um arquiteto desenvolve fora da conjectura da arquitetura, e que o permite ter sucesso noutras áreas. Esta entrevista vem destaca-la como um dos bons exemplos deste tema.

1. Como aconteceu esta mudança da arquitetura para a ilustração?

AA: A mudança foi algo não planeado. Eu tinha acabado o curso de arquitetura, feito estágio num gabinete e depois decidi enveredar pelo universo académico, indo fazer o Doutoramento para Coimbra, onde estava a desenvolver uma tese, enquanto bolseira da FCT, acerca da representação do espaço urbano através do desenho. Curiosamente, comecei a desenhar nas aulas, e os meus colegas começaram a reparar nos meus desenhos. Decidi fazer um pequeno blogue, em jeito de brincadeira apenas, mas o curioso é que as pessoas começaram a querer comprar e encomendar os meus desenhos. A partir daí foi uma bola de neve. A minha paixão pelo desenho, que já existia, cresceu, e não tive mãos a medir. Tive inclusivamente de deixar a investigação (doutoramento) para me dedicar a tempo inteiro aos meus desenhos. Foi das melhores decisões que tomei até hoje.

2. Que competências do curso de arquitetura destaca no exercício desta nova atividade?

AA: Destaco o gosto pelo detalhe e pela forma, a capacidade de pensar o projeto como um todo, e a capacidade de articular pensamento e gestos. Com certeza que os meus estudos primários e secundários numa escola alemã também contribuem para o meu lado quase obsessivo e rigoroso na atividade profissional.

3. Alguma vez pensou em voltar a exercer arquitetura? Qual foi a principal razão por não ter seguido a sua profissão de arquiteto?

AA: Não penso nisso. Acredito que um pouco do que faço se cruza com a arquitetura; é daí que vem o meu universo imagético e temático. E isso, para já, basta-me. Não sinto necessidade de fazer arquitetura. Hoje em dia o exercício da arquitetura obriga a um domínio grande de ferramentas digitais, mundo no qual eu

não me sinto à vontade. Sou, sem dúvida, de uma era analógica: preciso de desenhar tudo à mão, sentir a relação táctil com os materiais. Não sei usar o computador para desenhar e para mim isso não faz muito sentido sequer. Gosto do risco de desenhar à mão e a caneta. Não há “undo”, “reset”, etc. É a lidar permanentemente com a imprevisibilidade que vou crescendo.

4. O que a levou a querer ser arquiteta? O que destaca na sua formação?

AA: Fui para arquitetura um pouco por acaso, na altura não tinha maturidade para saber no que estava a apostar. Sabia que gostava de desenhar, queria tentar algo ligado às artes, e tinha média alta. Entrei em arquitetura, na FAUP, e lá fui descobrir o que era esse mundo. Na minha formação destaco a abrangência de conhecimentos exigidos ao arquiteto, algo que considero uma mais valia. Destaco ainda a minha capacidade de organização numa formação que muitas vezes conduzia ao descontrolo dos timings e entregas de elementos pedidos pelos professores.

5. Pensa, alguma vez, vir a exercer arquitetura?

AA: Só se surgir um desafio que se encaixe na minha atividade presente. Teria de ser um desafio que tivesse uma forte componente artística. Para fazer uma casa ou uma reabilitação, recomendaria pessoas que o fariam muito melhor do que eu.

6. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de dois mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteta, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

AA: Sinceramente não tenho uma solução. Tudo muda muito rápido. Se repararmos, escolher a profissão de arquiteto, apenas há 60 anos atrás, era visto como algo incerto, porventura demasiado artístico. Em poucos anos tudo mudou: temos arquitetos que são verdadeiras vedetas, surgiu o star system deste meio que à partida nada tem de estrelato. O arquiteto deve ser um especialista de tudo, ou de coisa nenhuma, que pensa os modos de habitar dos outros. Ao mesmo tempo que poderá ser visto como artista, é também um técnico. Tem que criar espaços habitáveis. A ânsia de se fazer notar e de construir edifícios icónicos, como aconteceu até agora, não é a maioria do trabalho do arquiteto. A crise não permite tanta construção,

evidentemente. Por outro lado, tudo é cíclico. Portanto é natural que as crises económicas afetem as profissões, que terão porventura de se reinventar. Tal já acontece, se repararmos na quantidade de bons profissionais que se dedicam à reabilitação. De facto, as nossas cidades carecem agora de intervenção sobre o preexistente e não edificações de raiz.

7. No desenrolar desta dissertação foi possível verificar que existem arquitetos a trabalhar em quase todas as áreas, muitas delas longe da arquitetura. Será a formação de arquiteto tão completa ao ponto de cada arquiteto poder escolher um caminho diferente?

AA: Acredito que o ser humano tem a capacidade de se adaptar, e é esse um dos maiores sinais de inteligência. Acredito que noutras áreas se passe o mesmo, não creio ser exclusivo do arquiteto. A nossa formação é bastante abrangente e longa, o que dá margem para que se sigam caminhos divergentes e se tenha sucesso na mesma.

8. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

AA: Uma das características maiores de um arquiteto é ser flexível e saber pensar, mas isso também acontece em tantas outras áreas. Um arquiteto tem a mais valia de saber aliar a capacidade de planear ao sentido prático. Ou seja, sabe pensar/planear e sabe fazer/construir. A associação dessa dicotomia é, sem dúvida, algo com valor para a pessoa, e consecutivamente, para o mercado de trabalho.

9. Quais são os seus planos de futuro?

AA: Continuar a dedicar-me aos meus desenhos e ter cada vez mais projetos desafiantes e interessantes. Crescer como profissional, ir melhorando com os erros e dar continuidade à minha carreira nacional e internacionalmente. Pessoalmente, ter orgulho no que faço e manter a paixão pelo caminho que escolhi. Com integridade, seriedade, profissionalismo, capacidade de arriscar e, claro, um pouco de loucura.

C.9. Entrevista a **Lara Seixo Rodrigues**, arquiteta e artista;

Antes de mais, gostaria de lhe agradecer por colaborar nesta dissertação de mestrado, que procura destacar as competências que um arquiteto desenvolve fora da conjectura da arquitetura, e que o permite ter sucesso noutras áreas. Esta entrevista vem destaca-la como um dos bons exemplos deste tema.

1. É arquiteta de formação, iniciou um atelier próprio mas tem vindo a destacar-se a fazer sempre algo mais. De onde vem esta paixão de experimentar várias áreas?

LSR: Creio que esta curiosidade em experimentar e desenvolver projetos de diversas áreas é algo já anterior à faculdade. E algo inerente à minha forma de ser e desde pequena que me envolvi nos mais diversos projetos e associações. Apesar da grande paixão que desenvolvi pela arquitetura, academicamente e profissionalmente falando, sempre tive projetos e interesses paralelos, tidos inclusivamente como matéria prima de trabalho e inspiração. Os processos longos da arquitetura, provocaram também um pouco a existência de projetos criativos paralelos, como forma de colmatar esta lacuna.

2. Em que projetos está inserida atualmente?

LSR: Neste momento, estou quase exclusivamente (95%) dedicada à curadoria e produção de eventos artísticos, principalmente relacionados com Arte Urbana. Os projetos em desenvolvimento / preparação para 2016 e 2017 passam a dezena. Mantêm-se muitos projetos de anos anteriores, como o LATA 65 - workshop de arte urbana para idosos, WOOL - festival de arte urbana da Covilhã, MURALIZA - festival de arte mural de cascais, AGITÁGUEDA, etc. Todos se 'alojam' numa associação sem fins lucrativos que fundei em 2014, a MISTAKER MAKER.

3. O que ainda pretende explorar?

LSR: Cada novo projeto, cada nova cidade é um novo desafio e tenho ainda muitos pela frente. Percebi à coisa de um ano e meio, que o que me entusiasmava pela arquitetura, o trabalho social, para a pessoa, a escala humana, é aquilo que eu continuo a trabalhar nos meus projetos artísticos, a reabilitação social,

cultural, arquitetónica das cidades e comunidades. Como se pode usar a arte para promover transformações... muito mais rápidas desta forma do que com a arquitetura.

4. Na sua opinião, que características definem o arquiteto?

LSR: Não sou apreciadora de rótulos e creio que um selo de 'arquiteto' não é uma certeza de determinadas características. No meu caso, creio que a formação que tive, a preparação na gestão e coordenação de projetos complexos e diversificados, é uma mais valia no quotidiano e para outro tipo de catividades. Para além deste aspeto, no meu caso em concreto, a leitura que faço das cidades/troço de cidade ou comunidades onde trabalho, é através de um olhar de arquiteta e uso imensos 'instrumentos de arquiteto'.

5. Como vê o mercado de trabalho em arquitetura hoje em dia, e o que será necessário mudar no futuro? É difícil ser arquiteto/a atualmente?

LSR: Confesso que de todas as pessoas com que me cruzei na universidade, quase todas já abandonaram a área, enveredando por outras atividades. É certo que atravessámos uma crise bastante grave, mas é também certo que a distribuição de trabalho em Portugal é quase exclusiva a um grupo muito limitado de ateliers. É difícil começar, a própria ordem não ajuda na integração dos estagiários, etc.

6. O que acrescentaria à sua formação de arquiteta?

LSR: Creio que uma cadeira de gestão financeira seria necessária em qualquer curso superior.

7. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

LSR: Uma vez mais, não gosto de rótulos e sou até muito crítica em relação a muitos colegas. Eu diria que o arquiteto (deveria) saber pensar, da forma mais ampla e menos egoísta possível, ser o maior conhecedor possível de todas as áreas, o que lhe permite obter respostas e soluções para casa 'problema'.

C.10. Entrevista a **Leandro Ribeiro**, arquiteto e cenógrafo;

Antes de mais, muito obrigado por esta entrevista. Estou a desenvolver uma Dissertação de conclusão do grau de Mestre em Arquitetura, com o tema: 'A Profissão do Arquiteto: Competências e aptidões fora da Arquitetura', onde exploro as capacidades que um arquiteto tem para ser bem-sucedido noutras áreas.

Para começar, gostaria de lhe questionar: como é que um arquiteto ganha paixão pelo teatro?

LR: O teatro veio ao meu encontro quando frequentava o 12º ano numa escola secundária, de ensino artístico (Soares dos Reis - Porto). Durante a faculdade de arquitetura, mantive-me num grupo de teatro amador e o gosto pela arte foi evoluindo, ao ponto de nos dias de hoje, viver desta atividade. Se bem, que desde miúdo gostava de ser arquiteto, em paralelo com a arte de representar.

2. Porque motivo decidiu seguir a área de teatro e, mais especificamente, de cenografia?

LR: O teatro, sempre apareceu na minha vida sem que eu o procurasse. E durante muito tempo, o exerci em regime de voluntariado. No entanto, ao instalar-se a crise económica, eu que tinha bastante trabalho na arquitetura, mesmo trabalhando por conta própria, vi todas as minhas obras pararem... Os projetos que estavam em papel, ficaram todos na gaveta... Trabalhos que não chegaram a ser pagos... Nessa altura, decidi mudar de estratégia e procurei formação em teatro e comecei a ser remunerado pelos serviços prestados enquanto encenador. Mas na verdade, a mudança foi tão positiva, que nada me custou em deixar de exercer a profissão de arquitetura, em prol de algo que me faz ainda mais feliz. A cenografia, de facto, fica sempre ao meu cargo, em todos os trabalhos que enceno, fruto da formação académica.

3. Que capacidades adquiriu da formação de arquiteto para conseguir ter sucesso na sua atual função?

LR: Para além da cenografia, que pode ser explorada por uma visão artística, acho que as outras duas situações mais significativas da influencia da arquitetura no teatro seja o uso da luz artificial para criar ambientes distintos e as noções espaciais para encontrar o "equilíbrio da cena". Por outro lado, a arquitetura, mais propriamente o acompanhamento das obras, deu-me noções essenciais para o trabalho em "equipa" com os técnicos de palco e a resolução de conflitos, sempre no sentido de encontrar a melhor solução no mais curto espaço de tempo possível.

4. Teve alguma formação adicional para ser bem-sucedido nesta área?

LR: Sem dúvida. Procurei cursos livres de interpretação e participei em workshops de voz, movimento, etc. Recentemente (outubro 2016) vou iniciar as aulas de Mestrado em Teatro.

5. Alguma vez pensou em voltar à função integral de arquiteto e, mais especificamente, de trabalho de projeto em atelier?

LR: Penso que um dia, poderei ter de voltar à função de arquiteto de uma forma integral, porque a cultura no nosso país é muito oscilante... Muito embora eu goste de exercer esta profissão, é no teatro que me identifico mais e por este motivo, não tenciono voltar a trocar os papéis.

6. Vê a área de cenografia como uma das possíveis áreas de atuação de um arquiteto?

LR: É um caminho, muito embora pouco acessível, dado que o teatro não tem meios financeiros para pagar um arquiteto. Mas há arquitetos portugueses da nossa praça, com trabalhos na área. Ex: João Mendes Ribeiro.

7. Aquando da sua formação enquanto arquiteto, houve alguma área que gostaria de ter aprofundado mais? Acrescentaria algo à sua formação enquanto arquiteto?

LR: Há sempre muito a acrescentar. Assim, sem pensar muito, três situações bem claras e em nada vivenciadas durante a minha licenciatura (na ESAP – Escola Superior Artística do Porto): Acompanhamento de obras; saber preparar um licenciamento e o domínio / conhecimento de materiais. O curso prepara-nos para sermos “artistas”, “escultores”, o que quiser chamar... Quando na verdade, temos tanto ou mais de “técnico”...

8. A crise económica que afetou Portugal foi uma das razões para a área da construção ser das mais fustigadas pelo desemprego. Por ano, são formados cerca de dois mil novos arquitetos nas universidades portuguesas e muitos deles não chegam a exercer a profissão. Na sua opinião enquanto arquiteto, qual deverá ser o caminho a seguir para alterar esta situação?

LR: Talvez um estudo a médio/longo prazo, por parte do Estado e de quem tutela e representa as licenciaturas, no sentido de limitar o número de vagas de acesso ao curso, por forma a minimizar o desemprego nesta área. Por outro lado, criar mais e melhores apoios à recuperação de imóveis antigos dos centros históricos, obrigando a intervenção de um arquiteto; aplicar a lei existente das multas por edifícios devolutos e terrenos baldios; abrir concursos de ideias para as obras públicas; impedir que projetos de arquitetura sejam assinados por outros técnicos. No fundo, manter o que já existe, mas aplicá-lo com verdade e justiça!

9. Na sua opinião pessoal, quais são as funções que um arquiteto pode desenvolver?

LR: Projeto, acompanhamento de obra, direção técnica, formador técnico, etc.

10. Um docente do ISCTE-IUL dizia que 'a melhor característica de um arquiteto é saber pensar'. É isto que nos distingue de todas as outras profissões?

LR: Concordo que uma das características do arquiteto seja o “saber pensar”, mas não quero acreditar que seja essa a distinção em relação às outras profissões. Saber pensar é transversal a qualquer profissão. A característica que na minha opinião é mais reveladora de um bom arquiteto, seja o “antever” o futuro. (Desde projetar uma moradia para uma família que não conhece, mas que tem de ir de encontro às suas necessidades e planos futuros; ou projetar uma praça para uma cidade, dando-lhe um uso apropriado; deixar uma linguagem arquitetónica para as próximas gerações; deixar o lugar, melhor do que o encontrou!

Parte II

VERTENTE PRÁTICA

Análise de Grupo

Acupuntura Urbana

Projeto Individual

Conexões Morfológicas - o Museu de Sines

Centro de Apoio Social

VERTENTE PRÁTICA

Análise de Grupo
Acupuntura Urbana

"Porque estamos hoje confrontados com um território imenso, urbano e cultural, que nos põe o problema do seu desbravamento. Estamos a pagar caro por um passado de anti-intelectualismo, porque a conquista do território de que devemos tornar-nos hoje pioneiros, exige mais reflexão do que força física. Precisamos, ao mesmo tempo, de ideias e de paixão, coisas que descobriremos mais entre os seres humanos do que no mundo dos objectos, mais através das estruturas do que dos conteúdos, mais na profundidade dos contactos humanos do que no desprendimento e na separação"

HALL, Edward (1986)

ÍNDICE

01	0. Introdução
04	1. Sines: Cidade como Arquipélago
05	a. O Lugar: Evolução Morfológica
13	b. As Pessoas: Evolução Demográfica e Social
19	c. O Momento: Passado vs Presente . Futuro?
22	2. Crise: a Insuficiência dos Instrumentos de Planeamento e o “Direito à Cidade”
23	a. A Cidade Planeada
27	b. A Cidade depois dos Planos
34	3. Agir agora: Arquitectura como Acupuntura Urbana
35	a. Os Vazios como Oportunidade
41	c. O Espaço Público e as suas Ligações
48	4. Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível
49	a. Participação como Processo
55	b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas
57	5. Bibliografia
60	6. Anexos
60	a. Paineis
66	b. Esquiços de processo

0. INTRODUÇÃO

a. Tema e Objetivos

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura, no ano letivo de 2015-2016, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Esta unidade curricular foi desenvolvida no âmbito do 'Concurso Prémio Universidades' da 4ª Edição da Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016. Este desafio lançado às escolas de arquitetura, a nível nacional, refere-se ao tema "Sines: Núcleo Urbano, Industria e Estrutura Portuária". Tendo o território de Sines como ponto de partida, os curadores propõem um exercício que poderá ser visto "na fronteira entre transformação poética e experiencia política". O exercício visa integrar o "aproveitamento de recursos existentes, o potencial programático do lugar, as relações e contextos que superam a escala do próprio território e tempo, demonstrando a capacidade transformadora da arquitectura"¹. De acordo com o enunciado da vertente projetual da unidade curricular de Projeto Final em Arquitetura (anexo b), o objetivo principal é desenvolver tanto projeto urbano como projeto de arquitetura, com especial foco na relação entre a cidade de Sines e a sua envolvente industrial e paisagística. Considerando estes objetivos, e com a consciência de um território dominado pelo crescimento industrial, o grupo propôs-se a trabalhar sobretudo sobre os assuntos sociais a fim de ensaiar uma estratégia que possibilitasse a regeneração e inclusão urbana e social.

¹ Em "Concurso Universidades. Trienal de Arquitetura Millennium BSP 2016". Disponível em

<http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/programa/universidades/>

b. Metodologia

Na primeira fase do trabalho, "Sines: cidade como arquipélago", procedeu-se a i) uma análise territorial através da evolução morfológica e observação in situ; ii) análise demográfica e social, explorando dinâmicas dos acontecimentos históricos e recenseamentos demográficos. Na seguinte fase, "Crise: a insuficiência dos instrumentos de planeamento e o 'direito à cidade'", foi realizada i) uma análise da cidade de Sines atual, através de levantamentos; ii) uma análise dos planos de pormenor previstos para a cidade. Consequentemente, pareceu pertinente realizar um levantamento dos vazios urbanos, documentado detalhadamente num catálogo à parte. Na terceira fase, são admitidos os vazios urbanos como oportunidades de transformação do território levando a i) um levantamento de vias, aliada a uma proposta hierárquica e detalhada num segundo catálogo de grupo; e ii) um levantamento dos espaços naturais. Desta forma permite-se estabelecer uma estratégia, complementar às existentes, que consiste numa rede de sistemas onde se procura potenciar a escala humana. Por fim, num "Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível, apresenta-se de um modo geral a proposta em diferentes escalas e programas, com base na participação como processo. Cada uma das 6 propostas, corresponde ao trabalho individual de cada membro do grupo e será desenvolvida nos respetivos trabalhos. Este trabalho foi desenvolvido essencialmente através de observações in situ, discussão em grupo e com o tutor da vertente projetual de PFA e explorado através do desenho. O presente projeto alcançou a 2ª fase do referido concurso, sendo um dos 20 trabalhos selecionados, entre os 56 apresentados, para a exposição "Sines: Logística à Beira-Mar" e para o catálogo da 4ª edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa.



a. Sines: o Lugar
Evolução Morfológica



b. Sines: as Pessoas
Evolução Demográfica e Social



c. Sines: o Momento
Passado vs Presente . Futuro?

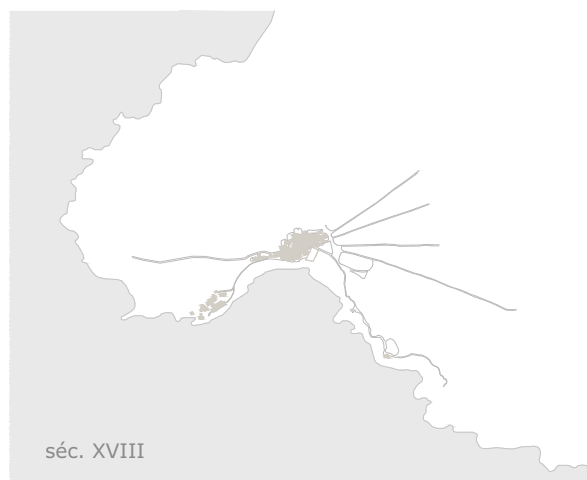
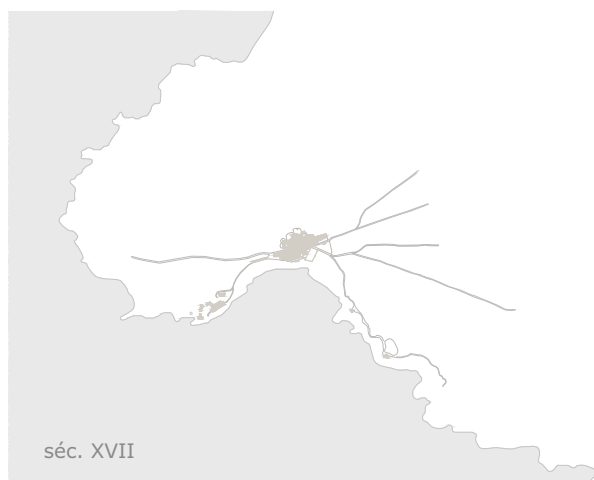
1.SINES: CIDADE COMO ARQUIPÉLAGO

Os grandes investimentos realizados desde a década de 60 com a ambição de transformar Sines num grande porto oceânico e num pólo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto paisagístico e ambiental que transformou de forma brutal a linha de costa e o hinterland de Sines. A cidade encontra-se cercada por infraestruturas industriais que não lhe pertencem, que cortaram ligações territoriais ancestrais e que ultrapassam a sua escala e escala do seu território. Sines, como que já não pertence nem ao próprio Alentejo, tem-se tornado um anexo da área metropolitana de Lisboa. (MATTOSO, José; DAVEAU, Suzane (2010)) Irradiando do centro histórico, com centro no Castelo de frente para o espelho do Mar, a cidade dilui-se progressivamente em várias ilhas, afastadas do horizonte límpido do mar e da integridade e densidade do centro, organizam-se numa sucessão fragmentada de bairros, de edifícios, de vazios, de terrenos expectantes, sempre limitados no horizonte pelas grandes infraestruturas que simultaneamente a confinam e a ultrapassam.

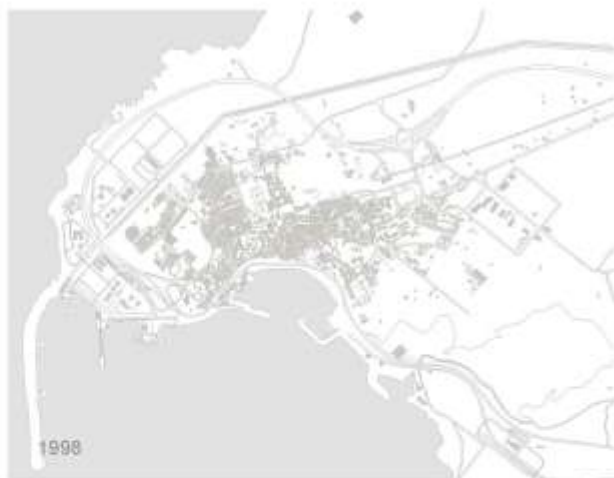
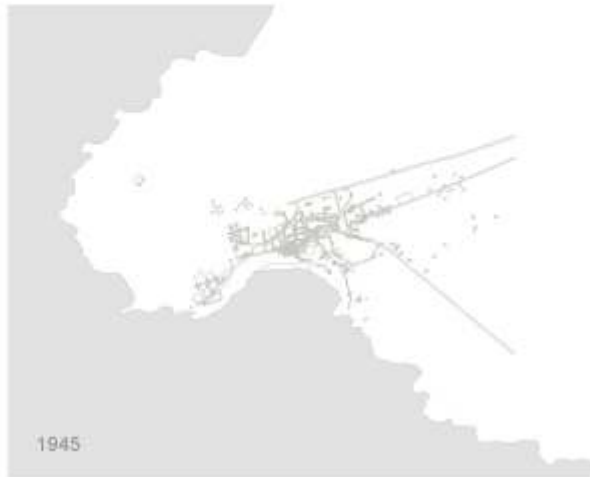
a. O Lugar . Evolução Morfológica

O mar e os seus recursos foram desde sempre importantes definidores e potenciadores do desenvolvimento da cidade de Sines. As actividades aqui desenvolvidas relacionaram-se sobretudo com a indústria da cortiça, pesca e alguma agricultura. Apesar de um desenvolvimento lento entre a II Guerra Mundial e a década de 1970, pode-se observar no início desta década uma grande mudança na cidade devido à criação de um grande complexo portuário e industrial. Apesar das consequências positivas, a cidade passou a sofrer uma tremenda pressão infraestrutural que a ultrapassou, com implicações paisagísticas, ambientais e urbanísticas que a ultrapassam e condicionam decisivamente.

a. O Lugar . Evolução Morfológica



1 - Diagramas de evolução histórica da cidade de Sines



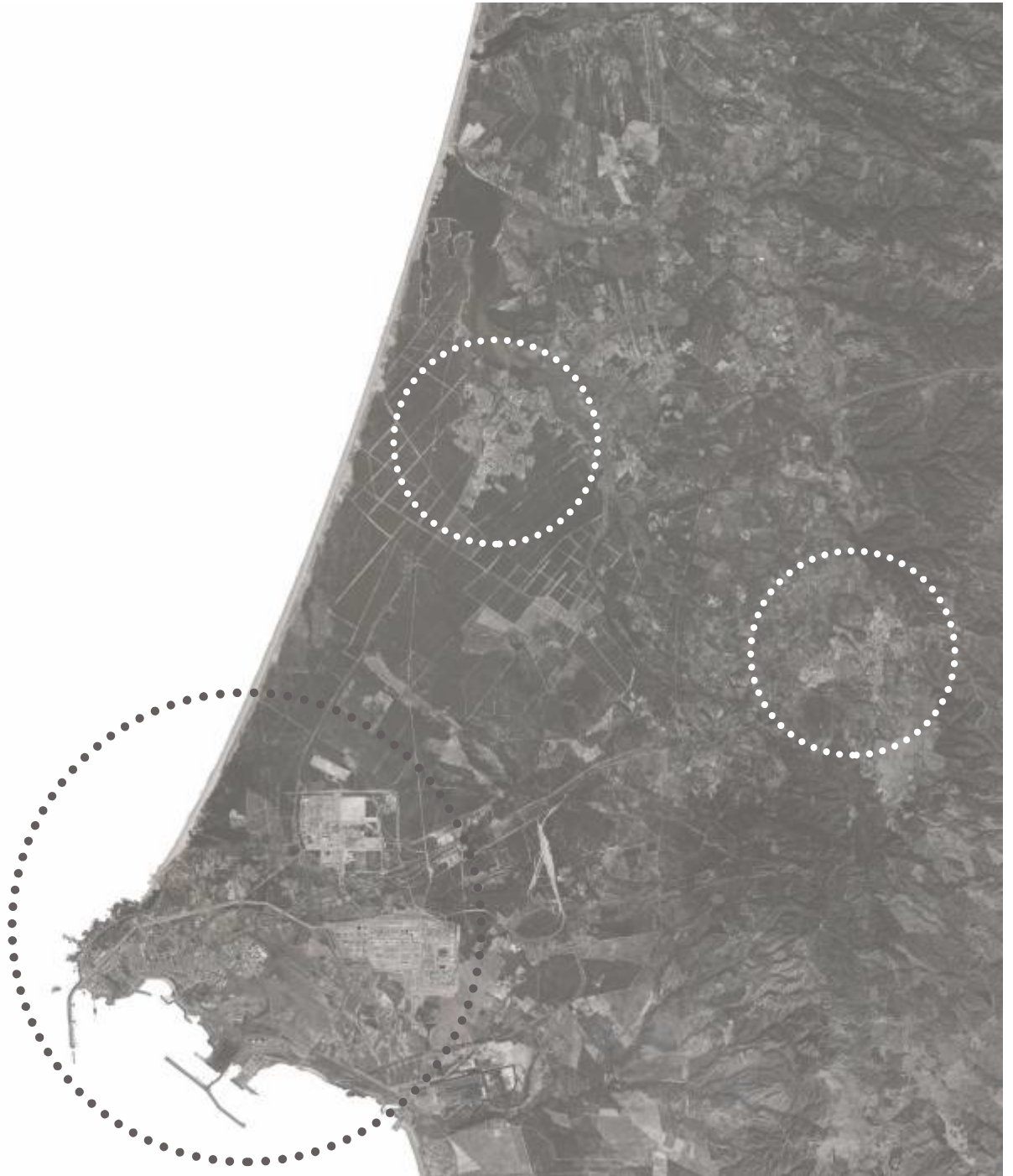
a. O Lugar . Evolução Morfológica



1 - Diagramas de evolução histórica da cidade de Sines



2 - Cidade de Sines apresentada em relação com Santo André e Santiago do Cacém



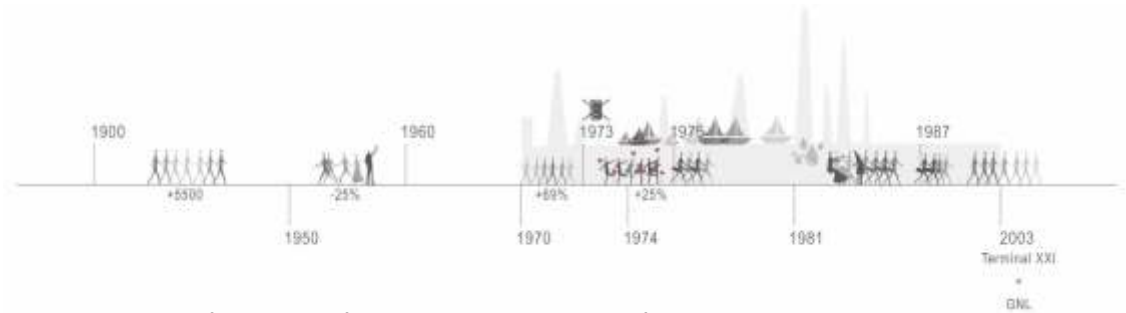
Em paralelo ao desenvolvimento morfológico a observação das mutações de desenvolvimento demográfico e social permitem-nos compreender de modo mais abrangente as dinâmicas socio-territoriais e a evolução ou tendências da própria pressão urbanística. Tendo como base informações múltiplas, das quais se destacam os Censos de 1991, 2001 e 2011, notamos os seguintes factos:

-1ª metade do século XX: período com um crescimento demográfico gradual de 5500 pessoas entre 1900-1950

-2ª metade do século XX (décadas de 50/60): diminuição demográfica em 25%, devido ao êxodo rural, emigração por razões económicas e políticas e à guerra nas ex-colónias ultramarinas.

-1970 - Novo Ciclo Económico localização de uma área concentrada de indústrias em Sines - crescimento da atividade portuária, industrial, urbana e demográfica (em 69%).

Numa fase posterior à crise petrolífera = desenvolvimento populacional e económico com o início da exploração do porto comercial e do terminal petrolífero.



3 - Diagrama cronológico com a síntese das alterações demográficas de Sines

- 1974 - Democracia: grande impacto da revolução 25 de Abril = fixação de muitos portugueses das ex-colónias em Sines
- 1975: execução dos planos parciais = chegada de migrantes trabalhadores essencialmente da construção civil e montagem de equipamentos, ultrapassando o previsto valor de 5000 habitantes para 6000.
- 1981: Sines = 12075 habitantes. Petroquímica entra em funcionamento, desenvolvendo o sector terciário e serviços públicos (segundo os Censos de 91, 20% da população portuguesa migra para Sines).
- 2003: novo período de dinamismo económico causado pelos investimentos privados e público no porto, nas ZILS e em várias infraestruturas de transporte.
- 2008-2010: Impacto da grande crise económica: em 2008 o PIB per capita era o 2º de Portugal logo depois da Grande Lisboa e o PIB por pessoa empregada era, em 2009, o 1º do país. Em contraponto e face aos investimentos portuários imediatamente anteriores e acompanhando a globalização da economia mundial, o movimento portuário aumenta consistentemente, enquanto a cidade sente os pesados efeitos da grave crise económica.

Faixa Etária

Edifícios

(2001 / 2011)
Sines-3307/3866
Santiago do Cacém-2592/
2831

Santo André-2741/2870

89%Residenciais

**Licenças de Construção
2014**

(2001 / 2011)

0 aos 14 - 1959 / 1814
15 aos 24 - 1834 / 1616
25 aos 64 - 6795 / 7521
65 ou mais - 1873 / 2249

%

0 aos 14 - 15.72 / 13.74
15 aos 24 - 14.72 / 15.24
25 aos 64 - 54.53 / 56.98
65 ou mais - 15.03 / 17.04

Sines

42% Habitação
30% Indústria
13%ComércioeServiços
11% Outros
4% Habitação / Comércio /
Serviços

PortoCovo

90% Habitação
10% Habitação /
Comércio/Serviços

Alojamentos

(2001 / 2011)

Sines-6957/7210

Santiago do Cacém-3836/
4389

Santo André-53250/
5890

777 vagos (10.8%)

Tipo de Obra 2014

Sines

50% reconstruções

41% construção

9% legalizações

Condições 2011

70.6% Residência com
água

70.4% Residência com
Retrete

70.6% Residência com
Esgoto

70% Residência com banho

30% Residências sem
condições

mínimas de habitabilidade

Famílias

(2001 / 2011)

Sines-4478/5199

Santiago-2781/3126

Santo André-4478/4265

Numero de elementos na família (2011)

55% - 1 ou 2 elementos

39% - 3 ou 4 elementos

6% - 5 ou + elementos

Desemprego nas famílias (2011)

89% - familias sem desem-
pregados

10% - familias com 1 de-
sempregado

1% - familias com 2 ou +
desempregados

Indivíduos

Presentes: Indivíduos que,
na altura dos censos, esta-
vam a residir nos locais es-
tudados e presentes nessa
residência;

Residentes: Indivíduos que,
na altura dos censos, esta-
vam a residir no locais es-
tudados mas que estavam
fora desses locais por diver-
sos motivos (estudos, tra-
balhos, etc)

(2001 / 2011)

Sines

presentes - 12184 / 13203

residentes - 1461 / 13200

Santiago

presentes - 6993 / 7315

residentes - 7274 / 7603

Santo André

presentes - 9866 / 9995

residentes - 10696 / 10647

4 - Tabelas de comparação dos valores obtidos nos Censos 2001 e 2011

Eixos de Desenvolvimento	Actividade Económica
Sines (2001 / 2011)	Sines (2001 / 2011)
Sector Primário - 374/195	Desempregados - 622 / 648
Sector Secundário - 1703/1950	1º Emprego - 93 / 120
Sector Terciário - 3554/3972	À procura - 529 / 528
Santiago (2001 / 2011)	Santiago (2001 / 2011)
Sector Primário - 167/115	Desempregados - 262 / 227
Sector Secundário - 880/862	1º Emprego - 37 / 46
Sector Terciário - 2264/2491	À procura - 225 / 181
Santo André (2001 / 2011)	Santo André (2001 / 2011)
Sector Primário - 140-72	Desempregados - 2600 / 497
Sector Secundário - 1796/1796	1º Emprego - 86 / 101
Sector Terciário - 2888/2888	À procura - 514 / 396

Ensino**Desemprego**

(2001 / 2011)

Analfabetos - 1233 / 671
 Literados - 10527 / 10680

**Níveis de Ensino
 2001**

4205 pessoas com o 1º ciclo (40%)
 1422 pessoas com o 2º ciclo (13.5%)
 1644 pessoas com o 3º ciclo (15.5%)
 2166 pessoas com o ensino secundário (20.5%)
 56 pessoas com o ensino médio (0.5%)
 1034 pessoas com o ensino superior (10%)

2011

3155 pessoas com o 1º ciclo (29.5%)
 1654 pessoas com o 2º ciclo (15.5%)
 2448 pessoas com o 3º ciclo (23%)
 2083 pessoas com o ensino secundário (19.5%)
 165 pessoas com o ensino médio (1.5%)
 1175 pessoas com o ensino superior (11%)

120 pessoas à procura do 1º emprego (0.88%)
 528 à procura de emprego (3.85%)
 6117 pessoas Empregadas (44.64%)
 2437 pessoas com pensão/reforma (17.79%)
 4500 pessoas sem actividade económica (32.84%)

4 - Tabelas de comparação dos valores obtidos nos Censos 2001 e 2011

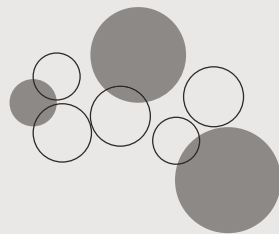
c. O Momento : Passado vs Presente . Futuro?



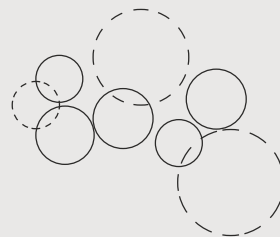
5 - Imagens de Sines (1950-1970): uma cidade em relação natural com a paisagem e com o território



6 - Imagens de Sines (2013-2016): uma cidade limitada pelos canais infraestruturais.



a. Sines: a Cidade Planeada



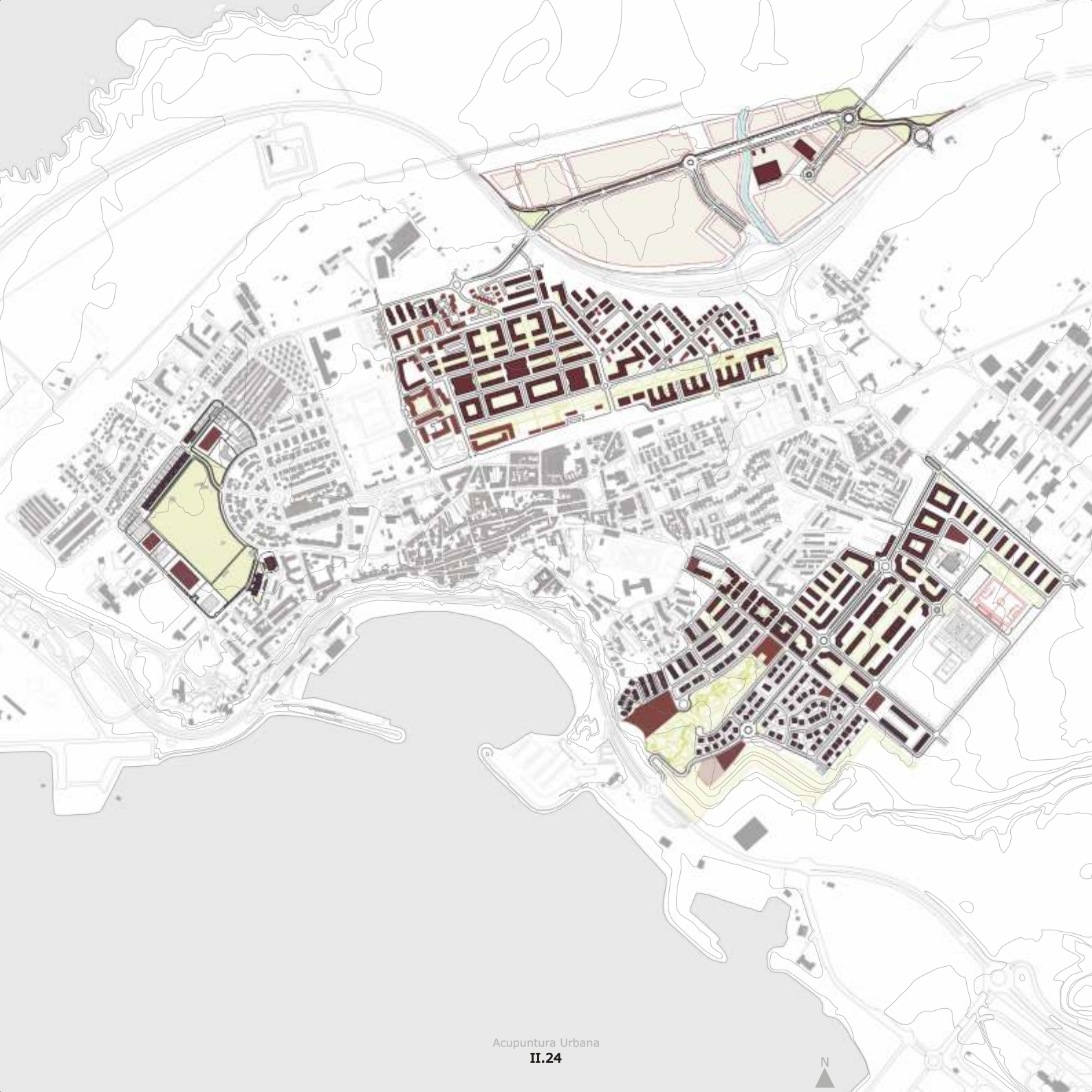
b. Sines: a Cidade depois dos
Planos

2. CRISE: A INSUFICIÊNCIA DOS INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO E O 'DIREITO À CIDADE'

Ao longo de toda a coroa urbana periférica ao centro sente-se uma sensação de paralisia e de tempo congelado, por entre uma sucessão de espaços interrompidos e incompletos, aguardando um cenário de crescimento e de consolidação cuja concretização se afigura cada vez mais incerta, dadas as sombras lançadas pela grande crise económica de 2008 e pela inexorável inversão da pirâmide populacional no país. As incertezas e as relações disruptivas na paisagem e no território sucedem-se a várias escalas: entre a cidade e o porto, entre o ambiente e paisagem e a infraestrutura económica e produtiva, mas também entre a frente urbana litoral e a coroa urbana interior, entre a compacidade do centro e a dispersão da periferia, entre os vários bairros periféricos entre si, entre o limite da cidade e a cerca edificada dos "não-lugares" rodoviários e do corredor de pipelines. E no entanto toda a cidade está planeada. Mas os planos estão por cumprir e a eficácia das suas proceções por provar. Todavia quem habita estes territórios também tem "direito à cidade" (LEFEBVRE, Henri, 1974), o direito a um espaço (social) com qualidades imediatas para hoje, para quem o habita, reflectindo como produto (social) a melhor possibilidade de uma vida comum.

a. A Cidade Planeada

7 - Planta da cidade de Sines actual com sobreposição Planos de Pormenor Norte, Sul e do Parque de Campismo



A forte desagregação urbana sentida nas zonas periféricas de Sines não está vencida pelos instrumentos de planeamento que destas áreas se ocupam. As perspetivas de crescimento necessárias para cumprir a carga edificada associada aos vários planos são incertas, e se associadas aos ritmos de crescimento populacional verificados desde 2000, o horizonte de concretização será de décadas. Torna-se necessário agir no imediato.

Trata-se de garantir alguma concretização intermédia, elaborando sobre os planos em vigor com recurso a projetos específicos, que conduzam a transformações concretas e pontuais, que conformem lugares, curando feridas, gerando urbanidades-âncora, que permitam momentos intermédios e que constituam exemplos e focos de irradiação de urbanidade e de serviços públicos.

A Norte propomos a retificação no imediato da alameda de acesso à cidade, marcando um grande eixo de penetração de espaço

naturalizado-público ao longo do corredor da antiga linha férrea, levando ao redesenho da massa edificada adjacente, prevista no plano de pormenor da Zona Norte, que agora se pretende mais permeável visualmente e equipada com programa de valor social e simbólico. A Sul procura-se igualmente curar as feridas provocadas por malhas urbanas incompletas mediante um redesenho do espaço público e a transferência, estratégica, de carga edificada, propondo-se um programa de equipamento público para a zona adjacente às Piscinas Municipais.

Os programas funcionais serão eminentemente públicos e associados a reconfigurações do espaço público, que funcionarão como âncoras de urbanidade, que valorizam e incentivam as áreas urbanas adjacentes. Estes programas resultam de uma leitura das potencialidades existentes e planeadas, mas também de uma pesquisa junto dos habitantes, com recurso a questionários, que visou compreender necessidades e desejos efetivos dos habitantes de Sines.

b. A Cidade depois dos Planos

8 - Mapa com levantamento dos vazios actuais da cidade de Sines (documentados mais detalhadamente num catálogo realizado pelo grupo)



b. A Cidade depois dos Planos



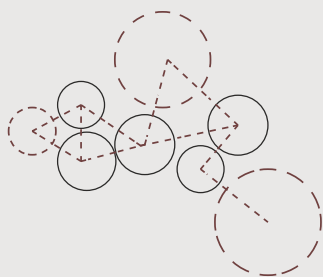


9 - Fotografias actuais dos espaços residuais (vazios) da cidade de Sines

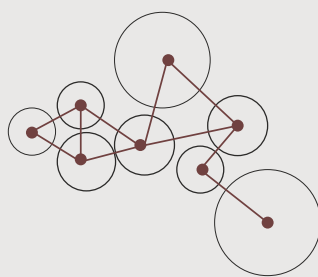
b. A Cidade depois dos Planos



9 - Fotografias actuais dos espaços residuais (vazios) da cidade de Sines



a. Sines: os Vazios como
Oportunidade



c. Sines: o Espaço Público e as
suas Ligações

3. AGIR AGORA: ARQUITECTURA COMO ACUPUNTURA URBANA

Propomos antes do mais uma metodologia de intervenção. Baseada numa sucessão dupla de acções: de edificação e de reconversão de espaço público. Ambas à escala dos lugares e da cidade, que funcionariam como “acupunturas” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), activadoras de circunstâncias reais para pessoais reais. Agir agora, em circunstâncias concretas, sobre espaços expectantes, subaproveitados ou à espera da concretização dos momentos urbanísticos planeados. Agir com consciência do tempo e da imperfeição dos meios, procurando “lugares-forma” e não tanto “produtos-forma” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), em que a mega-estrutura urbana, que finalmente equilibrará o território e a relação cidade-porto, não será uma “outra” estrutura, mas sim a estrutura constituída pela consistência da própria cidade existente.

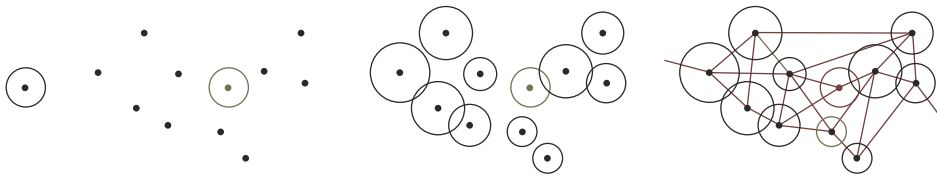
Propomos programas eminentemente públicos, em locais estratégicos, no meio ou no limite de malhas urbanas, reaproveitando estruturas e funcionando como âncoras de urbanidade. Programas que deveriam resultar de processos de discussão pública, onde a arquitectura seria determinante para agregar e dar sentido aos vários “depends” lançados pela discussão (TILL, Jeremy(2009)). Arquitecturas que se enquadram em circunstâncias, podendo assim crescer como árvores enraizadas em solo fértil e não as “virgens-brancas” (TÁVORA, Fernando (1963)) suportadas por preconceitos e ambições de classe. Propõe-se uma metodologia que suporta as soluções formais e propõe-se várias soluções e em vários lugares e com várias escalas, porque é assim que a cidade e o tempo operam.

"São os lugares urbanos, que queremos denominar com a expressão francesa terrain vague, os que parecem converter-se em fascinantes pontos de atenção, nos indícios mais solventes para se poder referir à cidade, para indicar com as imagens o que as cidades são, a experiência que temos dela. (...) Há um segundo significado que se superpõe ao de vague em francês como vacant. Esse é o termo vague procedente do latino vagus, vague também em inglês, no sentido de indeterminate, imprecise, blurred, uncertain. De novo, o paradoxo que se produz na mensagem que recebemos desses espaços indefinidos e incertos não é necessariamente uma mensagem negativa. Certamente, parece que os termos análogos que temos marcado estão precedidos de uma partícula negativa in-determinate, im-precise, un-certain, mas não é menos certo que essa ausência de limite, esse sentimento quase oceânico, para dizer com uma expressão de Sigmund Freud, é precisamente a mensagem que contém expectativas de mobilidade, tempo livre, liberdade." (SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002))

O terreno vago, o fragmento entre espaços edificados, o baldio entre malhas urbanas, a estrutura de vazios-vagos ou subaproveitados tornam-se deste modo uma superestrutura de oportunidade para a cidade. Seja para a densificação, o equipamento ou a renaturalização do território, esta superestrutura indica-nos os pontos para uma acupuntura urbana.

10 - Mapa com levantamento dos vazios actuais da cidade de Sines (documentados mais detalhadamente num catálogo realizado pelo grupo)



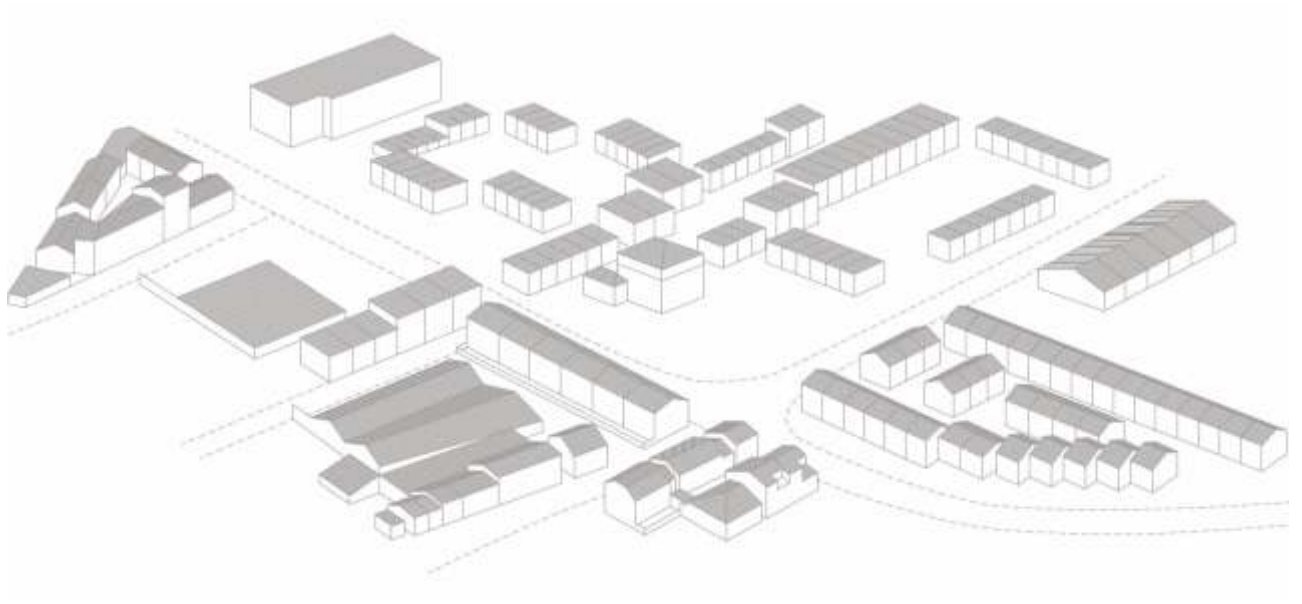


11 - Constelação de vazios como oportunidades de transformação urbana

"They are as a constellation, a scheme made up of situationally arising units (...) bound to time, accident and circumstance. The idea of the city as an open-ended pattern removes the duality of interior and exterior space" (STRAUVEN, Francis(2002))

Intervenção no espaço urbano, possibilitando a criação de entre-espaços com uso público. Intervir nos vazios-oportunidades como locais para uma acupuntura urbana, mas como possibilidade metodológica para quaisquer outros locais de Sines.

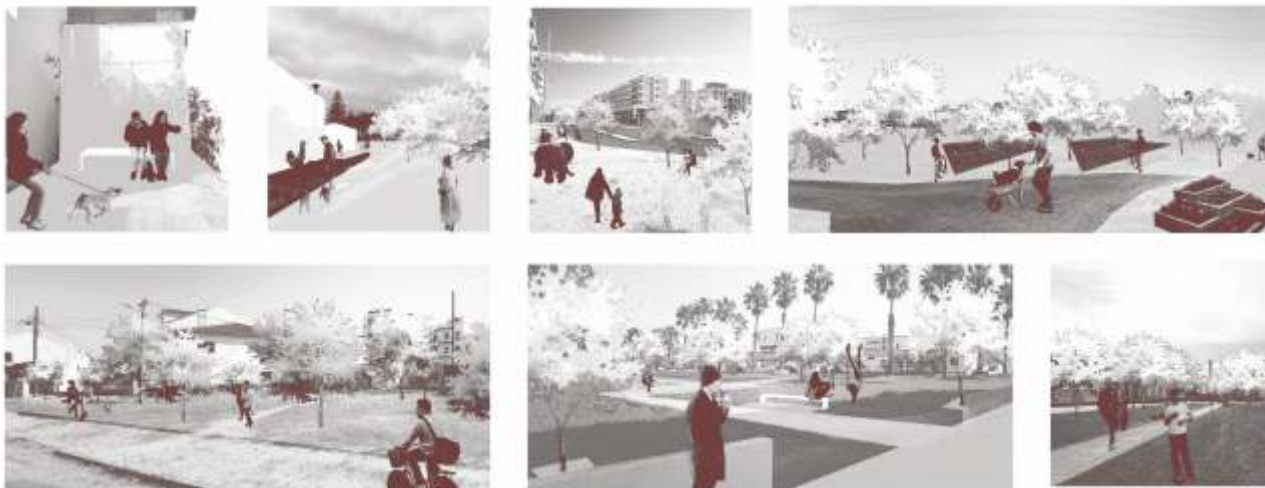
Isto é, a reabilitação do espaço público como projeto, recorrendo a princípios operativos que possam ser facilmente prolongados em redor, reconstruindo a cidade numa sucessão de fragmentos reconstruídos.



12 - Axonometria de intervenção no espaço público

a. Os Vazios como Oportunidade





13 - Montagens de intervenção no espaço público

b. O Espaço Público e as suas Ligações

14 - Mapa com as vias de trabalho da proposta de grupo

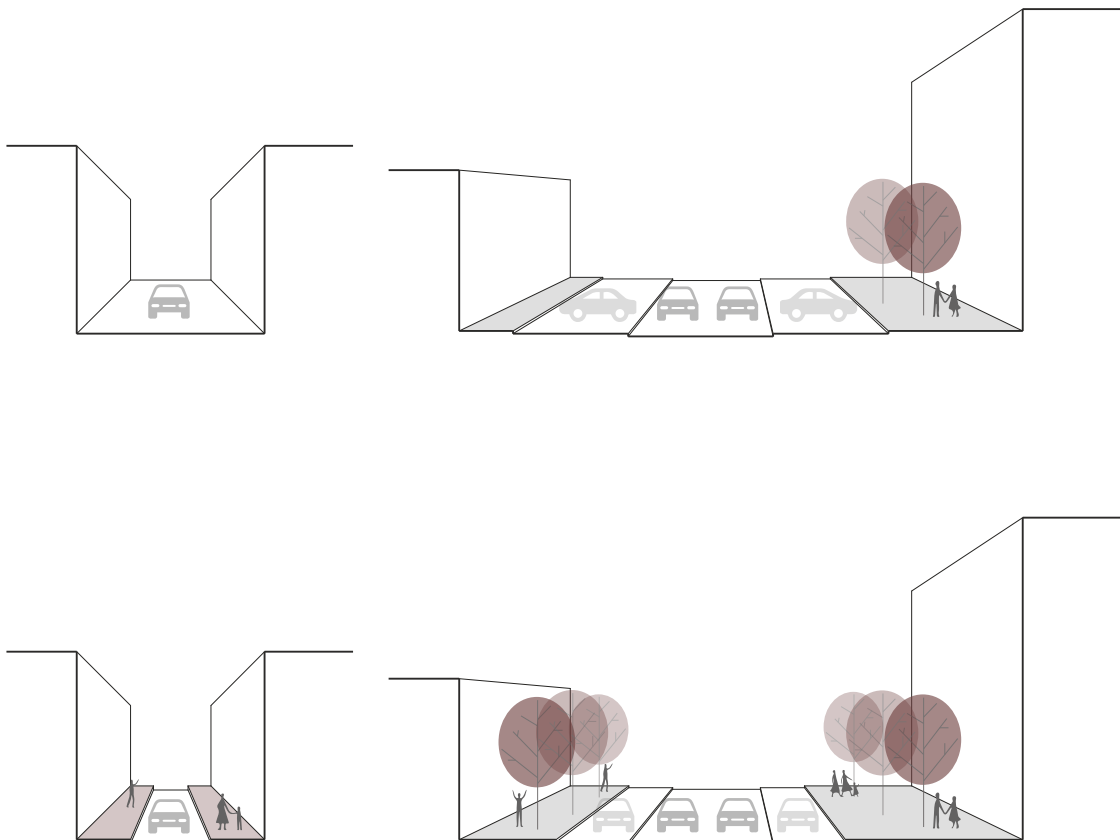


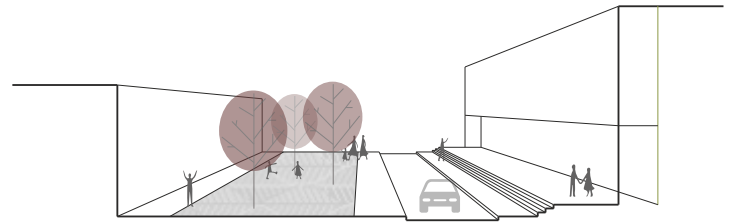
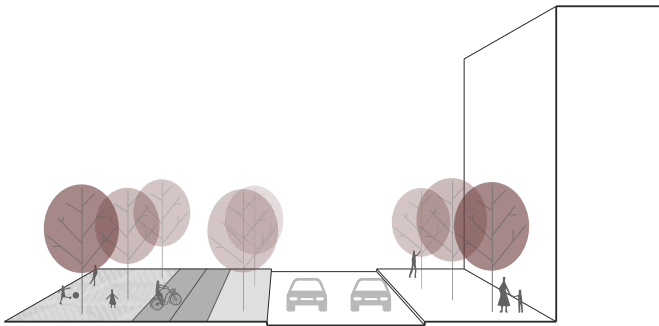
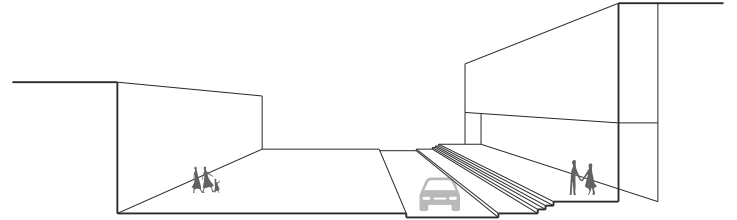
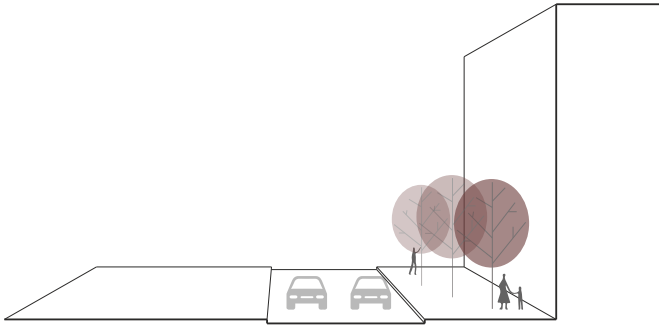
b. O Espaço Público e as suas Ligações

15 - Mapa com a sobreposição das vias de trabalho e o sistema de espaços naturais

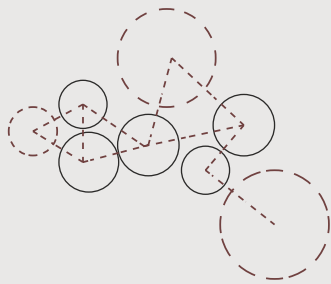


b. O Espaço Público e as suas Ligações



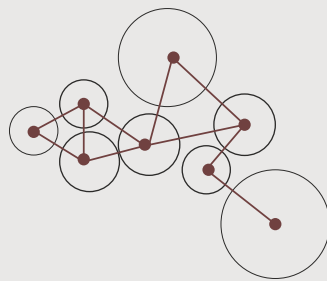


16-Cortes-tipo da proposta de actuação sob vias existentes. Recorre-se ao (re)desenho de passeios e estacionamentos bem como os mesmos critérios ensaiados sobre os vazios



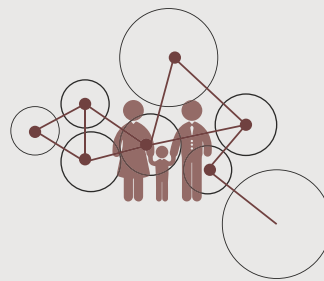
Espaços Residuais

+

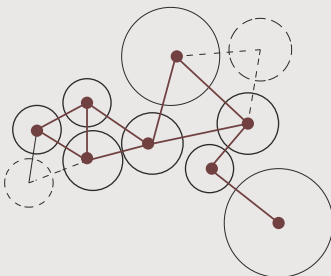


Sistema Espaço Urbano

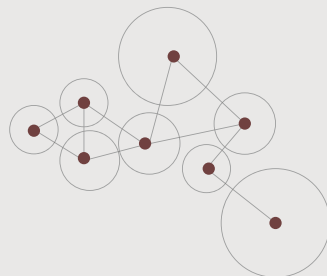
+



a. Participação como Processo =



b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas



c. Proposta: os 6 casos

4.REALISMO POÉTICO: O PROCESSO DE UMA PROPOSTA COM METODOLOGIA EXTENSÍVEL

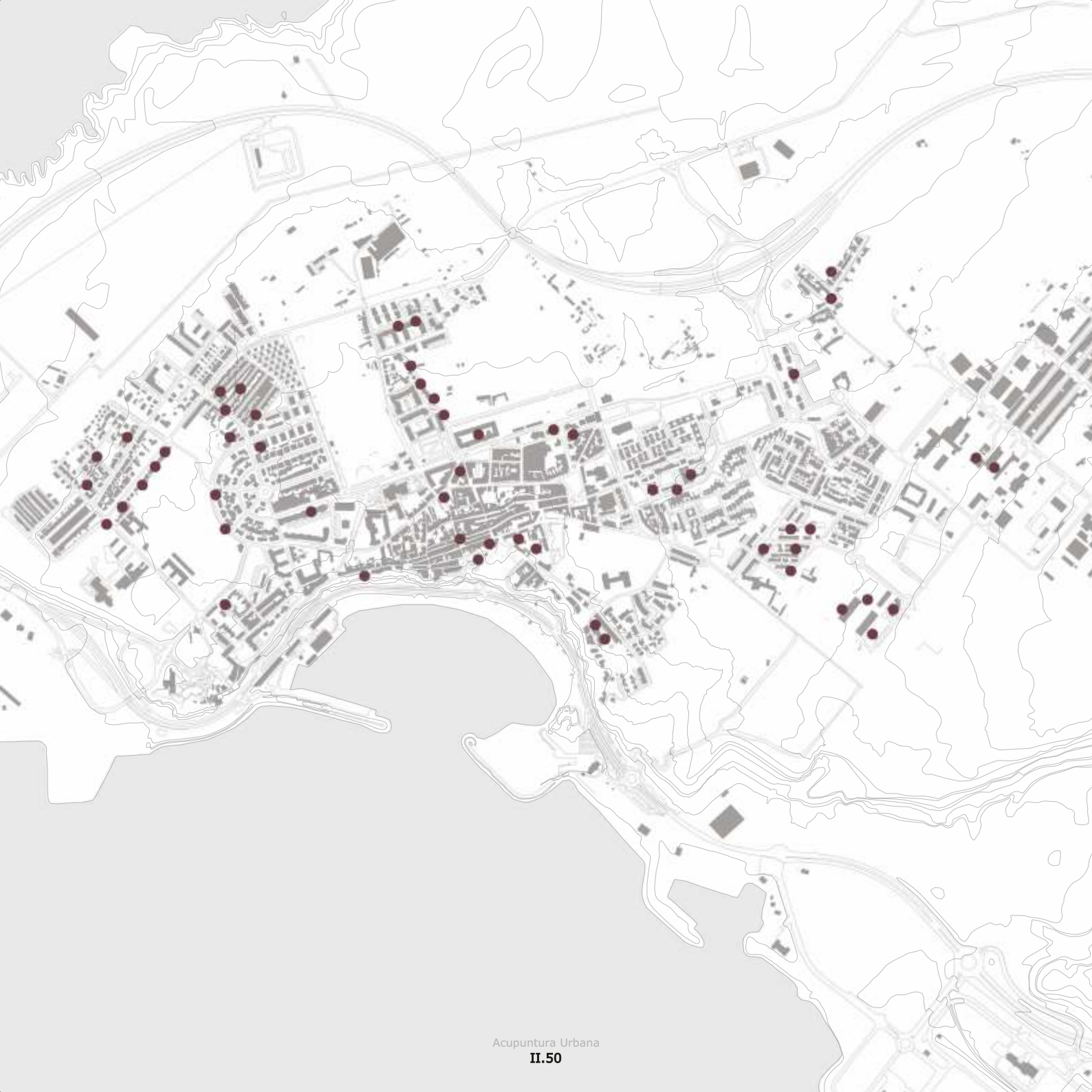
O que significa intensificar e ampliar a Arquitectura, porque mais intensamente se relaciona com os lugares e os seus agentes. Um *learning from*, um *active socioplastics*, que retoma necessariamente a missão de se constituir como contra ponto formal a uma ambição social (SCOTT-BROWN, Denise (2010)). *Ut architectura poesis*, diria Mies van Der Rohe (HARRINGTON, Kevin (1986)), e porque a necessidade última da Beleza não é uma invenção da Arquitectura mas sim da sociedade (SIZA, Álvaro (1995)),o realismo que queremos constuir será um realismo-poético.

Como suporte metodológico para a discussão de possíveis programas de intervenção para Sines, e de forma complementar ao retrato da evolução da estrutura social e económica da cidade, foi realizado um formulário com diferentes questões que se colocaram a habitantes da cidade com recurso a entrevista direta ou por meio eletrónico. A organização do questionário procurou compreender a imagem geral cidade configurada pelos habitantes, tentando em paralelo identificar problemas e lacunas percecionados pelos habitantes.

A amostra recolhida tem um impacto sobretudo metodológico e conceptual, dado que limitações de tempo e de recursos conduzam a um universo inferior a 1% e pouco controlado em termos de heterogeneidade dos diversos grupos populacionais.

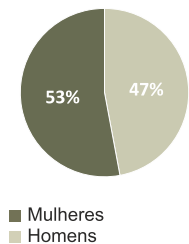
Em paralelo foram questionadas algumas personalidades de áreas conexas da organização do território (arquitetura, paisagismo, planeamento), incluindo elementos da equipa CESUR-IST, que trabalhou em vários dos instrumentos de planeamento em vigor e em preparação para o concelho de Sines e de Santiago do Cacém.

Do cruzamento de circunstâncias e dos múltiplos retratos do lugar surge um sistema de programas de intervenção, que se legitima metodologicamente no mosaico de informações, a caminho de se autonomizar arquitetonicamente no mosaico de relações que estabelecerá com as disposições edificadas dos locais-oportunidades que irá reconfigurar.

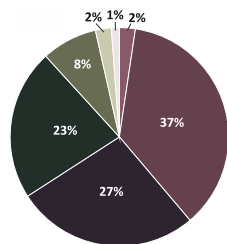


a. Participação como Processo

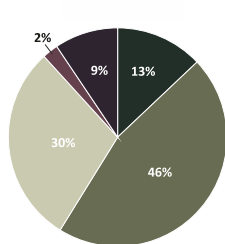
Género



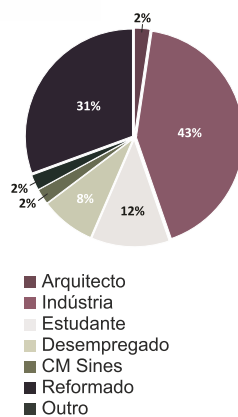
Idade



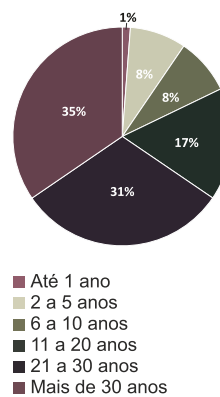
Escolaridade



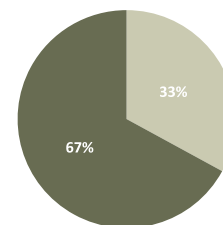
Profissão



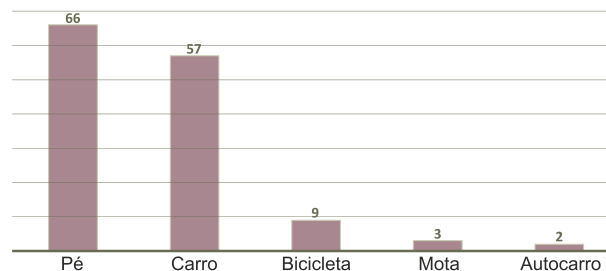
Há quanto tempo vive em Sines?



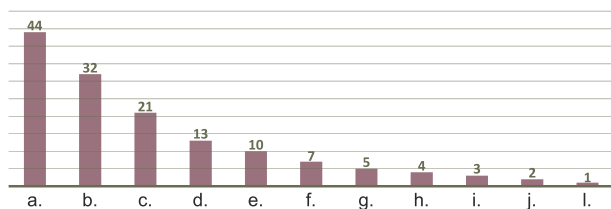
Os edifícios e as ruas estão em bom estado de conservação?



Como se desloca na cidade?

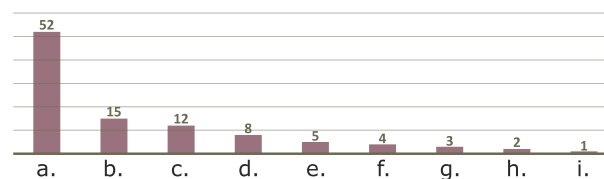


Pontos de Interesse



a. Praia / **b.** Castelo / **c.** Avenida da Praia (Baía) / **d.** Festival Músicas do Mundo; Centro Histórico; Gastronomia / **e.** Paisagem / **f.** Proximidade ao Mar; Centro de Artes / **g.** Costa do Norte / **h.** Museu; Carnaval / **i.** Porto de Pesca; Pessoas; Turismo; Nenhum Aspecto / **j.** Av. Vasco da Gama; Porto Covo; Cultura; Indústria; História; Igreja / **l.** Cinema; Elevador; São Torpes; Localização

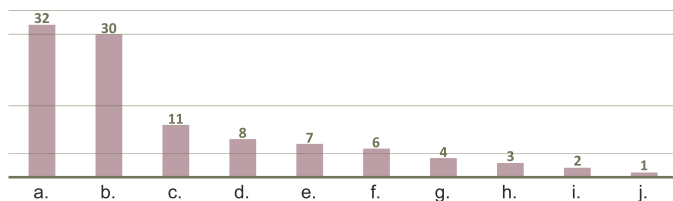
O que gosta de fazer em Sines?



a. Passear / **b.** Ir à praia / **c.** Praticar desporto / **d.** Ver o mar / **e.** Nada; Cinema / **f.** Actividades ao ar livre / **g.** Pescar; Sair à noite / **h.** Socializar / **i.** Participação Cívica; Surf; Ficar em casa; Participar em actividades culturais

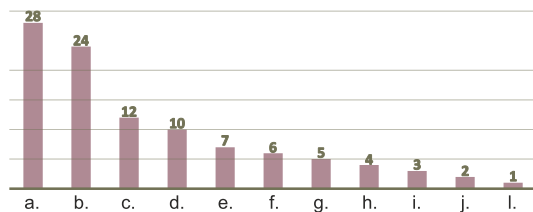
a. Participação como Processo

O que mais gosta em Sines?



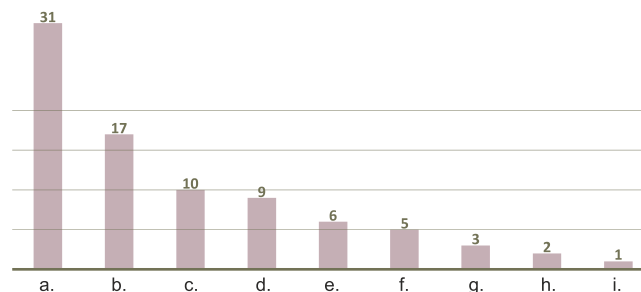
a. Praia / **b.** Proximidade ao mar / **c.** Ambiente calmo / **d.** Paisagem; Centro Histórico / **e.** Marginal; Eventos / **f.** Localização geográfica / **g.** População; História / **h.** Gastronomia / **i.** Qualidade de vida; Jardins; Diversidade Cultural; Noite / **j.** Elevador; Variedade de supermercados; Nada; Cinema; Ensino; Trabalho na cidade; Actividades Desportivas; Porto; Porto Covo

Quais são os problemas de Sines?



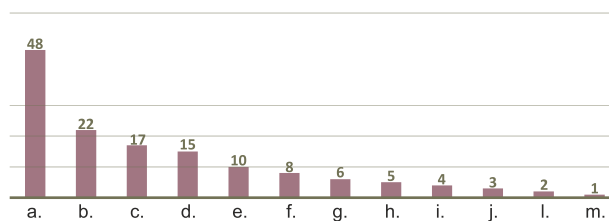
a. Falta de manutenção do espaço público / **b.** Poluição / **c.** Falta de limpeza nas ruas / **d.** Falta de aposta no turismo / **e.** Falta de oferta cultural; Falta de actividades para jovens / **f.** Falta de segurança; Falta de espaços verdes / **g.** Organização urbana / **h.** Falta de um parque de campismo / **i.** Falta de vida nocturna; Falta de um pólo universitário / **j.** Desertificação do centro histórico; Falta de canil; Excesso de superfícies comerciais; Falta de espaço para praticar desporto ao ar livre / **l.** Vandalismo; Falta de parque de caravanas; Falta de dinamização da baía da praia; Falta de estacionamento; População envelhecida; Má sinalização junto das escolas

O que não gosta em Sines?



a. Poluição / **b.** Falta de Manutenção do espaço público / **c.** Falta de limpeza das ruas / **d.** Abandono do Centro Histórico; Falta de actividades de lazer / **e.** Confusão urbanística; Indústria; Falta de actividades para jovens / **f.** Aspecto da cidade; Cheiro; Elevador; Falta de segurança; Pouca aposta no turismo / **g.** Falta de vida nocturna / **h.** Parque de campismo; Centro de Artes; Falta de actividades relacionadas com o mar; Vandalismo; Falta de espaços verdes / **i.** Falta de espaço para desporto ao ar livre; Falta de parques infantis; Falta de estacionamento; Falta de abrigo para os animais; Falta de emprego para o sector feminino.

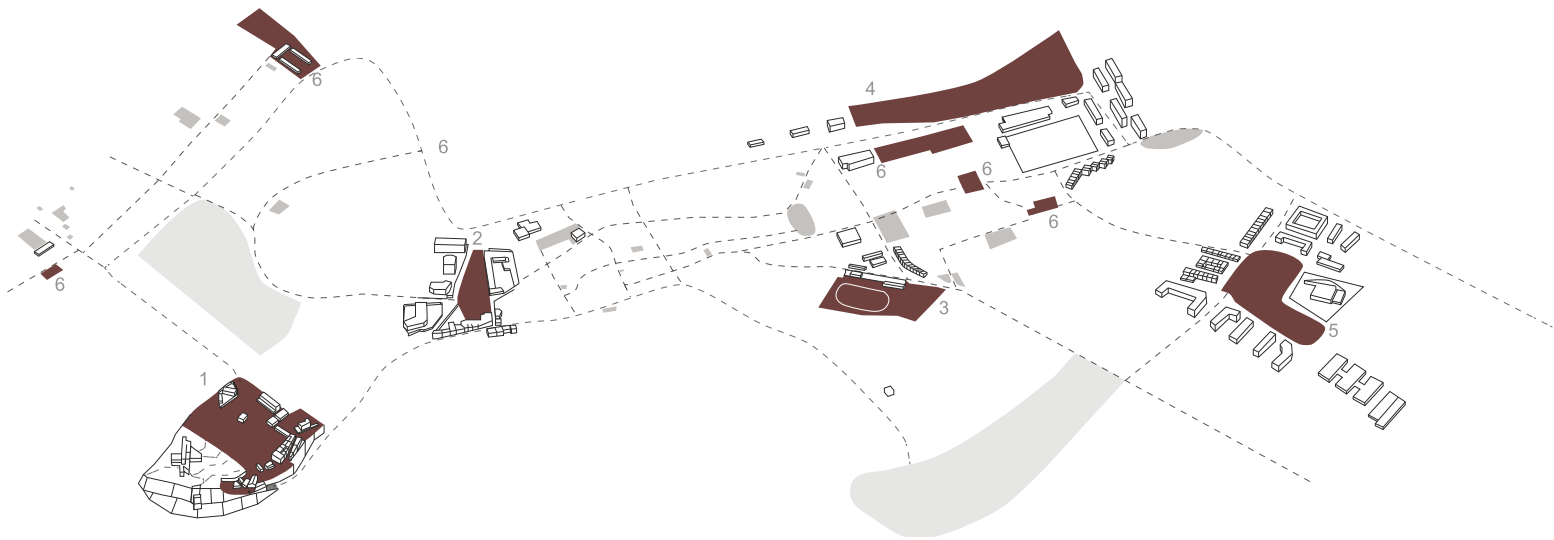
O que falta em Sines?



a. Zonas verdes / **b.** Centro comercial / **c.** Tribunal / **d.** Parque infantil; Centro de Saúde / **e.** Comércio local / **f.** Estruturas de apoio a campistas e caravanas / **g.** Teatro / **h.** Actividades para jovens / **i.** Parques recreativos; Discoteca / **j.** Canil; Posto da Polícia; Universidade; Espaços Sociais / **l.** Comboio; Hotel; Eventos; Cinema; Parque Municipal de Desporto / **m.** Piscina de água salgada; Pousada da juventude; Terminal rodoviário; Nova rota de autocarro; Escola de artes; Parque de merendas; Mercado; Hospital; Ludoteca



19 - Planta síntese com a proposta de grupo e as localizações dos projetos individuais



1. Indelével: Centro do Mar. Ana Fragata
2. Conexões Morfológicas: Museu de Sines. Luis Martins
3. Limite Difuso: Reconversão do Parque Desportivo Municipal João Martins. Andreia Tavares
4. A vida no Bairro: Centro Comunitário e Habitação. Nádía Gomes
5. Do fragmento à humanização do lugar: Compleo de Piscinas e Habitação. Sara Baião
6. Dos Lugares da Cidade à Cidade como Lugar. Susana Rego

20 - Axonometria síntese com a proposta de grupo e as localizações dos projetos individuais

5. BIBLIOGRAFIA

FRAMPTON, Kenneth (2000) "Seven points for the millennium: an untimely manifesto", in *The Journal of Architecture*, Volume 5, 2000, RIBA, London, pp21-33.

HALL, Edward (1986) "A Dimensão Oculta", *Relógio d'Água*, Lisboa

HARRINGTON, Kevin (1986) "Order, Space, Proportion - Mies's curriculum at ITT", in *Aavv*, 1986. *Mies van der Rohe: Architect as Educator*. The University of Chicago Press, EUA, pp67.

LEFAIVRE, Liane (2002) "Aldo van Eyck: The Playgrounds and the City", *Stedelijk Museum Amsterdam*, Rotterdam

LEFEBVRE, Henri (1974) 1991. *The Production of Space*, Blackwell Publishing, Oxford.

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzane e BELO, Duarte (fotografia) (2010) *Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Circulo de Leitores, Lisboa.

5. BIBLIOGRAFIA

STRAUVEN, Francis (1998) "Aldo Van Eyck: the shape of relativity", Amsterdam : Architectura Natura

SCOTT-BROWN, Denise (2010). Entrevista, GIZMOWEB, editada por Silvia Micheli. Venezia, IUAV, Badoer, Aula Manfredo Tafuri. Scuola di Dottorato IUAV. June 24th 2010.

Disponível em <http://www.gizmoweb.org/tag/rem-koolhaas/page/3/>

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002) "Territórios", Gustavo Gili, Barcelona

TILL, Jeremy (2009) Architecture Depends, MIT Press, Cambridge MA.

TÁVORA, Fernando (1963) "Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, 1957-1961", in Fernando Távora, 1993, Blau, Lisboa, pp86-88.

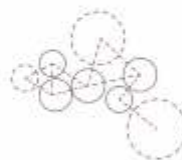
SIZA, Álvaro (1995) "Sobre Pedagogia". In MORAIS, Carlos, 2009. 01 textos: Álvaro Siza Vieira. Civilização Editora, Porto, pp167-169.

6. ANEXOS

a. Paineis submetidos ao Concurso Prémio Universidades' da 4ª Edição da Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016

ACUPUNTURA URBANA

dos espaços residuais à constelação de lugares-forma



1. Situa. Cidade Planificada

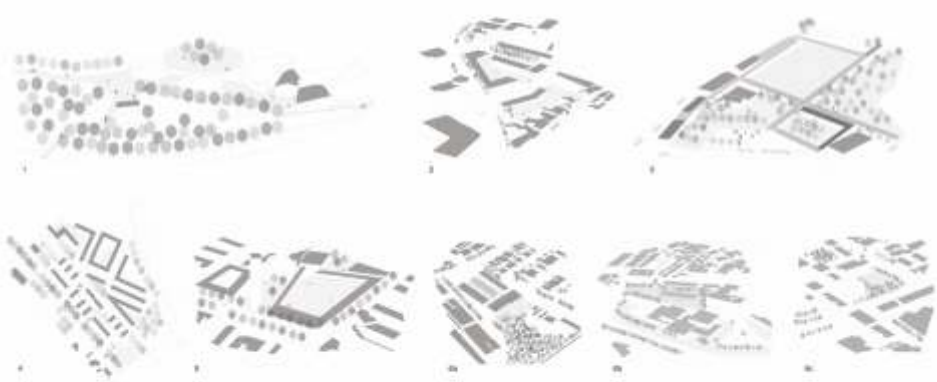
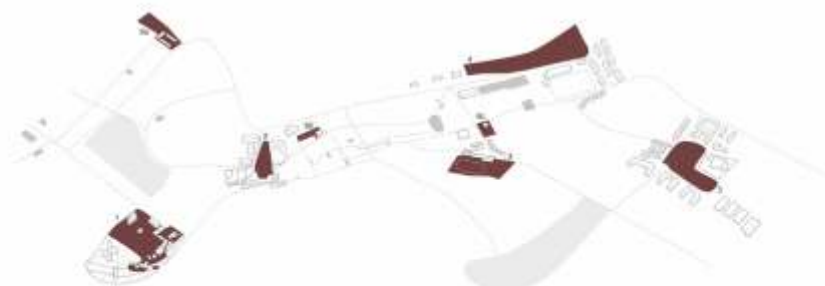
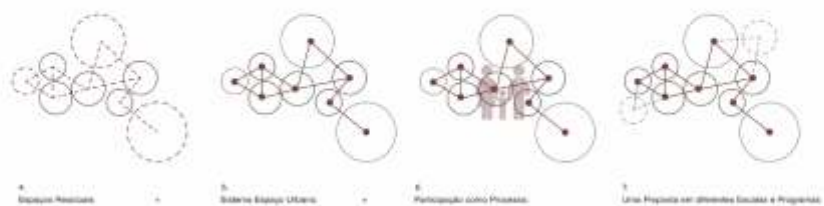
2. Situa. a Cidade-Morfo dos Planos

3. Situa. as Morfo como Oportunidades

Agir sempre existe e direte a um desejo com qualidades
iniciais que se tornam como produto social a melhor
possibilidade de vida comum. Agir de uma forma, consiste sobre
espécies essenciais, habitar-se-lhe ou à espera de
concretização planejada. Agir com consciência do tempo e da
impulsão das coisas, procurando "lugares-forma" e não tanto
"produtos-forma". Agir através de "acupuntura" significa de
circunstâncias reais para passá-las reais em que a estrutura
urbana não será uma "tela" estrutural rígida, mas sim a
constituir-se pelo próprio tecido. Agir segundo uma metodologia
que suporte várias soluções, em vários lugares e com várias
escalas, entre a Arquitetura se constitui como componente
formal e uma ação social.



1. Lamentavelmente este mapa da cidade de São Paulo apresenta de informações sobre os espaços



Propostas
 1. Intervenções Centro do Mar; 2. Corredores Montepio; Museu do Sítio; 3. Linha Elétrica; Parque Desportivo Alameda João Moreira; 4. 4.4 Mile no Bairro; Centro Comunitário e Politécnico; 5. Espaço fragmento à humanização do espaço; Complexo de Planície e Habitação; 6. Área Equipada interrelacionada em Lugares-Cópis; 7. ARQ Zona da Floresta Lúden, Cadeiras, Cadeiras; 8. Mercado Municipal Interiores do Mercado; 9. Lago Parque Pavão (Parque Infantil, Esplanada, Jardim)



Planta de áreas con propuestas sobre un sistema de intervención a escala principal del proyecto global

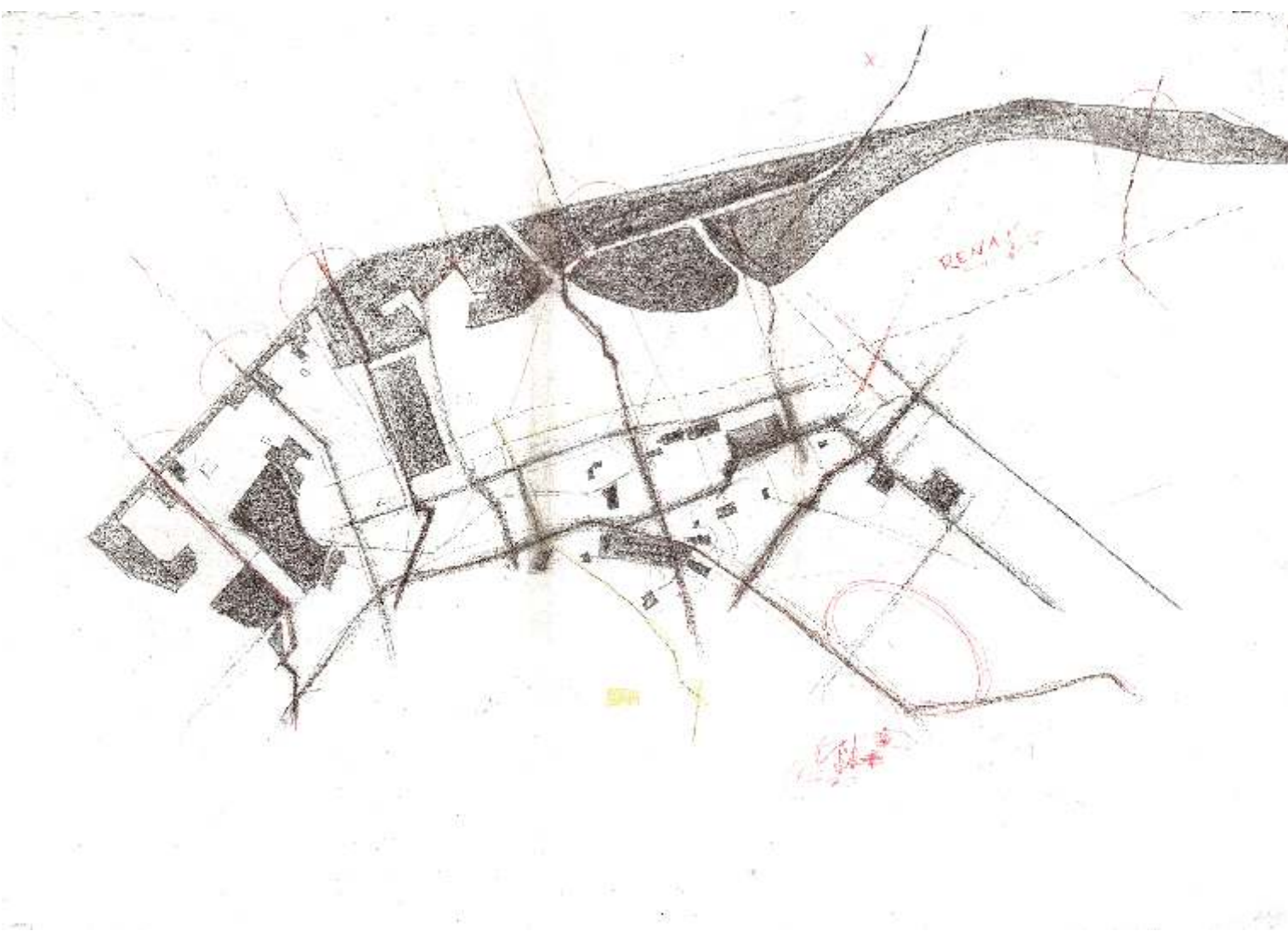


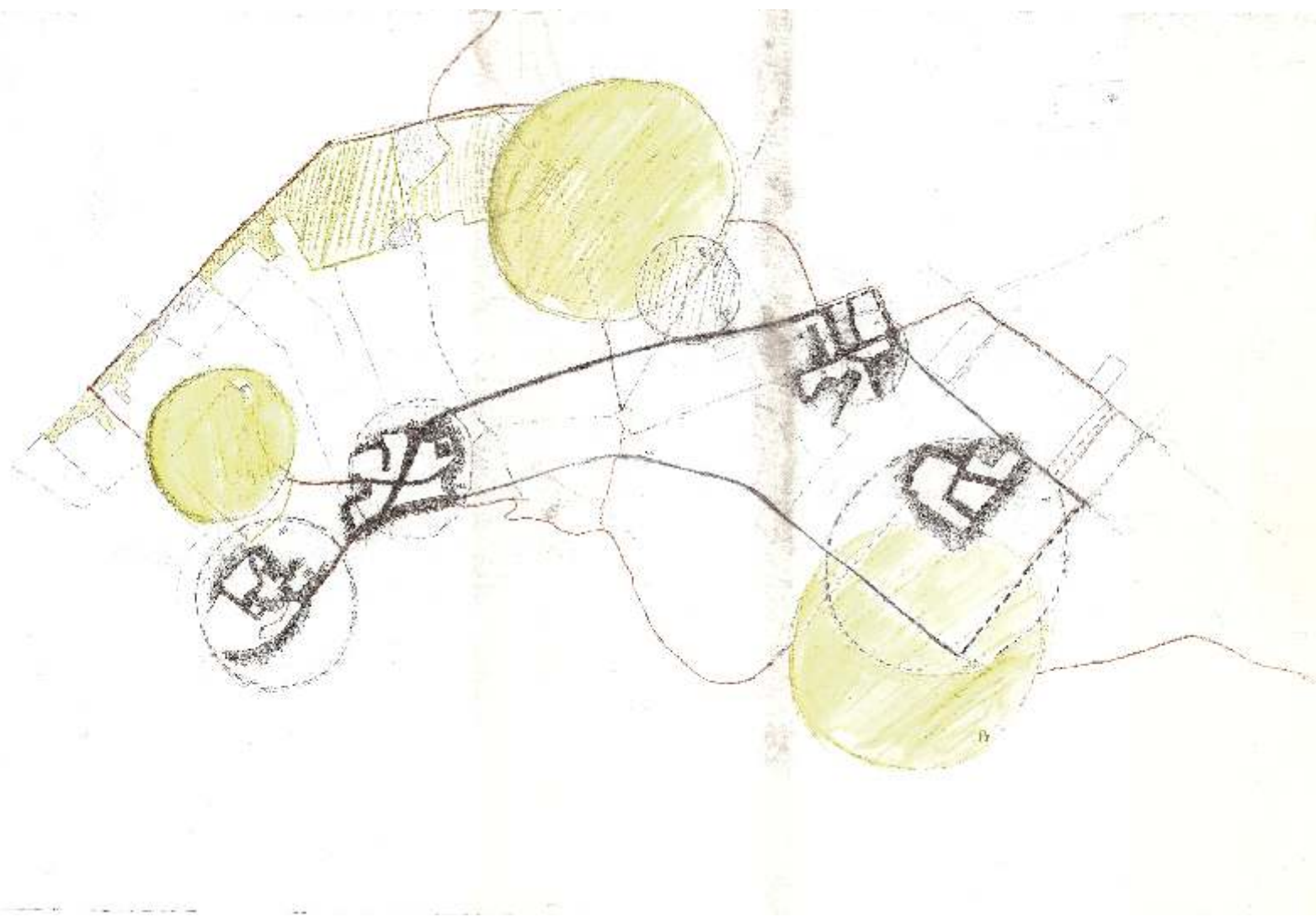
Argomenti Urbani: Area Paganà Residua e Consolidata Area Loggione Poine
©2017 - Istituto Universitario di Urbino, D. Ann. Architettonica Paganà Poine Poine
Autore: Anja Thigari, Andrea D'Amico, Luis Martín, Felisa Gomez, Sara Dotti e Susana Bago

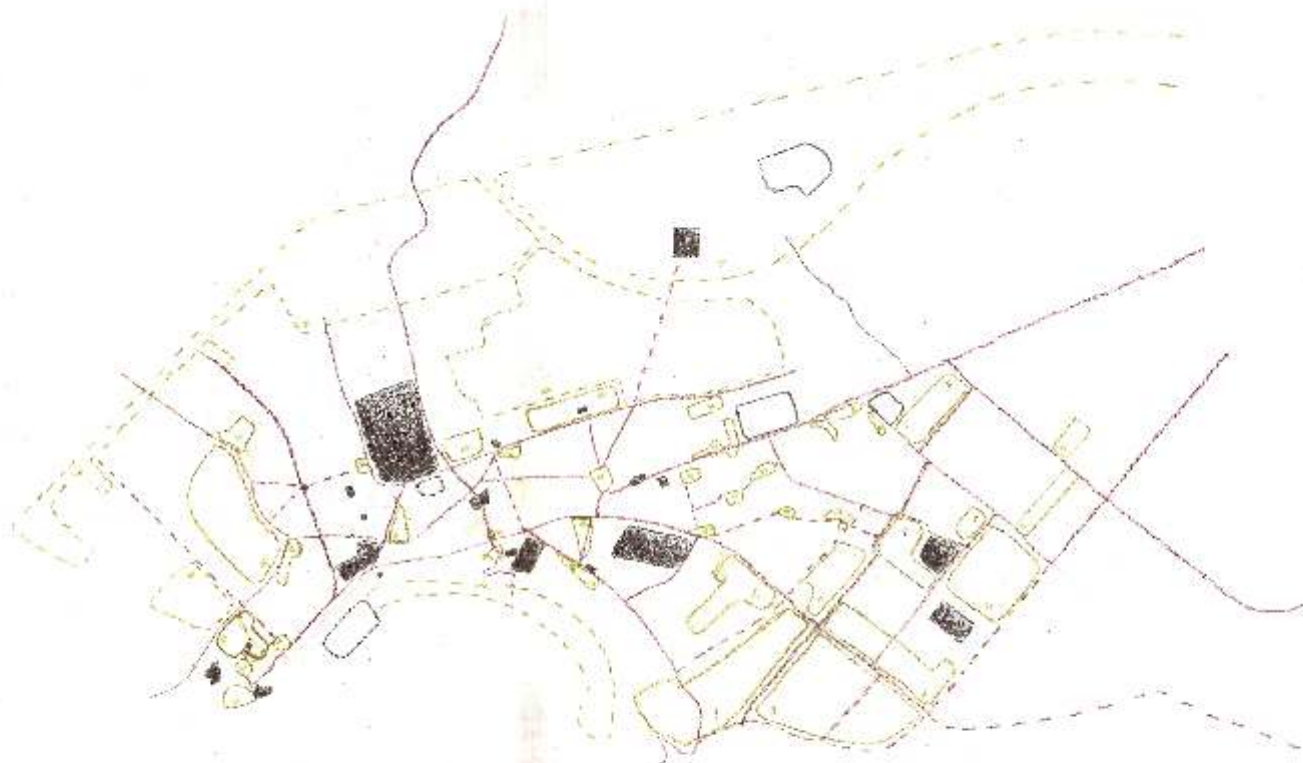


6. ANEXOS

b. Esquiços de processo de trabalho







VERTENTE PRÁTICA

Projeto Individual

Conexões Morfológicas - o Museu de Sines
Centro de Apoio Social

Í N D I C E

76	1. Memória Descritiva
77	2. Diagramas de estudo do local
82	3. Alterações na malha urbana
83	4. Proposta Geral
84	5. Definição do programa
88	6. Anexos



Fotografia aérea de parte da cidade de Sines, com incidência sobre o local de intervenção.

1. MEMÓRIA DESCRITIVA

Ao fundo se vê o mar. Aquele longo manto azul que circunda as altas chaminés carregadas de uma cinzenta neblina delimitam a acolhedora cidade de Sines, tal como um postal de visita. A cidade industrial ecoa entre vozes numa cidade de retalhos, em busca de se unir em torno da sua história piscatória e ligações marítimas. É dessa história que vive a maioria dos seus habitantes. É comum em cada canto se ouvir memórias dos tempos heróicos na vanguarda da pesca, que ainda hoje marcam a cidade de Sines. *Outros tempos*, talvez. Hoje o manto azul é distante, e um perfeito exemplo das mudanças que a cidade precisa.

A análise de grupo reflete as contantes divisões da malha urbana. De individualismos urbanos a vazios inexplicáveis, a cidade cresce no sentido errado. Mais do que ninguém, a crise económica estende-se a olhos vistos e as mudanças tornam-se urgentes. O múltiplo centralismo delineado apresenta um viável rejuvenescimento da cidade, criando conexões de diferentes espaços num só. O vazio constante dá lugar a um novo espaço, uma nova ligação, uma nova vivência na cidade. É uma nova Sines.

O local definido para o desenvolvimento do projeto individual procura criar novas ligações entre espaços comuns e diferentes. Identifica-se, assim, a necessidade de conjugar dois espaços de públicos diferentes: um espaço turístico ligado a novas visitas da cidade; e um espaço social, abraçando a população com serviços de apoio à comunidade. O mais importante entre estes dois espaços é a procura de uma interação com o mar, com uma ligação entre o centro da cidade e a praia. É entre *conexões morfológicas* que nasce um novo espaço e, entrelinhas, novas vivências. A cidade deixa de ser uma paisagem industrial, para ser uma nova cidade. Uma cidade de acordo com a sua história, mas com um olhar sobre o seu futuro.



Local de intervenção abrangente, procurando novas ligações entre diversos pontos de relativa importância na vivência diária da comunidade (mercado, Centro de Artes, etc)



-  Pontos Frágeis
-  Pontos Fortes



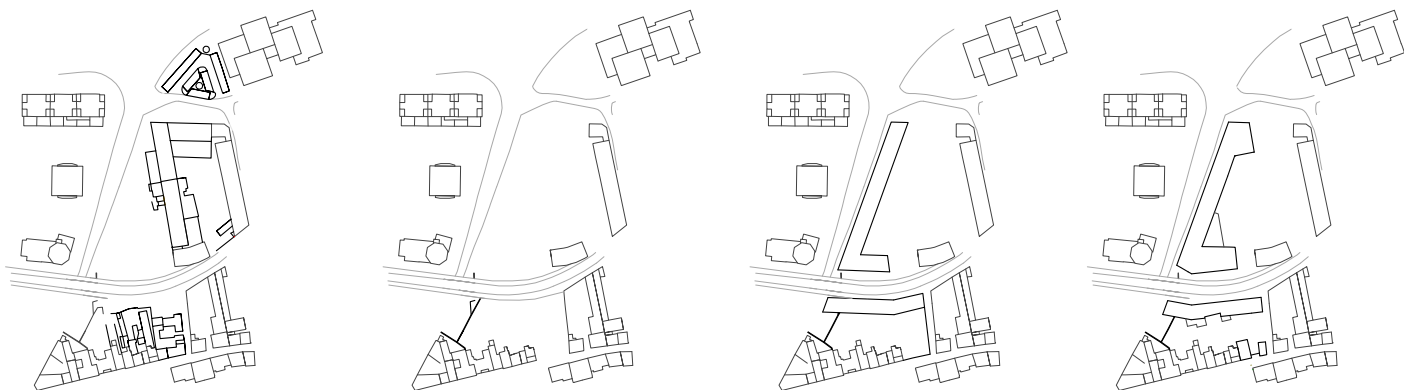
— Novas ligações

— Ligações existentes



Delimitação da zona de intervenção



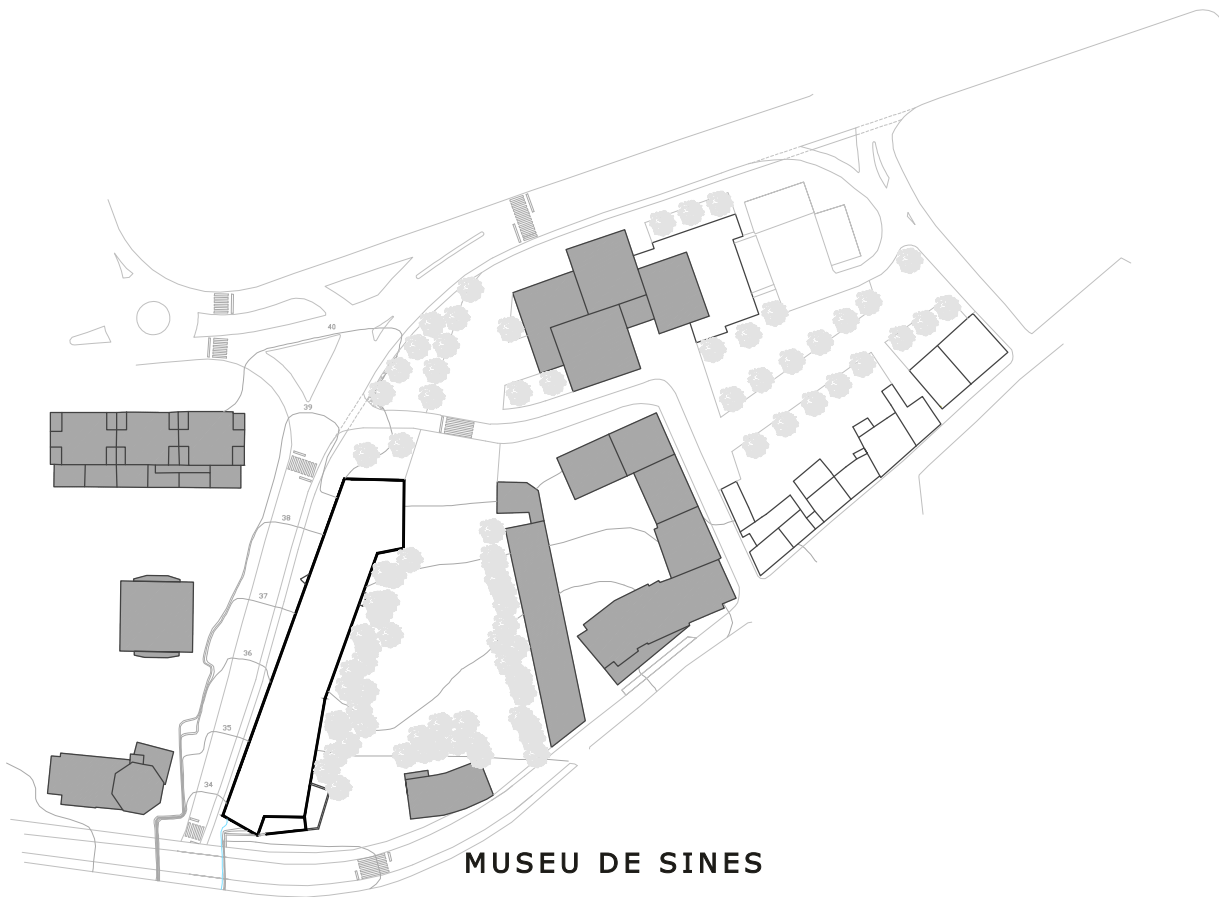


Alterações na malha urbana, com a demolição de edifícios em estado elevado de degradação.



Proposta Geral:

- Mercado. 1
- Hotel. 2
- Proposta de Hostel. 3
- Proposta de Museu. 4
- Proposto de Centro de Apoio Social. 5
- Linha do mar. 6
- Ligação do centro à praia. 7
- Ciclovía. —



MUSEU DE SINES

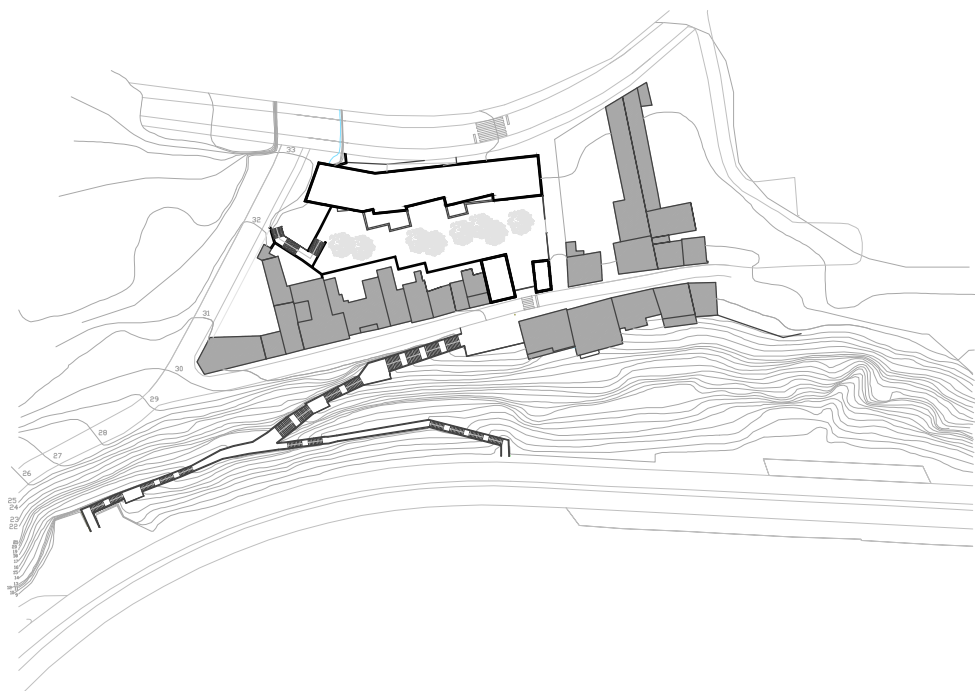
Projetando uma nova praça conectando vários pontos (Mercado a norte, Praia e Centro Social a sul, Hotel a este e Espaço Santa Casa a oeste) o Museu de Sines pretende explorar o mercado turístico da cidade, aproveitando a ligação centro-praia e o longo historial de Sines.

- Posto Turístico;
- Loja com artigos da cidade;
- Sala expositiva entre 2 andares;
- Administração;
- Depósito;
- Armazém;
- Espaço de tratamento de espólio;
- Auditório para 36 lugares sentados;
- Estacionamento público (para o Museu e zonas envolventes para 62 lugares + 2 deficientes + parque para motos).

CENTRO DE APOIO SOCIAL

O Centro de Apoio Social pretende explorar serviços de apoio à comunidade, resolvendo um espaço degradado e com edifícios em ruínas. Pretende também explorar a ligação à praia, com uma ligação renovada que resolve o declive da colina.

- Espaço social com jornais do dia;
- Espaço de leitura;
- Sala polivalente;
- Espaço de formação e reuniões;
- Cafetaria;
- Espaço de aluguer para comércio local;
- Pátio com ligação aos principais eixos de circulação;



6.ANEXOS

Enunciado da vertente prática do Projeto Final de Arquitetura 2015/2016

If your only solution is a building..., then you are very limited. But if you are offering the world the ability to make sense, and to make connections, to work in a relational manner, then that's where you can be much more productive.

Jeremy Till, 2014¹

I am convinced that architectural and planning schools throughout the world should give much greater emphasis to the cultivation of landscape as an overarching system rather than concentrating exclusively, as they have tended to do up to now, on the design of buildings as free-standing objects

Kenneth Frampton, 2000²

Acupuntura Urbana

Kenneth Frampton afirmava em *Seven points for the millennium: an untimely manifesto*³ que com a queda do projeto Socialista no final do século XX, ao qual a arquitetura moderna estava tão “*intimamente ligada*”, a profissão teria que procurar novas formas profícuas de envolvimento com a sociedade. Uma das possibilidades seria encarar a sociedade no seu todo como um cliente, e para tal, dizia que a educação de base em “*design ambiental*” de toda a sociedade seria um fator determinante para a melhorar o entendimento dos próprios clientes, da sociedade, uma vez que a qualidade em Arquitetura é impraticável sem bons encomendadores. Ao mesmo tempo e em complemento, a própria profissão teria que rever os seus objetivos pedagógicos, equilibrando o treino profissional com uma responsabilidade ética e cultural, que seria proporcionada por uma formação mais abrangente dos futuros arquitetos.

Frampton argumenta que a globalização, a tomada de consciência dos limites e da fragilidade do ambiente e dos recursos naturais, soçobrara o tecno-otimismo do século XX, cuja excessiva preponderância técnico-científica conduziu a uma disrupção entre civilização e cultura, levando ao crescimento desmesurado e

1 Jeremy Till, 2014, entrevista a Leonardo Novelo, Dezembro de 2014, em Central Saint Martins, sobre a exposição “Scarcity” Room, Londres, FAD (Fostering Arts and Design), publicado em Xarxes d’Opinió. Disponível em <http://inputmap.com/inputmap-central-saint-martins-conversation-with-jeremy-till/>.

2 Kenneth Frampton, *Seven Points for the new Millenium: an untimely manifesto*, The Journal of Architecture, Volume 5, Springer, 2000, p27.

3 Kenneth Frampton (2000). *Seven points for the millennium: an untimely manifesto*, The Journal of Architecture, Volume 5, Springer.

desequilibrado dos aglomerados urbanos, com enormes implicações ambientais, ao ponto de se extinguir a própria capacidade de regeneração do ambiente construído pela edificação,⁴ surgindo agora a intervenção na estrutura ecológica e na paisagem, como estratégia redentora e como fator mais premente do que a edificação enquanto “*objeto isolado*”.⁵

Consequentemente, mais do que uma Arquitetura como acontecimento expressivo, o novo milénio necessita uma Arquitetura simultaneamente “*contexto de cultura*” e “*expressão cultural em si mesma*”, pelo que uma abordagem acriticamente expressiva seria um ato redutor do “*carácter sociocultural*” da Arquitetura, que deverá antes ser, num contexto de crise política, económica e social, orientado não como um “*produto-forma*” mas cada vez mais como um “*lugar-forma*”, circunstancia participante de um processo contínuo de regeneração, uma autêntica “*acupuntura urbana*”.⁶

Estas ideias, de lugar-forma e de exaustão ideológica, económica e edificada, patente nos países do Ocidente capitalista e industrializado, seria, como sabemos, acentuada pela Grande Depressão de 2008. Em paralelo, aspetos como a humanização da tecnologia, a utilização dos recursos da informatização para a participação social, prometem novos modelos de planeamento e de edificação, onde o projeto de arquitetura será porventura mais discutido e as decisões de programa e projeto mais participadas. No conjunto, estes temas transversais da contemporaneidade estarão presentes nos exercícios que agora lançamos.

⁴ Cf. Kenneth Frampton (2000:24): “*meio século atrás a relação dialéctica entre civilização e cultura ainda admitia a possibilidade de manter algum controlo sobre a forma e o significado do tecido urbano. Os últimos trinta anos transformaram radicalmente os centros metropolitanos do mundo desenvolvido*” (tradução livre).

⁵ Cf. Kenneth Frampton (2000:27): “*estou convencido que as escolas de Arquitetura e planeamento em todo o mundo deveriam dar uma muito maior ênfase à cultura da paisagem como um sistema de referência em vez de se concentrarem exclusivamente, como têm tido tendência a fazer até agora, ao desenho de edifícios como objetos autónomos*”, (tradução livre).

⁶ Kenneth Frampton (2000:27-28), (tradução livre).



Imagem: Google Maps, Sines

Trienal de Lisboa

A unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do 2º ciclo do MIA no ano letivo 2015/2016 acompanhará o desafio do “*Concurso Universidades*”, integrado na programação da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, com o tema “*Sines - Industria e Estrutura Portuária*”.

O programa do concurso afirma que os Objetivos do exercício proposto se coloca no “*limite entre a transformação poética e a experiência política e com um primeiro objetivo: conservar e multiplicar a potência produtiva do lugar*”⁷, organizando-se em quatro tópicos: Escala; Produção; Limites e Tempo. Da leitura destes tópicos, realçamos o contraste entre as realidades infraestruturais supralocais e a condição habitacional, ambiental e cultural do local. Conduzidos pela potência da atividade portuária, na definição do Tema, o programa lança uma série de questões iniciais, que se centram sobretudo no impacto extraordinário das infraestruturas logísticas, nas relações de fronteira e limite entre cidade e espaços industriais e na possibilidade, quer de partilha de espaços e usos, quer nas possibilidades de integrar a arquitetura nestes locais fortemente funcionais.⁸

⁷ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Objetivos.

⁸ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Tema. Designadamente: “*Como é que a arquitetura pode intervir na mecânica produtiva das infraestruturas logísticas? Como, no contexto de infraestruturas de grande peso, pode pensar nos usos partilhados e nos espaços limite ou fronteira entre cidade e linha costeira?*”

Referindo-se ao Lugar, o programa destaca os blocos do Porto Industrial e Logístico; da Refinaria Sines-Galp; a Central Termoelétrica e o Centro Urbano de Sines. Para além das especificidades de cada um destes polos, o programa prévio realça que se resumem “*na complementaridade de produção das diferentes estruturas, a compatibilização e partilha de novos programas, a transformação de espaços e a apropriação de terrenos expectantes*”. Solicitando uma visão “*estratégica*”, o programa avança que o lugar de intervenção “*deverá ser encontrado nos espaços de contacto entre a cidade e as diversas áreas do porto. A frente de praia, a lota e o fundeadouro de barcos de pesca, o espaço em torno dos limites da pedreira, a central termoelétrica em frente à praia de S. Torpes, são espaços e programas que se encontram entre as estruturas existentes e a linha de costa, com grande potencial de transformação. Estes espaços podem vir a estabelecer outras possibilidades de relação com espaços de investigação e turismo dentro das 12 milhas náuticas disponíveis ao largo da costa e olhares específicos até hoje não considerados*”.⁹

Programa e Objetivos de PFA

Adotando o tema dos limites entre cidade e porto e indústria, o programa de trabalho proposto desliza no entanto, a partir dos extremos norte e sul da frente de mar da cidade, para a faixa em arco, de limite da cidade de Sines para com o sistema infraestrutural e industrial do lado terra, já em pleno planalto, almejando o desenvolvimento de uma visão estratégica, de consolidação das franjas e dos elos incompletos da cidade, numa faixa larga de território, delimitado exteriormente, através do conjunto semicircular das rodovias A26 e N120-4 e N120-1. Este longo corredor semicircular é encarado como uma oportunidade de agir sobre um conjunto de situações que se pensa poderão melhorar a atratividade urbana do planalto de Sines, simultaneamente mediando as relações de escala e de ambientes entre a realidade urbana e paisagística local e a sucessão de infraestruturas industriais circundantes.

Propõem-se que o eixo programático catalisador da transformação desta faixa de território seja o projeto de um corredor infraestrutural urbano, que instale em

Como confrontar, ocupar e transformar espaços administrados por critérios funcionais estritos, condicionados por razões de segurança e administrados por princípios de máxima rentabilidade?”.

⁹ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Lugar.

paralelo ao sistema rodoviário e ao sistemas de pipelines, um sistema de espaços públicos de circulação eminentemente pedonal e ciclável, cuja implantação, desenvolvimento e entrecruzamento com os sistemas urbano e de paisagem existentes, incluindo os eixos radiais de interligação do centro de Sines com o território circundante, poderá ter a potencialidade de constituir momentos de reorganização dos espaços edificados existentes, conferindo uma nova urbanidade e pontuando, no momento e numa perspectiva de desenvolvimento, o sistema urbano, dando-lhe uma visão futuro, de conjunto, em forma de projeto de cidade e de arquitetura.



Imagem: Ecossistemas Urbanos 2008-2009, Reformulação da zona industrial de Avilés, numa tentativa de amenização do impacto ambiental da industria.

O estabelecimento desta cintura-corredor de espaço público semi-edificado, abre ainda para um conjunto de questões conexas ao atual momento cultural, económico e político, frente às quais deverá a arquitetura se posicionar e responder criticamente, na forma de projetos que correspondem a hipóteses de um futuro melhor para as comunidades. Referimo-nos a questões como o que fazer com áreas urbanas incompletas e fragmentadas, num momento de forte retração económica e populacional e de como aumentar a atratividade e revalorizar áreas degradadas, com escassos recursos públicos. Ao mesmo tempo, face à disponibilidade de terrenos e à necessidade de completar espaços urbanos, pergunta-se que usos alternativos se

podem convocar. Para além dos novos espaços de lazer, associados à atividade física, ao desporto e ao passeio, espera-se que os exercícios especulem sobre novas possibilidades produtivas, edificadas e paisagísticas para a cidade, seja pela produção de energia e de alimentos limpos, seja pela amenização ambiental da pegada urbanística tradicional, seja pela redefinição dos lotes e das tipologias edificadas tradicionais. Nos extremos norte e sul, este sistema poderá aproximar-se e tocar a frente marítima, unindo-se ao sistema de espaços indicados no programa da Trienal, designadamente nas proximidades da pedreira e da zona portuária exclusiva adjacente, culminando na marginal de mar de Sines, junto ao antigo café do Clube Naval de Sines.

Associado a estas questões transversais ao momento atual, a Trienal propõem usos a desenvolver, como sejam catividades e alojamento turístico e instalações ligadas ao ensino e à investigação sobre o mar e sobre as atividades industriais conexas. De referir ainda a necessidade de se cruzar e confrontar estes programas académicos com as estratégias e com os instrumentos de planeamento locais, nomeadamente com o Plano Diretor Municipal de Sines e o Plano de Urbanização de Sines.

Desta forma o âmbito dos trabalhos oscilará entre o Projeto Urbano e o Projeto de Arquitetura, incidindo na relação da cidade de Sines com a sua envolvente industrial e paisagística, considerando a tradicionalmente trabalhada frente marítima, mas sobretudo incidindo na menos visível e menos intervencionada frente terrestre.



Imagens: (1) Steven Holl, barras de contenção espacial em Phoenix, assinalando um limite entre as áreas urbanizadas e as áreas naturais; (2) Álvaro Siza, o vazio, o existente e o aqueduto como elementos de estrutura urbana na Malagueira, Évora, permitindo um modelo radial de expansão que admite espaços naturais intersticiais, no limite entre o urbano e o natural.



Imagens: (1) MVRDV, transformação da paisagem rural, uma tentativa de urbanização-rural, nas franjas de núcleos urbanos mais densificados, em Almere Oosterwold Master Plan, Almere, Holanda (2) APRT e KHR Arkitekter, monorail como elemento de estrutura urbana, em Orestad Masterplan, Copenhaga. Neste caso um eixo infraestrutural permite a redefinição dos limites da cidade.

Aceitando que a reestruturação do território e da própria arquitetura é uma construção social e económica, procura-se que o trabalho de projeto tenha a dimensão crítica, cultural e material, destes fatores estruturantes, que correspondem às lógicas produtivas de transformação do território e da arquitetura. Seja para as subverter ou seduzir, seja reduzindo-as ou ampliando-as seletivamente, seja com uma outra estratégia e um outro grau de relação crítica, o projeto terá como objetivo construir uma hipótese de futuro por que valha a pena trabalhar.

Faseamento

O trabalho será anual, alicerçado num único exercício de fundo, organizado em fases sequenciais de projeto. Para cada fase será entregue um enunciado parcial, indicando o tipo e qualidade de trabalho a ser desenvolvido, assim como eventuais subfases e respetivos prazos de elaboração. Serão igualmente definidos objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação. O faseamento corresponderá à seguinte organização:

Fase A: Análise, Programas e Estratégias Urbanas e Arquitetónicas

Trabalho de Grupo: Evolução e Estrutura Urbana e Fundiária; Evolução e Estrutura Portuária e Industrial; Evolução e Estrutura Natural Biofísica; Evolução e Estrutura Social e Económica; Iconografia e Tipologia Edificada.

Produção: Caderno em formato A4 e Apresentação multimédia

Datas de Referência: Entrega a 8 de Outubro

Avaliação: Profundidade e Rigor dos elementos produzidos, qualidade da apresentação, intensidade da participação.

Fase B: Plano de Estrutura Urbana

Trabalho de Grupo: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:5000; 1:2000; 1:1000; 1:500.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Fase C: Projeto Urbano e Espaço Público

Trabalho de Grupo: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:1000; 1:500; 1:200; 1:50; 1:20.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Fase D: Projeto de Arquitetura

Trabalho de Grupo e Individual: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:200; 1:100; 1:50; 1:20; 1:2.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Cronograma de Referência

Fase	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio
A									
B									
C									
D									

- Produção
- Revisão

Métodos

O método a exercitar será o de uma simulação, controlada e quando possível crítica, das condições da prática do projeto, tendo presente a liberdade de intervenção que o contexto académico permite.

As ferramentas utilizadas serão predominantemente as da representação em arquitetura, entendidas como instrumentos, simultâneos, de concentração de dados analíticos e de experimentação de uma nova ordem material proposta. O trabalho consistirá em *um contínuo administrar de dúvidas*¹⁰, mediante um processo de trabalho com recurso sistemático ao desenho, nas suas múltiplas formas, livre, projetado, perspectivado, notado, diagramado ou maquetado.

Outros meios de investigação-experimentação, como a fotografia, a colagem, o vídeo e sobretudo o texto, serão utilizados em função do curso dos trabalhos e dos interesses expressivos, quer dos projetos, quer dos projetistas. A sustentação das propostas residirá no rigor e no significado das suas metodologias e dos resultados de trabalho.

Privilegiar-se-á um sistema de trabalho simultaneamente em grupo e individual.

Avaliação

Os critérios de avaliação seguem o disposto na FUC na Unidade Curricular e pela normativa atinente do ISCTE-IUL.¹¹ Ou seja, o acesso à Prova Final resultará da ponderação de 2 tipos de avaliação: 1. Contínua (50%) e implica a presença em aulas igual ou superior a 70%, a qualidade da participação nos debates e o envolvimento sistemático no progresso de trabalho. 2. Periódica (50%) associada aos exercícios e organizada em etapas sequenciais. O acesso à Prova Final requer uma declaração da parte do docente-tutor onde é referido que o trabalho reúne as condições necessárias para ser apresentada e discutida em prova pública.

¹⁰ Cf. Vítor Figueiredo, *Fragmentos de um Discurso*. Circo de Ideias, Lisboa, 2012, p.91.

¹¹ A avaliação final (Prova Final) é feita em Júri de acordo com o estabelecido no artigo 22º do DL 115/2013. A classificação deverá cumprir o artigo 24º do DL 115/2013 sendo a valorização da CP de 60% e da CT de 40%. O processo de avaliação rege-se pelo RGACC do ISCTE-IUL, pelo REACC da ISTA e ainda pelas “*Normas Orientadoras para a Dissertação ou Trabalho de Projeto do 2º ciclo – Bolonha*”.

As datas da avaliação periódica corresponderão aos marcos de finalização das diversas fases do exercício, conforme o planeamento geral agora apresentado e conforme o programa específico de cada fase.

Cumulativamente, em cada fase serão explicitados os momentos e os critérios específicos de avaliação correspondentes.

Bibliografia

Trienal

Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, Regulamento do Concurso Disponível em <https://drive.google.com/a/iscte.pt/folderview?id=0B-GJXJLU7zpDfk1RUmFkM2luUjY3cGgwZTBjRTdBNmxHWFhDZWRHdW5vSHJzNHJhV19LY0E&usp=sharing#list>

Sines

Revisão do PDM de Sines - Estudos de caracterização e diagnósticos finalizados. Disponível em <http://www.sines.pt/PT/viver/urbanismo/revisaopdm/Paginas/default.aspx>

Textos Genéricos

Belinda Tato e Jose Luis Vallejo (Ecosistema Urbano). 2012. *Urbanismo instantáneo. De la ciudad a la naturaleza*. Revista Arquitectura Viva, nº 141: Espacios Efímeros. 2012. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/132214370/ARQ-VIVA-141-URBANISMO-INSTANTA-NEO-pdf>

Ecosistema Urbano. 2007. *Ciudad Re*. Revista Neutra nº15.2007. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/136237877/07-06-NEUTRA-n%C2%BA15-CIUDAD-RE-pdf>

Jeremy Till, 2014, entrevista a Leonardo Novelo, Dezembro de 2014, em Central Saint Martins, sobre a exposição “*Scarcity*” Room, Londres, FAD (*Fostering Arts and Design*), publicado em Xarxes d’Opinió. Disponível em <http://inputmap.com/inputmap-central-saint-martins-conversation-with-jeremy-till/>.

Kenneth Frampton. 2000. *Seven points for the millennium: an untimely manifesto* .

The Journal of Architecture. Volume, Issue 1, 2000.

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/136023600373664>

Steven Holl. 1991. *Pamphlet Architecture 13: Edge of a City*, Princeton Architectural Press. Disponível em: <http://www.stevenholl.com/books-detail.php?id=41>

Projetos

Álvaro Siza Vieira. 1976-(...). Quinta da Malagueira. Évora.

APRT, KHR Arkitekter . 1994-(...). *Orestad Masterplan*. Copenhaga. Disponível em <http://www.orestad.dk/>

Ecosistema Urbano. 2004-2007. *Eco-Boulevard*. Madrid
Disponível em <http://ecosistemaurbano.com/portfolio/eco-boulevard/>

El Lissitsky, 1923-25, *Horizontal Skyscraper*, Moscovo.

MVRDV, 2011, *Alemere Oosterwold Master Plan*, Almere, Holanda.
<http://www.mvrdv.nl/projects/oosterwold>

Steven Holl. 1988. *Spiroid Sectors*. Dallas, Fort Worth, EUA. Publicado em El Croquis nº78, 1996, p70-73.

Steven Holl. 1989, *Spatial Retaining Bars*, Phoenix, Arizona, EUA. Publicado em El Croquis nº78, 1996, p66-69.

21 de Setembro de 2015

